

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
CAMPUS BAIXADA SANTISTA**

**INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE**

**DIMITRY FERNANDES**

**PRODUÇÃO ONÍRICA DE ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS PANDÊMICOS  
E O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO**

**SANTOS**

**2021**

**DIMITRY FERNANDES**

**PRODUÇÃO ONÍRICA DE ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS PANDÊMICOS  
E O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como exigência para obtenção do título de bacharel  
em Psicologia da Universidade Federal de São  
Paulo - *Campus* Baixada Santista.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Jaquelina Maria Imbrizi**

**SANTOS**

**2021**

Fernandes, Dimitry

PRODUÇÃO ONÍRICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS  
PANDÊMICOS E O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO / Dimitry Fernandes. - São Paulo,  
2021.

112 f.

Trabalho de Conclusão de Curso, Psicologia, São Paulo, 2021

Orientadora: Prof. Dra. Jaquelina Maria Imbrizi

1. Sonhos. 2. Juventudes. 3. Grupo. 4. Pandemia. 5. Política. 6. Psicanálise. I. Imbrizi,  
Jaquelina Maria. II. Universidade Federal de São Paulo. III. Título

**Dimitry Fernandes**

**PRODUÇÃO ONÍRICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM  
TEMPOS PANDÊMICOS E O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO**

**Presidente da banca:**

**Prof. Dra.** Jaquelina Maria Imbrizi

**Banca examinadora:**

**Prof. Dr.** Tales Afonso Muxfeldt Ab´Sáber

**Assistente Social** Renata Barbosa Reis

## **Agradecimentos**

Agradeço a minha família pelo amparo, suporte e incentivo nesse projeto de mudança tão grande que foi realizar essa jornada. Meu pai Salvador Fernandes Neto e minha mãe Sueli Suzana Campos Fernandes por terem me dado as bases necessárias. Aos meus irmãos Keila Aparecida Fernandes e Diogo Carlos Fernandes por serem, além de meus irmãos, também meus grandes amigos e especiais apoiadores nos meus sonhos. Aos meus sobrinhos Renan Romero Alves e Leandro de Souza Fernandes pelas longas horas de conversa e toda amizade revelada nos momentos de descontração.

Agradeço aos meus sogros Alan Fernandes e Viviane Fernandes - minha segunda família - que me ampararam como novo membro em um momento tão difícil. Superando todos os empecilhos que minha chegada provocou e me aceitaram como parte da família.

Agradeço a Luna Pereira Fernandes, por ser essa companheira tão importante nesses momentos finais e mais desafiadores. Por ter tido toda compreensão e amor, que me serviram de combustível para não desistir. Por ter estado ao meu lado durante a escrita de cada palavra deste trabalho.

Agradeço a Prof. Dra. Jaquelina Maria Imbrizi, por ter me aceito como orientando de forma tão prestativa, em um momento de grande necessidade da minha parte. Por ter reacendido minha paixão pela psicanálise e pela análise dos sonhos. Por ter me ajudado a realizar um sonho de escrever um livro e concluir minha formação. Pela dedicação nas correções, por ter me dado obras maravilhosas para meu estudo. Em especial, por ter construído uma equipe maravilhosa, que permitiu o surgimento do material necessário para a construção desse trabalho.

Agradeço à equipe de trabalho da Roda de Conversas sobre Sonhos. Agradeço aos colegas que me auxiliaram em cada um dos capítulos: Lais Vieira, Jussara de Souza Silva, Jeniffer Cambi de Freitas, Pedro Ainis Malischesqui Paegle e Gabriela Corrêa Ramos. O amparo que vocês me deram foi fundamental para a conclusão desse trabalho, tanto nas questões técnicas, como em questões emocionais. Saber que eu não estava sozinho nesse desafio foi de grande importância.

## RESUMO

A ação de extensão “Roda de Conversa sobre Sonhos” foi criada no ano de 2020 como forma de acolhimento das angústias e de partilha de experiências dos estudantes em decorrência da eclosão da pandemia de Sar-CoV-2 (Covid 19) que, por sua vez, resultou na suspensão das atividades acadêmicas na Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista. Trata-se de um espaço grupal, composto por discentes do curso de Psicologia, especificamente vinculados à turma XIV, no qual são compartilhadas narrativas oníricas. Os encontros foram realizados em ambiente virtual, pela plataforma *Google Meet*, entre maio e julho de 2020, como uma forma de manter os vínculos entre estudantes e a comunidade universitária durante o período de distanciamento social em respeito às diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS). O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Psicologia é o de organizar, em formato de livro, o material produzido em cinco encontros da Roda de Sonhos. A organização dos capítulos foi inspirada na obra “Sonhos do Terceiro Reich”, de Charlotte Beradt, que se refere à coleta de narrativas oníricas, de cidadãos comuns, durante a ascensão das forças da extrema direita, na década de 1930, na Alemanha. O livro deste TCC foi subdividido de modo que o material transcrito e analisado de cada encontro do grupo fosse apresentado em um capítulo. No total são cinco capítulos compostos pelos seguintes subitens: a apresentação literal da narrativa onírica; a transcrição das associações estabelecidas tanto pelo sonhante quanto pelos participantes da roda dos sonhos; e a análise dos dados produzidos no encontro. O método de análise do material produzido no grupo se utilizou de três dimensões de tratamento das narrativas oníricas: a dimensão singular do sonhante que dialogou com as contribuições do livro “A Interpretação dos Sonhos”, de Sigmund Freud; a dimensão social que se refere aos sentimentos comuns aos participantes relacionados ao atual contexto histórico e político da pandemia que se inspirou no livro de Beradt; a dimensão prospectiva dos sonhos no sentido de que eles potencializam a criação de novos horizontes poéticos, existenciais e políticos possíveis, são ideias que estão em ressonância com as propostas de Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro. Cabe destacar os temas que emergiram nos encontros: o terror da morte; a violência contra as mulheres; o cenários apocalípticos e distópicos; os contrapontos entre excessos e escassez do capitalismo tardio; a desigualdade social, o racismo estrutural brasileiro, entre outros. Isto posto, é possível afirmar que o livro, ao apresentar as narrativas oníricas dos universitários, se transformou em um registro histórico do momento pandêmico e das crises sanitárias e políticas brasileiras. Cabe ressaltar que o distanciamento social e as incertezas políticas colocaram desafios às instituições de ensino superior no sentido de convidá-las a inventar dispositivos de cuidado para acolher a dimensão sociopolítica do sofrimento da comunidade acadêmica. Portanto, a invenção de dispositivos grupais, em psicanálise, tem se mostrado um artefato valioso para a elaboração de angústias diante dos acontecimentos traumáticos e desafios do nosso tempo.

**Palavras-Chave:** Psicanálise; Sonho; Grupo; Pandemia; Juventudes

Sumário:

Agradecimentos .....	v
Resumo .....	vi
1. Introdução .....	9
1.1. Objetivos .....	13
1.1.1. Objetivo Geral .....	13
1.1.2. Objetivos específicos .....	13
1.2. Método .....	14
1.2.1. Material .....	14
1.2.2. Procedimentos metodológicos .....	14
1.2.2.1. Os capítulos serão organizados da seguinte forma .....	15
1.2.3. Análise dos dados produzidos .....	16
1.2.4. Contribuições esperadas .....	16
2. Capítulo 1: A Maternidade de Arlequina .....	18
2.1. Preâmbulo .....	18
2.2. O sonho: <i>A Maternidade de Arlequina</i> .....	18
2.3. Discussão do sonho .....	19
2.4. Primeira camada de tratamento do material onírico .....	22
2.5. Segunda camada do tratamento do material onírico .....	23
2.6. Terceira camada do tratamento do material onírico .....	26
3. Capítulo 2: Barbies de Pedra .....	28
3.1. Preâmbulo .....	28
3.2. Os Sonhos .....	28
3.2.1. Primeiro sonho: <i>O Palhaço</i> .....	28
3.2.2. Segundo sonho: <i>Barbies de pedra</i> .....	29
3.3. Discussão do sonho .....	32
3.4. Primeira camada de tratamento do material onírico .....	38
3.5. Segunda camada de tratamento do material onírico .....	41
3.6. Terceira camada de tratamento do material onírico .....	44

4. Capítulo 3: O horror da morte e as Sociedades Distópicas .....	47
4.1. Preâmbulo .....	47
4.2. Os Sonhos .....	47
4.2.1. Primeiro sonho - Janaína: <i>Morri de Covid</i> .....	47
4.2.2. Segundo sonho - Clarissa: <i>Avô no trem</i> .....	48
4.2.3. Terceiro sonho - Alan: <i>Dutra congestionada</i> .....	48
4.2.4. Quarto sonho - Alan: <i>A invasão da casa</i> .....	48
4.3. Discussão dos sonhos .....	49
4.3.1. Primeiro sonho: <i>Morri de Covid</i> .....	49
4.3.2. Segundo sonho: <i>Avô no Trem</i> .....	51
4.3.3. Terceiro e quarto sonho: <i>Dutra Congestionada e Invasão da Casa</i> .....	53
4.4. Primeira camada de tratamento do material onírico .....	56
4.5. Segunda camada de tratamento do material onírico .....	60
4.6. Terceira camada de tratamento do material onírico .....	63
5. Capítulo 4: A Máquina da Morte .....	66
5.1. Preâmbulo .....	67
5.2. Os Sonhos .....	67
5.2.1. Primeiro sonho: <i>O encontro com a morte na praça do condomínio</i> .....	67
5.2.2. Segundo sonho: <i>O metrô para a morte</i> .....	67
5.3. Primeira camada de tratamento do material onírico .....	70
5.3.1. Primeiro Sonho: <i>O encontro com a morte na praça do condomínio</i> .....	70
5.3.2. Segundo Sonho: <i>O metrô para a morte</i> .....	73
5.4. Segunda camada do tratamento do material onírico .....	76
5.4.1. Primeiro Sonho: <i>O encontro com a morte na praça do condomínio</i> .....	76
5.4.2. Segundo Sonho: <i>O metrô para a morte</i> .....	79
5.5. Terceira camada do tratamento do material onírico .....	82
6. Capítulo 5: Decifra-me ou te vomito .....	87
6.1. Preâmbulo .....	87
6.2. Os Sonhos .....	88



6.2.1. Primeiro sonho: <i>Militares são os novos demônios a nos assombrar na pandemia</i> .....	88
6.2.2. Segundo sonho: <i>Excesso e escassez no capitalismo tardio</i> .....	88
6.3. Discussão dos sonhos .....	89
6.4. Primeira camada de tratamento do material onírico .....	91
6.4.1. Primeiro Sonho: <i>Militares são os novos demônios a nos assombrar na pandemia</i> .....	91
6.4.2. Segundo Sonho: <i>Excesso e escassez no capitalismo tardio</i> .....	95
6.5. Segunda camada do tratamento do material onírico .....	97
6.5.1. Primeiro Sonho: <i>Militares são os novos demônios a nos assombrar na pandemia</i> .....	97
6.5.2. Segundo Sonho: <i>Excesso e escassez no capitalismo tardio</i> .....	99
6.6. Terceira camada do tratamento do material onírico .....	102
7. Considerações Finais .....	103
8. Referências Bibliográficas .....	107
9. Apêndice 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	116

## 1. Introdução

Sigmund Freud tem sua obra inaugural do método psicanalítico em “A Interpretação dos Sonhos” (1900/2017), na qual delimita a teoria geral do aparelho psíquico que é formulada a partir do que viria a ser chamado de Teoria dos Sonhos. Para o psicanalista, os sonhos são a via régia de acesso ao inconsciente.

Para Freud, a repressão dos conteúdos inconscientes torna-se enfraquecida durante o sono. O sonho tem, então, a função de ser o guardião do sono, pois permite uma satisfação parcial das pulsões, diminuindo as forças delas e, então, favorece a continuidade do sono. São os sonhos de realização de desejos infantis inconscientes. Esta gratificação ocorre por meio do conteúdo manifesto do sonho, mas de uma forma distorcida, sendo assim o conteúdo latente se refere aos elementos que são encobertos pela força da censura. Trata-se do trabalho do sonho que produz distorções na forma do pensamento inconsciente que sofre transformações ao advir à consciência. Há a descoberta dos mecanismos inconscientes inerentes à formação do sonho: condensação, deslocamento e o apreço pela figurabilidade.

O sonho terá a função de uma realização disfarçada de um desejo reprimido. Seu conteúdo pode ser manifesto (experiência consciente durante o sono) e latente (a dimensão inconsciente). De outro modo, os conteúdos latentes do sonho podem levar o indivíduo a despertar pela facilidade com que as pulsões podem acessar a consciência. Estes são os chamados sonhos de angústia.

Ainda em “A Interpretação dos Sonhos”, Freud irá argumentar que os sonhos de angústia (alguns deles podem se configurar como pesadelos) ainda são formas de realização de desejos, pois mesmo com a censura onírica, o conteúdo latente chega à consciência com poucas deformações e pode ser reconhecido pelo sujeito e levar ao despertar prematuro.

A teoria dos sonhos sofrerá transformações decorrentes dos acontecimentos atrozos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da morte de uma das filhas de Freud, Sofia, em decorrência da gripe espanhola que assolou a Europa. Estas transformações são apresentadas no texto seminal “Além do Princípio do Prazer” (1920/2010a). São os sonhos traumáticos dos soldados que retornaram da Primeira Guerra que se configuram como repetição da cena traumática. No caso, são sonhos que tentam elaborar a cena que produziu angústia, obedecendo

aos padrões da compulsão à repetição próprias ao funcionamento da pulsão de morte e não protegem o sonhador de acordar, mas o desperta.

Charlotte Beradt (2017), por sua vez, é uma jornalista que coletou sonhos de trezentos alemães durante a ascensão de Hitler ao poder (1933 a 1939). Ela vai conceber os sonhos como sismógrafos que podem captar uma nova pressão sociopolítica imposta nas subjetividades, especialmente num momento de ascensão totalitária. Ela não irá fazer distinção entre conteúdo latente e manifesto, mas irá considerar que os sonhos revelariam os mecanismos que tentam moldar a constituição da subjetividade de uma população. As produções oníricas revelariam, assim, não os dados singulares da vida psíquica do indivíduo, mas sim o conflito que se estabelece no âmbito público e traz impactos aos sujeitos. A autora irá se utilizar, principalmente, de correlações entre os sonhos narrados e as ideias literárias de Franz Kafka e Aldous Huxley.

Aproximações entre o contexto histórico da Alemanha na década de 1930 e o Brasil de 2018 têm sido feitas por diversos teóricos da psicanálise por conta da ascensão da extrema direita (AB'SÁBER, 2018). Para agravar o cenário político, no início de 2020, o primeiro caso de coronavírus é registrado no Brasil e, a gestão negacionista da ciência, presente no governo de Jair Bolsonaro, eleito democraticamente em 2018, impede que ações adequadas sejam tomadas no sentido de proteger a população, inclusive aqueles que estão em situação de vulnerabilidade social. Há instauração de uma política da morte (SALLES, 2020).

Ailton Krenak (KRENAK & SIDARTA, 2020), ao narrar sua experiência, em rodas de sonhos, na companhia do pajé da aldeia, nos apresenta o sonhar como uma instituição que admite diversos sonhadores que podem participar na construção de modos de enfrentar as intempéries, proteger o seu entorno e preparar as pessoas para se relacionarem com os desafios cotidianos. O ambientalista afirma que o sonho é lugar de veiculação de afetos que podem nos ajudar a desenvolver uma postura proativa frente ao tempo que virá. Para Ribeiro (2019), o sonho pode mobilizar afetos que fazem parte do presente e potencializa a imaginação do sujeito em uma prospecção de futuro no sentido de ser possível, em grupo e em coletivos, sustentar a construção de um outro imaginário político possível, diferente e inovador no que diz respeito ao contexto atual marcado por desigualdades sociais, devastação da natureza e violência contra a população em situação de vulnerabilidade social. Ou seja, Krenak e Sidarta (2020) afirmam o conteúdo onírico como um tempo de despertar para os modos pelos quais os homens e as

mulheres ocuparam o planeta terra até os dias de hoje, de maneira a devastar e destruir a natureza como se não houvesse amanhã. O sonho criaria um espaço de reorganização, crítica, redimensionamento e desconstrução dos ideais e valores arraigados nos pilares que sustentam a sociedade capitalista. Para o ambientalista e o neurocientista a pandemia de coronavírus pode estar associada aos desequilíbrios climáticos consequentes de um sistema capitalista calcado na exploração do trabalho humano e devastação do meio ambiente que, apesar dos pesares, ainda nos ofereceu um habitat possível até agora, mas ao que tudo indica, sem perspectivas de sobrevivência para os próximos trinta anos. Para os dois autores, as produções oníricas podem produzir imaginários outros que apoiem as pessoas na construção de uma sociedade menos predatória em relação à natureza e aos seres humanos.

### **A pandemia de COVID-19 no Brasil e o Projeto de Extensão sobre sonhos**

No final de 2019, eclode o novo coronavírus (SARS-COV-2) que gera a doença COVID-19, atingindo a classificação de pandemia (disseminação mundial de uma nova doença) pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 26 de fevereiro de 2020. Como principal forma de contenção da doença, foi estabelecido um protocolo de distanciamento social e um “lockdown” (bloqueio total, no Brasil foi parcial, de atividades por um determinado período). A mensagem veiculada como slogan desse momento foi: “fique em casa”. Estas medidas foram oficiais entre os dias 5 de março à 4 de abril de 2020 (variando de estado para estado no Brasil), houve relaxamentos dos bloqueios em alguns setores por conta da forma como o Governo Federal administrou as crises sanitária, política e econômica, mas a vida cotidiana ainda segue com diversas restrições até o presente momento da escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso (junho de 2021), incluindo a suspensão das aulas presenciais das universidades federais.

Dessa forma, os atravessamentos sociais envolvendo uma grande pandemia interromperam o fluxo normal e planejado da vida cotidiana, já extremamente abalada por um cenário político polarizado e, desencadearam dificuldades na construção de espaços psíquicos de representação, simbolização e elaboração. O que parece restar - talvez - ao sonho, o papel de dar vazão a todo esse material.

Em razão da pandemia e suspensão das aulas que, de certa forma, tomaram a comunidade universitária de surpresa, os alunos da Turma XIV de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Campus Baixada Santista, sentiram que quanto mais o tempo passava, ficava cada vez mais nítido que não voltariam tão cedo para o modelo de aulas

presenciais. Concomitantemente, ficou decidido na Comissão do Curso de Psicologia que a professora Jaquelina Maria Imbrizi seria a docente de referência da turma - cujo papel era manter vivo o vínculo entre os discentes com a faculdade, prestando orientação e acolhimento. O objetivo era o de que os alunos tivessem um contato com alguém próximo para orientá-los dentro desse novo cenário de paralisação das atividades. Dessa maneira, a professora Jaquelina propôs um encontro com a turma para ter uma conversa aberta sobre como estava sendo essa experiência de isolamento social. Nesse encontro, vários assuntos foram tratados e ficou decidido que esse formato seria mantido em periodicidade semanal para que estratégias de cuidado fossem criadas pelo grupo.

Em um segundo encontro, o tema dos sonhos surgiu e a Professora Jaquelina Imbrizi em conjunto com as alunas Jussara Souza e Lais Vieira decidiram fazer com que o tema dos encontros fosse o relato dos sonhos que os estudantes de Psicologia da Turma 14 estavam produzindo durante a pandemia. O foco dessa iniciativa era o de criar um espaço virtual que pudesse colocar o relato e a partilha de sonhos como mediadores das intervenções e do cuidado recíproco entre os estudantes e entre estes e a professora, já que o sofrimento daqueles estudantes, diante do inusitado - representado pela pandemia -, era nítido. Assim, surgiu o projeto de extensão “Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das Juventudes” (IMBRIZI, 2020).

A princípio, nas rodas de conversa sobre sonhos, existia um certo nível de timidez dos participantes e, por causa disso, começou-se com o relato dos sonhos das organizadoras para que os demais comesçassem a se sentir confortáveis e, aos poucos, a desinibição aconteceu. Os relatos dos demais participantes começaram a ser frequentes e o número de pessoas foi aumentando ao longo dos encontros e hoje se mantém em torno de 25 sonhantes por encontro. Como o semestre letivo voltou em formato de aula remota e a organização é composta por alunas e a professora, os encontros com a turma de psicologia passaram a acontecer quinzenalmente e depois de 4 encontros houve o convite para a participação de outros membros da comunidade acadêmica. Ou seja, ocorreu assim, o primeiro encontro aberto para quem quisesse e pudesse participar e não só restrito a turma 14. Dessa forma, com sua evolução os encontros se tornaram “Rodas de Conversas sobre Sonhos” dentro do Projeto de Extensão “Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das Juventudes”.

As Rodas de Conversa sobre Sonhos acontecem em ambiente virtual por meio da plataforma do *Google Meet*. Ninguém é obrigado a contar um sonho, somente quem se sentir confortável em compartilhar. Em seguida, pede-se ao sonhante que conte um pouco sobre quais as sensações e afetos despertados por determinado sonho - durante a produção onírica, quanto após o despertar. A roda de conversa é aberta para que a palavra e associações possam circular. Todos os encontros foram gravados e transcritos. Os nomes dos sonhantes e das pessoas que contribuíram nas associações não foram mantidos, fazendo a referência apenas a inicial do nome dos participantes e criando nomes fictícios para garantir maior privacidade às pessoas.

A organização das Rodas de Conversa sobre Sonhos é composta, atualmente, por seis estudantes de graduação - 5 do curso de Psicologia e 1 do curso de Fisioterapia - mais a coordenação da professora Jaquelina Maria Imbrizi. O projeto se constituiu em duas etapas: a primeira etapa se iniciou no dia 08 de maio de 2020 e se encerrou no dia 24 de junho de 2020, após 9 encontros (6 restritos a turma 14 e 3 abertos à comunidade acadêmica) respeitando o período de recesso para a equipe organizadora. O segundo momento se iniciou no dia 24 de agosto de 2020, teve 6 encontros (5 encontros abertos e 1 encontro destinado a estudantes da Universidade Aberta para a Pessoa Idosa - UAPI) e se encerrou no dia 19 de outubro de 2020. As atividades foram retomadas no mês de novembro e ainda transcorrem, quinzenalmente, e abertas para toda a comunidade acadêmica.

## **1.1. Objetivos:**

**1.1.1. Objetivo Geral:** organizar, em formato de livro, o material produzido nas Rodas de Conversa Sobre Sonhos vinculadas ao Projeto de Extensão “Arte e Sonho - Abordagem psicanalítica nos modos de cuidar da juventude”

### **1.1.2. Objetivos específicos:**

**1.1.2.1.** Apresentar sonhos narrados em cinco encontros da Roda de Conversa, realizados com a turma XIV do curso de Psicologia, e analisá-los tendo como referência o livro “A Interpretação dos Sonhos” e “Sonhos do Terceiro Reich”. Há também a intenção de fazer articulações com as ideias de Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro (2020).

**1.1.2.2.** Elencar os temas que emergiram nas rodas de conversa, nas associações compartilhadas e estabelecer relações entre elas e o momento político brasileiro.

**1.1.2.3.** Relacionar afetos e vocabulário específico manifestados pelos sonhantes e articulá-los com o contexto histórico de uma pandemia do novo coronavírus.

## **1.2. Método:**

Trata-se de pesquisa qualitativa de tipo teórico-exploratória que se utiliza da abordagem psicanalítica. A ênfase está nas contribuições da teoria dos sonhos de Sigmund Freud (1900/2017) que coloca as associações do sonhante em primeiro plano para a realização da interpretação dos conteúdos oníricos. Há também o diálogo com as contribuições teóricas de Charlotte Beradt (2017), Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro (2020). No que se refere à Krenak, há a concepção do sonho como uma instituição na qual todos podem participar sonhando juntos, daí a ênfase, neste Trabalho de Conclusão de Curso, que é dada às associações realizadas também pelos participantes da roda de conversa na qual todos são convidados a associar e criar cadeias de pensamentos que enriqueçam e ampliam o material produzido por um e por vários participantes.

### **1.2.1. Material:**

**1.2.1.1.** Registros dos encontros de cinco rodas de conversa sobre sonhos que ocorreram de 08 de maio de 2020 até 24 de junho de 2020. O público-alvo são estudantes do terceiro termo do curso de Psicologia da Unifesp (a turma 14) - Campus Baixada Santista.

**1.2.1.2.** Vídeos gravados dos encontros da roda de conversa e as transcrições realizadas pela equipe de extensionistas.

### **1.2.2. Procedimentos metodológicos**

Os sonhos relatados serão catalogados por encontro e em cada uma das cinco rodas de conversa serão elucidadas as associações e interpretações feitas pelos participantes durante as reuniões de modo a confeccionar um retrato dos aspectos inconscientes dos envolvidos. Buscar-se-á compreender o que tais representações revelam sobre a atual situação social dos participantes.

Analisar o material produzido nas rodas de conversa sob a luz das ideias de Sigmund Freud, Charlotte Beradt, Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro.

Esses relatos serão agrupados por dia de encontro da roda de conversa que irão formar capítulos de um livro que serão apresentados como resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso. Nestes capítulos serão apresentados os temas e os afetos que apareceram nos sonhos discutidos em cada dia, bem como, as possíveis articulações com o contexto histórico e social do Brasil em tempos de pandemia.

#### **1.2.2.1. Os capítulos serão organizados da seguinte forma:**

Cada capítulo se refere a um encontro de um total de cinco rodas de conversa que aconteceram no período de 08 de maio até 24 de junho do ano de 2020. No total, o livro será organizado em cinco capítulos, incluindo os itens: introdução, os capítulos e as considerações finais. Cada capítulo será dividido em quatro itens conforme descrito abaixo:

- 1) Apresentação e descrição dos sonhos narrados no dia.
- 2) Associações do e da sonhante.
- 3) Descrição do que foi discutido no dia: associações dos outros participantes da roda; os afetos que apareceram e o que foi discutido no encontro.
- 4) A análise do material produzido será feita em 3 dimensões de tratamento dos sonhos que foram compartilhados no grupo de discussão.
  - 4.1) A primeira dimensão de tratamento do material onírico se refere ao “o quê” no conteúdo do sonho nos remeteria à singularidade da história de vida do sonhante. Nesta etapa, o sonhante é também convidado a fazer suas livres associações. Há que se prestar atenção na especificidade do cenário e dos objetos que aparecem e no clima visibilizado no sonho, que será uma experiência profícua de encontro com a vida do sonhante.
  - 4.2) A segunda dimensão se refere aos elementos comuns aos participantes de um mesmo grupo e que se refere às ideias de Beradt (2017) - o que apareceu na discussão que aponta sentimentos comuns aos participantes e que se referem ao atual contexto histórico e político da pandemia. Uma vez exposto e coletado tais dados, surge a necessidade de condensá-los e analisá-los como um retrato do inconsciente dessa população vivendo tal época tão singular da nossa sociedade



4.3) A terceira forma de tratamento releva a dimensão prospectiva dos sonhos em direção ao futuro e com vistas a novos horizontes poéticos, existenciais e políticos (KRENAK & RIBEIRO, 2020).

### **1.2.3. Análise dos dados produzidos:**

A análise do material produzido em cinco “Rodas de Conversa Sobre Sonhos” que se referem às ações desenvolvidas pelo projeto de extensão “Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes” levará em consideração as três camadas de tratamento do material onírico, conforme descrito no item anterior. Cabe alertar que todos os encontros foram realizados de modo virtual e direcionados aos estudantes do terceiro termo da graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo.

Serão levados em consideração, nesta análise, as ideias presentes no livro “Interpretação dos Sonhos” de Sigmund Freud (1900/2017) e o modo como Charlotte Beradt (2017) compreende os sonhos: como sismógrafos do nosso tempo. Como também a proposta de Krenak e Ribeiro (2020) de localizar o sonho como instituição na qual todos podem participar no sentido de construir planos de futuro que incluam o novo e a produção de novos horizontes políticos possíveis.

Trata-se também de analisar os registros dos encontros com foco na tentativa de compreender os impactos da pandemia e do cenário político no bem viver das juventudes contemporâneas e do estudante.

### **1.2.4. Contribuições esperadas**

A contribuição do Trabalho de Conclusão de Curso diz respeito à confecção de um livro que ofereça à comunidade dados que ajudem a refletir sobre as juventudes e, assim, possam construir políticas e ações de cuidado para com a população universitária do campus Baixada Santista da Unifesp.

Trata-se também de expandir o conhecimento sobre a teoria dos sonhos em psicanálise e a compreensão sobre a profundidade do impacto que uma pandemia associada a uma crise política pode causar nos conteúdos manifestos e latentes de um grupo, permitindo a reflexão de pesquisadores e psicanalistas sobre os impactos de uma crise humanitária no psiquismo e a construção de conhecimento sobre esse momento histórico tão singular.

Vamos apresentar os cinco capítulos e, na sequência, as considerações finais deste Trabalho de Conclusão de Curso.

## Capítulo 1

### A Maternidade de Arlequina

#### 2.1. Preâmbulo:

Trata-se do primeiro encontro oficial do grupo de estudantes do curso de psicologia, mais especificamente da turma XIV, com a temática dos sonhos, que aconteceu no dia vinte e nove de maio de dois mil e vinte. Nele é possível notar um espaço aberto e acolhedor criado com o objetivo de ouvir e confabular sobre os sonhos dos estudantes da Unifesp.

O encontro foi realizado por meio da plataforma digital *Google Meet*, com oito participantes e duração de uma hora e meia. A forma como se seguiu foi a exposição do sonho de uma das participantes, acompanhada por uma série de perguntas que possibilitaram um ensaio interpretativo da narrativa onírica, desencadeando novas associações da sonhante em relação ao conteúdo manifesto apresentado no sonho.

#### 2.2. O sonho: *A Maternidade de Arlequina*

*Começou com a Arlequina grávida, decidindo se ia abortar. Eu estou assistindo e torcendo para ela abortar. De repente, a personagem desaparece e quem está grávida sou eu, e depois corta para uma cena que eu já tenho quatro filhos, todos meninos negros de idades próximas. Nesse momento o sonho corta para outra cena em que a minha mãe sugere que eu case com um tio meu pra eu ter um dinheiro extra (esse tio é um homem negro que não é meu tio biológico). A cerimônia acontece na cozinha da minha bisavó, meu namorado é uma das testemunhas, ele assiste tudo de cabeça baixa. Eu vejo que ele assinou os papéis de casamento como testemunha. Depois que termina eu fico desesperada, começo a brigar com as pessoas falando "como vocês me convenceram a fazer isso?" Aí o pessoal fala que foi ideia da minha mãe, pra eu ter uma renda extra. Eu tento desfazer o casamento, mas divórcios são muito caros, então eu busco formas de desmanchar o casório sem pagar. Lembro que meu tio já é casado, peço para a minha tia, esposa dele, resolver essa situação, aparentemente, deu certo (nesse momento minha tia vira uma personagem de novela, na história ela é casada com um cara que já foi casado).*

*Depois eu estou na rua da casa da minha vó (que também é a rua da minha bisavó) e decido entregar meus filhos para adoção, explico para eles sobre a situação, eles ficam mal,*

*aí chega uma tia minha e pergunta o que está acontecendo, e eu respondo que estou entregando eles para adoção, ela se enfurece e tenta me impedir, mas mesmo assim eu continuo.*

*Corta pra outra cena onde algum rei dos mares está pensando sobre meus filhos, ele gostaria de fazer algum deles seu rei, e tenta voltar para o dia que eu abandonei eles (fica implícito que ele é o pai).*

### **2.3. Discussão do sonho:**

Para proteger a identidade da sonhante, vamos utilizar o pseudônimo de “Lélia” e suprimir alguns conteúdos que podem ser usados para identificá-la.

Após Lélia narrar seu sonho, abre-se ao grupo a possibilidade de realizar questionamentos direcionados à ela sobre os significados dos elementos de seu sonho. São associações livres e propostas de interpretações no âmbito individual e também social.

Podemos perceber que este foi um sonho repleto de símbolos da nossa cultura ocidental como: os heróis de filmes e história em quadrinhos (HQs), novelas, dramas familiares, questões de gênero e política. Apresentam-se muitas informações importantes sobre a subjetividade do sonho e do contexto sócio-político vivido pela sonhante.

A narrativa onírica começa com a figura da Arlequina, a cúmplice do vilão Coringa. Aqui podemos ver que Lélia sente uma identificação muito forte com essa personagem. Durante as discussões, ela revela que assistiu aos filmes que a tinham como uma das personagens principais (Esquadrão Suicida (DAVID AYER, 2016)) e tem acompanhado a série animada Harley Quinn (DEAN LOREY ET AL, 2019). Esta personagem começa como um papel coadjuvante, associada ao Coringa, e no decorrer dos filmes e da série, passa por um processo de desenvolvimento e emancipação, tornando-se uma das principais vilãs do universo de Gotham City. A sonhante revela que isso a deixa intrigada e a faz acompanhar essas histórias com afinco. Tal interesse se revela quando no sonho, no primeiro momento, ela se encontra em uma atividade corriqueira - assistindo à série na TV, onde a Harley descobre que está grávida e cogita o aborto. Nesse momento, a sonhante se vê numa troca de papéis, onde ela está grávida. Podemos ver tal transição ocorrer nesse momento do sonho. Voltando a subjetividade de Lélia, tal fato é curioso, pois na série animada e nos filmes, Harley não engravida. Porém, dentro dos HQs “*Injustice*”, Harley engravida do Coringa, não opta pelo aborto, mas decide abandonar a criança. A sonhante teve contato com esse material, sendo talvez um dos disparadores do sonho

por conta do impacto que esse trecho da estória teve para produzir sua identificação com a Harley, visto que ela está num momento importante do desenvolvimento pessoal através da formação universitária e outros fatores, bem como seu medo primordial de ter filhos. Este fato fica muito claro quando uma das participantes a questiona sobre a maternidade e crianças, Lélia revela que adora crianças, porém não quer ser mãe de forma biológica. Considera a possibilidade de adoção, todavia diz, de forma enfática ter “mais medo de engravidar do que de morrer”. Por isso ela torcia para que Harley (ou seja: ela mesma) abortasse.

No segundo momento do sonho, vemos um corte de continuidade onde as crianças já nasceram. São negras e possuem idades próximas. As crianças simbolizam o pior medo de Lélia, medos estes que se tornaram realidade para o Eu sonhador. Não no sentido literal, visto que essa não é a linguagem onírica, mas sim simbólica. Todo o momento de crescimento e desenvolvimento que seria interrompido por uma gravidez, representaria uma situação análoga vivida pela sonhante no momento, em decorrência do isolamento social imposto pela pandemia do novo Coronavírus. Ela é obrigada a voltar para a casa na qual foi criada, voltando para “tudo que me faz mal”, como diz de forma emocional quando questionada por uma colega.

Continuando a sequência do sonho, a próxima cena é a do casamento. A cerimônia não ocorre no cenário da cozinha de forma aleatória, visto que esse local foi palco de momentos de muita tensão e pressão familiar, geradores de sofrimento para a sonhante, como veremos ao longo da análise. Lélia está com um grande problema e a solução que sua mãe lhe oferece é que ela se case com o tio que não tem laços consanguíneos com ela.

Lélia fica indignada naquele momento do sonho com os familiares que estão ali como testemunhas, sendo incapazes de ajudá-la. Aqui encontramos diversas questões pessoais e políticas concatenadas. A sensação de omissão familiar é algo que a sonhante revela ser recorrente em sua vida, sendo - inclusive - tema presente em diversas sessões de psicoterapia. Após muitas perguntas e associações, quase no final da reunião, a sonhante revela algo muito grave e agudo de sua história. Quando era criança foi abusada pelo seu tio biológico naquela cozinha, onde ela está se vendo obrigada a voltar a frequentar, por conta da pandemia, o cenário do infortúnio. Agora podemos entender que um elemento, às vezes considerado insignificante, como o cenário no qual ocorre o sonho, se revela como parte fundamental da compreensão da angústia da sonhante.

A partir das associações feitas na roda de conversa e da análise do sonho temos uma maior nitidez a respeito dos motivos que os temas de opressão e omissão se tornam tão prevalentes nesse sonho. A sonhante se viu desamparada pelos familiares em suas necessidades e se encontrou tendo que resolver-se por si mesma (mais uma vez vemos aqui uma boa referência à identificação com a personagem Harley Quinn). Isso, porém, teve um custo subjetivo que se manifesta aqui, na angústia presente no sonho.

Há diversos elementos sociais e políticos que facilitam a lembrança dessa angústia. O motivo que a levou de volta aos cenários em que viveu durante sua infância, foi a necessidade de isolamento causado pela pandemia. Em diversos momentos, durante a discussão do grupo, foi comentado sobre como a universidade geriu de forma insatisfatória a conversão das aulas presenciais para ensino a distância. “Uma solução ruim que deram na tentativa de nos ajudar”, comenta uma colega da sonhante, fazendo uma ponte com a tentativa da mãe - durante o sonho - de arranjar um casamento com o tio. Extrapolando os limites da vida pessoal da sonhante e da realidade da universidade, os participantes refletiram sobre como as figuras de poder - os políticos gerindo a pandemia no Brasil - se mostraram omissos frente a essa grave situação.

Ao se ver sozinha com um grande problema, Lélia, em sonho, começa a buscar possíveis soluções para escapar do empecilho. Ocorre o divórcio, mas lembra-se que este é muito caro. Aqui vemos uma referência ao fato de que uma solução ruim acentua ainda mais o problema, visto que o motivo do casamento arranjado era gerar uma renda extra para o cuidado dos filhos, mas a tentativa frustrada agrava o problema financeiro; associando também as soluções que a universidade pensou para os estudantes em função do ensino a distância, questão essa que muito angustiava a todos presentes naquela reunião.

Outro aspecto é a forma como a população enfrentava a pandemia, na qual o isolamento era visto como solução para conter a taxa de transmissão, mas gerava medo, insegurança e mal-estar pelos riscos financeiros atrelados a ele, bem como todas as decisões que os governantes tomavam, como a abertura ou não dos comércios. Cabe destacar que desde o início o presidente Bolsonaro tem protagonizado diversos discursos que fomentavam a disseminação de tratamentos não aprovados cientificamente (como o uso da Cloroquina), sendo combustível para narrativas conspiratórias e tendo como consequência o grande tema de que a solução da pandemia não cabia ao governo, numa tentativa de isentar-se da responsabilidade por tantas infecções e mortes.

O encontro termina com mensagens de amparo à Lélia e um profundo senso de agradecimento por ela ter tido a coragem de revelar questões pessoais tão sensíveis e, por meio desse ato, ter permitido uma reflexão tão rica sobre a sociedade e o momento em que os participantes do grupo estavam vivendo. Assim, os objetivos de construir um espaço transicional de suporte emocional para o grupo foram atingidos com sucesso.

#### **2.4. Primeira camada de tratamento do material onírico:**

A primeira dimensão de tratamento do material onírico se refere ao “o quê” no conteúdo do sonho nos remeteria à singularidade da história de vida da sonhante. Serão levados em consideração nesta análise as ideias presentes no livro “Interpretação dos Sonhos” de Sigmund Freud (1900/2017).

A grande novidade do livro “A Interpretação dos Sonhos” foi a de oferecer o protagonismo para a/o sonhante, a chave das possíveis interpretações está nas associações realizadas pela portadora do sonho. Há os conteúdos manifestos do sonho que se referem à narrativa e as lembranças contidas no material onírico, porém o psicanalista alerta que o pensamento do sonho é muito mais longo e apresenta conteúdos latentes. Ou seja, os elementos que surgem durante o sonho nunca são eles mesmos por assim se dizer porque se referem apenas ao conteúdo manifesto que passa pelo processo de elaboração secundária quando o sonho é narrado para alguém. Na verdade, há o pensamento inconsciente em estado bruto que é transposto para condensações, deslocamentos e o apreço pela figurabilidade, realizado pelo trabalho do sonho, por isso, muitas vezes, o elementos da produção onírica que chegam à consciência, em um primeiro momento, se referem a uma linguagem tão confusa quando lembramos deles em estado de vigília. Freud (1900/2017) denomina conteúdo onírico inconsciente e/ou conteúdo latente essa forma de “pensamento onírico” para diferenciá-lo da nossa forma consciente de pensar, o conteúdo manifesto do sonho.

Quando fazemos perguntas ao sonhante sobre o que significa para ele algum elemento do sonho, estamos tentando descobrir quais outras conexões aquela figura possui com a subjetividade do sonhante, aliás, não só do indivíduo, pois - como veremos na sessão de associações mais a frente - podem existir diversas associações e relações com a sociedade, com a família e com a política como um todo. Quando olhamos para o sonho de uma pessoa, estamos olhando para todo um universo interno e externo. Eis a riqueza de se estudar os sonhos, eis a fonte quase infinita de informações que um pequeno sonho pode trazer, especialmente quando

criamos um ambiente de confiança, aceitação e respeito, permitindo assim que tantas subjetividades se conectem e pensem sobre a realidade e o contexto histórico por meio da narrativa onírica.

No que se refere à troca de papéis no conteúdo onírico, Sidarta Ribeiro (2019), neurocientista, em seu livro “O oráculo da noite”, vai discutir sobre o protagonismo do sonhador, no decorrer do processo de subjetivação do indivíduo, ele aponta que o “eu sonhador” vai se desenvolvendo, no começo o protagonismo do sonho é feito por outros (como animais ou familiares) e depois a pessoa passa a ser o “ator principal” do sonho. Assim, como aponta Freud, o sonhante pode se ocupar e ser apresentado no sonho na figura de várias personagens e animais.

Outro ponto interessante presente no sonho é a substituição que ocorre entre os tios. O tio que foi o foco do sofrimento da sonhante em sua infância é substituído por uma figura de menor intensidade afetiva. Isso ocorre numa tentativa de repressão que a psique realiza para evitar o sofrimento pela lembrança do momento de sofrimento e a lembrança da violência perpetrada pelo tio violador. Dessa maneira, ocorre a repetição da cena traumática, mas agora com outros elementos de menor intensidade de angústia, permitindo à sonhante uma nova significação daquele momento, sendo essa uma das funções do sonho. Como sabemos, a função do sonho para Freud (1900/2017) é proteger o sono do sonhante, a exceção está nos conteúdos dos sonhos considerados traumáticos que, ao contrário de manter o sono, despertam o sujeito e produzem a repetição da cena que produziu a angústia (FREUD, 1920/2010a).

## **2.5. Segunda camada do tratamento do material onírico:**

A segunda dimensão de tratamento dos sonhos se refere aos elementos comuns aos participantes de um mesmo grupo e que está articulada às ideias de Beradt (2017). Ou seja, o que apareceu na discussão que aponta para os sentimentos comuns a todas as pessoas que compartilham o atual contexto histórico e político da pandemia.

No conteúdo manifesto do sonho em foco, a solução sugerida pela mãe de Lélia é que ela se case com o tio que não tem laços consanguíneos com ela. Aqui, já podemos observar questões culturais e políticas que se apresentam. Em nossa sociedade, a posição da mulher em situação de vulnerabilidade social e necessidade de sobrevivência sempre foi atravessada pelo casamento e a gravidez, não havendo muitas possibilidades de cada uma delas - por si mesma - cuidar da própria sobrevivência e encontrar uma profissão. No caso específico das mulheres



negras, Ribeiro (2017) afirma que o destino social reservado para elas é o trabalho doméstico e que quando estão inseridas no mercado de trabalho ganham salários menores do que os homens negros, estes por sua vez ganham menos que as mulheres brancas e estas, por sua vez, ganham menos que os homens brancos. Trata-se de um modo de o racismo estrutural se manifestar no mercado de trabalho. O casamento e a maternidade como solução para o destino da mulher pode ser algo que, muitas vezes, é imposto no próprio processo de sua criação e socialização, vemos no conteúdo onírico que a sugestão parte da mãe da sonhante. Ademais, a crença que foi comumente disseminada do homem enquanto provedor aparece aqui na figura do tio, apesar das estatísticas apontarem que, nas classes sociais mais baixas, o cuidado com os filhos está a cargo de mães “solteiras” cuja renda feminina representa uma maior contribuição nos lares brasileiros. Podemos pensar na legislação do programa “minha casa, minha vida” que prioriza que a propriedade seja registrada no nome da mulher (FERRIANI, 2012).

No conteúdo onírico é possível observar que a figura do rei dos mares aparece apenas como uma sombra em uma breve cena. Ele relembra a sonhante que ela entregou os filhos dela e diz que deveria ter feito uma dessas crianças um rei. Nesse momento fica implícito que ele era o pai. Podemos ver uma associação ao fato de o rei também ter sido um filho abandonado pela mãe e para ter-se tornado rei foi necessário toda uma jornada que pode ser acompanhada no trajeto dos filmes. Os participantes interpretam que o rei dos mares simboliza ali figuras de poder, a sonhante concorda e diz que no âmbito pessoal há uma associação dele com seu pai, mas quando associa a algo político, pensa nos governantes, visto que esses foram os pais dos problemas que hoje angustiam a sonhante.

Algo que passou despercebido, mas é passível de interpretações, é o fato de que o rei dos mares - figura de poder, porém oculto pelas sombras e distante nas profundezas dos mares que é o pai dos filhos-problemas, deseja tornar um desses “problemas” que ele mesmo gerou em um novo rei. Em uma pós análise breve sobre essas questões, podemos pensar que é o mecanismo de retificação subjetiva agindo. Ou seja, a própria psique tentando “redimir o erro”, ou tornar o erro uma conquista. A superação como forma de tornar justo o sofrimento. Talvez, por isso, o rei dos mares está decepcionado que a sonhante “abandonou a criança que deveria ter sido rei”.

Há que se ressaltar também que o conteúdo onírico oferece uma solução bem curiosa para a questão do divórcio: transforma a esposa do tio, que foi obrigada a se casar, em Jéssica da novela “Passione”. Nessa novela, da emissora Rede Globo, a personagem vê-se casada com

um homem que já era casado com outra mulher em outro país. Como a bigamia é ilegal no Brasil, a solução está dada. Eis que a psique da sonhante encontra a tão desejada brecha na lei. Nesse trecho do sonho, o fato mais curioso dessa associação é que nos remete a hipermnésia presente na teoria freudiana (FREUD, 1900/2017). A sonhante não se lembrava conscientemente dessa novela nem da personagem, mas a informação estava bem guardada em seu pré-consciente e foi utilizada para representar algo em seu sonho. A sonhante se recorda, então, que na casa onde todo o sonho ocorre (a da sua bisavó), ela costumava assistir novelas, visto que era um hábito de seus familiares, apesar de não consumir tais conteúdos na atualidade. Os integrantes associam também como as mídias invadem, muitas vezes, nossa subjetividade através do material que produzem e consumimos sem imaginar que podem gerar alguma interferência. Charlotte Beradt (2017), em seu livro “Sonhos do Terceiro Reich”, no qual coleta diversos sonhos que os alemães produziram, durante a ascensão de Hitler, relata a influência que a mídia, no caso a propaganda nazista, pode ter nos sonhos dos sujeitos, com figuras públicas surgindo como personagens oníricos, passando mensagens de propaganda política durante o sonho.

Mais à frente no sonho surge a figura das testemunhas como referência à impotência que todos sentiram frente à gestão política na pandemia. Algo que intrigou os participantes foi o namorado da sonhante surgir como uma das testemunhas, que a tudo observava, de cabeça baixa, sem nada comentar ou intervir enquanto ela era obrigada a casar-se com outra pessoa. Muitos tentaram interpretar que ele também fazia parte do grupo de omissos, que nada faziam frente à angústia que a afetava. Mas Lélia discorda e revela que, por conta da pandemia, ela teve que ficar mais distante do namorado, porém o relacionamento não enfrentava nenhum problema. A única grande questão é que por conta do distanciamento, nada podiam fazer para intervir na desgraça um do outro - como a sonhante mesmo diz em tom grave: “Somos testemunhas um da desgraça do outro”, numa referência aos problemas que cada um estava enfrentando na esfera pessoal. Nesse momento, uma conclusão é pensada de forma quase unânime no grupo: “estamos todos sendo testemunhas da desgraça”, refletindo sobre o crescente número de casos e mortes que se vivia naquela momento, final do mês de maio, quando se atingia trágicos números de mais de mil mortes por dia (G1, 2020). Números esses que se mantiveram estáveis por mais três meses.

Ao entrar no âmbito político da omissão das autoridades, a figura do rei dos mares é lembrada. Podemos pensar nele como um ciclo que se fecha, uma vez que o sonho começa com

a personagem Harley Quinn e se conclui com o rei dos mares, visto que dentro do universo da DC Comics, há um “rei dos mares”, chamado Aquaman. Alguns integrantes tentam associar a figura do rei dos mares à Iemanjá, rainha do mar dentro da tradição da umbanda, mas a sonhante não percebe nenhuma associação com uma figura religiosa e acredita que a simbolização do sonho era mais voltado ao universo dos heróis da DC Comics. Na última interação feita para o cinema em 2018, o personagem Arthur Curry (Aquaman) é um filho bastardo de uma princesa atlante com um pescador humano. Por uma briga política com um atlante que essa princesa tinha sido prometida ao matrimônio, ela teve que abandonar o filho com o pai. Toda a história do filme se desenrola no desvelar da trajetória de Arthur que assume a posição de rei legítimo de Atlântida.

## **2.6. Terceira camada do tratamento do material onírico:**

A terceira forma de tratamento releva a dimensão prospectiva dos sonhos em direção ao futuro e com vistas a novos horizontes poéticos, existenciais e políticos e se refere às ideias de Krenak e Ribeiro (2020).

Nesse sonho riquíssimo por si só, sendo compartilhado num grupo voltado ao amparo dos estudantes num momento de dificuldade advindo de uma pandemia, ganha-se toda uma nova proporção. Conseguimos ver os impactos que o isolamento social causa na vida de Lélia, mas não só no cotidiano dela. As associações mostram que todo o grupo estava alinhado ao sentido desse sofrimento, visto que todos estavam passando pelo mesmo cenário - que era a universidade e os efeitos da suspensão das atividades acadêmicas - e, para além, de toda a crise sanitária e política na sociedade brasileira. As notícias absurdas sendo bombardeadas constantemente, o medo e incertezas sobre o futuro e a própria saúde. Questões de gênero e raciais entram muito em questão no cenário onírico, pelo fato das crianças serem todas meninas, e o rei dos mares, por mais que envolto em sombras, se mostra à Lélia como um homem negro, sendo ela mesma também negra, como o tio que, apesar de não ter consanguinidade, também é negro.

A omissão pode ser considerada o tema chave nesse sonho. Omissão da sociedade frente ao negro, diante das mulheres e o abuso sexual naturalizado na sociedade. O sujeito negro é atravessado por uma marginalização, um não lugar, obrigado a buscar a solução por si só, buscando os recursos que têm a mão para simplesmente sobreviver. Indo além, para todo o resto da sociedade, vemos um grande desastre de saúde pública atingindo a todos e somos obrigados

a sobreviver, muitas vezes por conta própria, com a adição da má gestão e dos absurdos que começaram a ser trafegados nas mídias sociais e veículos de comunicação. É um sonho que fala sobre o desejo de sobreviver.

Como podemos pensar em novos modos de sobreviver no mundo? Como incluir mais partilha e compartilhamentos entre pares? Parece que a roda de conversa pode anunciar novos ares possíveis na construção de espaços transicionais de cuidado recíproco. Este espaço pode produzir memórias de futuro (BION apud AB´SÁBER, 2005) no sentido de criar, em nossa sociedade, dispositivos jurídicos capazes de punir todos os abusadores responsáveis pelas violências sexuais contra crianças e adolescentes e dispositivos de cuidado que ofereçam a possibilidade de falar sobre o horror que nos atravessa diante da violência cotidiana. Trata-se de construir espaços de socialização nos quais não haja brechas para a recusa da percepção sobre o horror. Há que se colocar o horror em palavras, buscando formas de expressá-lo e, só assim, será possível criar respeito mútuo e reciprocidade nos modos de conviver em sociedade.

## Capítulo 2

### Barbies de Pedra

#### 3.1. Preâmbulo:

No segundo encontro, que aconteceu no dia seis de maio de dois mil e vinte, o grupo estava mais envolvido e conectado na dinâmica de pensar e analisar sonhos. O encontro foi realizado por meio da plataforma digital *Google Meet*, com quatro participantes e duração de uma hora e meia. O clima de amparo estava mais evidente e isso se refletiu nas análises que se decorreram. Houve dois momentos. No primeiro, relatou-se um sonho que havia sido escrito por um professor da universidade - não participante do grupo - que, produziu um sonho muito significativo para ele e o publicou nas redes sociais. Os organizadores da roda solicitaram permissão ao professor para apresentar a sua narrativa onírica no encontro. Após a leitura da referida narrativa onírica, intitulada “O Palhaço”, uma primeira onda de análises e discussões foram realizadas na roda. Na sequência, iniciou-se a narrativa de um segundo sonho, intitulado “Barbies de Pedra”, agora sim, de uma das participantes do grupo. Não iremos analisar o sonho, “O Palhaço”, visto que um artigo já foi publicado sobre ele, para ter acesso ao material, consulte nas referências bibliográficas: Imbrizi & Domingues, 2021. O objetivo deste capítulo 2 é o de apresentar os dois sonhos e, na sequência, analisar o sonho “Barbies de Pedra”.

#### 3.2. Os Sonhos:

##### 3.2.1 Primeiro sonho: *O Palhaço*

*“Nesta noite chorei como há muito não chorava. Em sonho. Foi um choro longo, difícil de ser terminado, bem chorado mesmo, daqueles que lava. Soluçava e lá pelas tantas, já sentado no chão, eu dizia como criança que não, não, não é possível, não é possível isso. A noite também chora em chuva contínua enquanto escrevo. Miúda, quieta. Até quando? Estávamos em muitos em um auditório: curiosamente, era o auditório de um hospital onde trabalhei como palhaço há anos. A cabine técnica, ao fundo, isolada parcialmente, fora adaptada como camarim e, dali, colocando ceroulas listradas, espiávamos, em silêncio, as aulas e discussões médicas sobre as situações graves. Nosso diretor do campus tentou passar o microfone ao diretor administrativo. Eu nunca o vira tão firme, performático e seguro. Esforçou-se para alcançar um outro microfone mais afastado e, com voz forte, começou sua apresentação com fotos antigas e memórias da construção da universidade. A fala chegou até os atuais calouros, de como poderão trancar as matrículas. Houve espaço para quase nenhuma*

*pergunta, até que sentenciasse: pois então, acabou. O campus irá fechar. Ainda explicou um pouco sobre como algumas atividades ganhariam mais tempo, fazendo com que outras conseguissem se manter, até tudo travar. Todos chorávamos copiosamente. Até o diretor administrativo retirou os óculos que não usa para enxugar as lágrimas. Entre tantos, eu estava sentado no chão em frente ao campus, com a cabeça entre os joelhos e chorando muito. Despertei no momento do gesto, um toque dele em meu ombro, um consolo. A chuva apertou e fico em dúvida se consigo voltar a dormir, bem, algum dia.”*

### **3.2.2. Segundo sonho: Barbies de pedra**

*“Do lado de fora de um castelo com um grande jardim, estavam minha irmã e eu. A gente seguia, como se fosse para entrar em um tipo de celebração, festa, ou algo assim. Eu olhei para a esquerda que era onde tinha um corredor de chão com um jardim do lado, com grama e afins. Então falei ‘ah será que eles fizeram até onde?’ - porque era um espaço meio temático, como se fosse um cenário feito para as pessoas que estão indo lá e era um cenário da Barbie. Eu saí da fila que estava indo em direção a festa para ver até onde ele tinha feito o cenário, e acho que a minha irmã foi atrás de mim.*

*Cheguei numa parte mais para frente que tem aqueles murinhos na fachada dos lugares para que você não caia para frente, porque tem algo para baixo e aquelas escadas que são duplas - uma para cada lado - e descem terminando no mesmo lugar. Então eu disse ‘é igual o castelo de princesa da ilha’ (filme da Barbie) - só que não era igual, apesar de eu achar isso no sonho. Eu fui descer a escada e os guardas foram atrás da gente, pois não podia ir para lá. Mesmo assim eu descii a escada e embaixo tinha um jardim com várias estátuas, eram no estilo das estátuas de Barbie Quebra Nozes (outro filme da barbie) que são de pedras meio brancas e meio cinzas e já era de noite. Minha irmã e eu fomos nos escondendo atrás das estátuas, porque os guardas estavam atrás da gente, mas tinha alguns lugares que não tinham estátuas, só a base delas . Eu fui em uma dessas bases e me fingi de estátua.*

*A cena mudou e eu a assistia de fora. Eu, então, era a Barbie (do filme Barbie e as Doze Princesas Bailarinas). Eu era colorida e as outras estátuas eram cinzas, mas os guardas passaram sem perceber e eu saí da base que eu tinha me escondido e fui mais para frente no jardim. Havia uma moça que também estava atrás da gente para nos prender. Eu dei um golpe nela, - não sei exatamente que tipo de golpe e não sei também por que eu fiz isso - mas, depois que eu a golpeei ela desmaiou. Eu fui atrás da minha irmã que tinha se escondido dentro de*

*uma estátua - não sei como - que estava com roupa de frio. Eu só conseguia vê-la pelo buraco dos olhos da estátua e eu falei alguma coisa para ela, mas eu não lembro o que. Em seguida, os guardas apareceram para nos prender, porém eu me deixei prender sozinha para não prenderem ela - a minha irmã.*

*Muda-se o cenário novamente, como se tivesse voltado no tempo, mas naquele mesmo castelo. Não existiam mais as estátuas. Entretanto, tinha uma mulher com seus 40 anos de idade, mas não aparentava ser velha, mas como se fosse uma mentora ou fada madrinha e me dizia que eu precisava encontrar logo a 'coisa' que iria salvar a gente, mas eu não sabia o que era 'a coisa' nem o que tinha que salvar. Nesse jardim, tinham pessoas paradas, como se tivessem congeladas no tempo, com roupa de Rugby - azul e branca. Eles estavam em um treino de Rugby e eu tinha que achar a 'coisa' que iria nos salvar, mas tinha que fazer isso antes que eles descongelassem. Eu fui andando bem rápido, não correndo, mas quase, para dentro do castelo, para achar essa 'coisa' e, novamente, a cena muda, dessa vez para uma menina que estava escondida nesse time de Rugby. Ela era uma patricinha que, tecnicamente, tem algum reconhecimento, mas ela não tinha, mas se ela achasse a 'coisa' que iria salvar as pessoas ela teria algum reconhecimento. Ela sabia que eu sabia onde estava essa 'coisa', dessa maneira, ela me seguia.*

*Muda-se a cena para a Evie, que é a filha da rainha má da Branca de Neve em um filme da Disney chamado Descendentes. Ela estava atrás de mim porque ela era minha amiga, querendo me ajudar. Ela achou que a 'coisa' que salvaria as pessoas estava fora do castelo para cima ou algo assim e eu sabia que, na verdade, estava para baixo - dentro do castelo, descendo as escadas. Eu então as descí.*

*Agora eu já sabia que era o meu pai e que ele era médico, ou algo relacionado. Ele estava preso numa sala, embaixo dessa escada que eu estava descendo. Chegando no fim, tinha do lado esquerdo um banheiro ou um quartinho - não sei dizer ao certo - embaixo da escada com o teto baixo. Nesse local, tinha um menino de 12 anos cuidando de um menininho de uns 3 anos - ele era meu irmão. Nesse momento, eu viro um homem. Olhei para o bebezinho que estava entrando na sala em que meu pai se encontrava e, esse bebezinho, era eu - porque eu tinha voltado no tempo.*

*Nesse momento - em que eu era o homem e encontrei comigo o mesmo bebê -, ele estava entrando nessa sala, eu olhei para o bebê e disse 'não faça isso' entendendo que eu era ele e*

*que ele tinha que ficar lá para eu poder entrar na sala sozinho. Ele voltou e eu entrei. Havia uma cama na sala e nessa cama estava o meu pai - que não é o meu pai de verdade - preso por algum tipo de magia. Minha mãe estava ajudando ou cuidando dele - ela também não era minha mãe de verdade, mas ali era minha mãe. Ela usava um vestido medieval e meu pai era rei e minha mãe, rainha. Eu continuava como um homem e eu tinha que beijar o meu pai para quebrar o feitiço. Só que o beijando eu ia ter que: ficar presa lá por muito tempo, igual ele estava; ou eu tinha que matar duas pessoas e, assim, não ficar presa. Quando eu fui falar para o meu pai que eu tinha que beijá-lo para quebrar o feitiço, ele falou 'mas então você vai ficar presa ou terá que matar duas pessoas, você vai matar duas pessoas?' E eu falei que não, que não iria matar duas pessoas, então eu vou ficar presa porque eu tenho que salvar o mundo.*

*Nesse instante e, de forma inesperada, surgiu o Luke personagem do filme Percy Jackson para me impedir de beijar o meu pai e quebrar o feitiço. Só que ele não era mal, ele só era meu amigo, era bom e queria me ajudar. Ele não sabia que eu tinha que fazer isso, mas quando ele entendeu o que eu tinha que fazer, ele foi me ajudar. Meu pai não queria, porque eu ia ficar presa lá, e ele não queria isso. Então, apareceu uma mulher ou uma menina do lado de fora - porque do lado direito, onde devia ter uma parede, tinha uma grande janela quadriculada. Ela iria quebrar a janela e me impedir de quebrar o feitiço. Com pressa, fui beijar o meu pai e na primeira tentativa eu só beijei ele uma vez, brevemente e falei 'pronto, deu', mas o Luke disse que o beijo teria que durar mais de 15 segundos. Tentei novamente, meu pai tentou se esquivar - eu beijei um pouco e ele deu uma saída pra falar alguma coisa. Interrompi e disse 'preciso fazer isso antes que acabe o meu tempo e eu não consiga quebrar o feitiço'. Então, consegui beijá-lo por 15 segundos.*

*Assim, muda-se a cena porque tinha passado muito tempo que eu tinha ficado presa lá, já que eu quebrei o feitiço - mas, no sonho, não pareceu ter passado muito tempo. Agora, eu já era mulher de novo e usava um vestido longo. Encontrava-me com mais dois homens e íamos para o castelo, já que eu estava livre da prisão. Estávamos indo para a coroação da minha irmã, pois ela era princesa e agora meus pais tinham ficado livres e criaram minha irmã normalmente. Cheguei lá, com os dois homens que poderiam ser meus irmãos, bem na hora da coroação. Minha mãe (que não era minha mãe de verdade, mas era ali) estava com a minha irmã (que também não era minha irmã). Ela não viu a gente chegando, então nos posicionamos na diagonal, na frente dela. Após a coroação, minha irmã olhou e disse 'nossa, vocês aí?'. Nos abraçamos e o cenário mudou para a minha casa.*



*Era depois que eu já tinha voltado no tempo. Na minha casa (que é a minha casa de verdade), estávamos na sala - só que onde devia ter uma janela tinha uma parede com quadros, que não tenho na minha casa. Estes, estavam posicionados de uma forma diferente. Fiquei surpresa, pois eles mudaram só para mim, porque, por causa da maldição, eu tinha vivido a vida antes de voltar no tempo e ter arrumado tudo. No final da sequência de quadros, havia um quadro com umas borboletas marrons com umas plantas - ele não existe. Eu olhei para esse quadro e falei 'é a vovó Ana' - vovó Ana é minha avó de consideração, pois ela é a mãe da madrinha da minha irmã. Ela já faleceu. E meu pai falou: 'É verdade, parece mesmo' como se ele tivesse vivido a vida inteira dele com aquele quadro ali e nunca reparou que era minha avó. Embaixo do quadro havia um escrito, o nome da minha irmã - estava lá, porque era ela que tinha pintado, estava escrito em vermelho.*

*Minha mãe (que então era a minha mãe mesmo) e minha irmã (que não era minha irmã) e outra mulher estavam muito jovens. Tinha passado todo esse tempo e elas ainda permaneciam com uns 30 anos. Eu perguntei 'como é que vocês ficaram assim todo esse tempo?', responderam que era porque elas tinham amarrado um fio, que parecia um fio de nylon, no pescoço. Nele, havia uma magia que fez com que elas ficassem jovens para sempre. Fizeram isso para que pudessem me ver quando eu voltasse da maldição na qual eu fiquei presa. Olhei pela janela e vi que tinham dois fios desse tipo, como se fossem colocados em um varal, fazendo um X num espaço quadrado."*

### **3.3. Discussão do sonho:**

Neste segundo encontro, podemos observar que o sonho proposto é muito maior e bem elaborado do que vimos no primeiro capítulo. A quantidade de elementos descritivos no sonho é bem variável. Um sonho simples, não quer dizer raso em significados, visto que um único elemento sonhado pode representar inúmeras questões. O sonho inaugural de Freud apresentado no livro "A Interpretação dos Sonhos" (1900/2017), o famoso "a injeção de Irma" é breve, mas cada elemento possui camadas e mais camadas de significados, tal fato torna-se explícito quando compreendemos que mesmo a personagem principal do sonho, a ex-paciente de Freud, Irma, representa diversos personagens na vida de Freud - como a esposa, a própria Irma, bem como outras pacientes que passaram por seu consultório.

Neste sonho, vemos uma riqueza de detalhes. É um sonho longo, envolvendo muitos elementos culturais do universo da boneca Barbie. Tal semelhança com os enredos dos filmes

- muito presentes durante a infância da sonhante - é tanta que em muitos momentos durante as associações, ela se refere ao sonho como “o filme”. Isso se dá graças ao fato do sonho ter um certo apreço pela figurabilidade, geralmente essa característica é a mais marcante, visto que tentamos construir um enredo coerente quando procuramos traduzir o sonho em um texto ou uma narrativa. Para fins de proteger a identidade da sonhante, aqui vamos chamá-la de Jasmin.

Jasmin começa, em seu sonho, dentro do cenário do filme da Barbie, em específico o filme “Barbie em a Princesa da Ilha” (GREG RICHARDSON, 2007). Barbie é aclamada como a boneca mais famosa do mundo, criada em 1959 e sendo produzida até hoje. Surge da precursora alemã Bild Lilli (produzida de 1955 até 1964), que não era uma boneca infantil, mas sim uma boneca erótica, vendida em bares e tabacarias. Até então, as bonecas direcionadas às crianças eram todas representações infantis, nenhuma em fase adulta. Os criadores da empresa Mattel (Ruth Handler e Elliot Handler) ao verem sua filha brincando com as bonecas de papel, representando-as de forma adulta, tiveram a ideia de adaptar a boneca Bild Lilli para o público infantil, criando assim a Barbie (LORD, 2004). Esta boneca nunca teve uma história associada a ela, apenas eram lançadas coleções de roupa temáticas (Barbie veterinária, popStar, sereia, etc). Esse padrão se repetiu na produção de materiais como gibis, jogos eletrônicos e filmes. A personagem não possuía uma história própria, assumia, assim, papéis diferentes, de acordo com o enredo. Um bom exemplo são os filmes produzidos de 2001 até o ano presente (2021). Somando 36 filmes lançados.

No filme que é a referência do sonho, Barbie personifica (ou interpreta) Roselli, uma princesa que sofre um naufrágio e acaba em uma ilha, onde faz amizade com os animais, aprendendo sua linguagem. A trama do filme circunda o resgate dela por um príncipe e as tentativas da mãe, ardilosa da princesa prometida a ele, de tomar o reino, impedindo que o príncipe fique com Roselli, por quem se apaixonou. Num comportamento bem explorador, Jasmin decide descer as grandes escadas duplas do castelo. A sonhante revela que esse é o típico comportamento da Barbie nos filmes. O fato dela assumir o papel de Barbie nesse “filme onírico” começa a mostrar algumas representações entre o Eu sonhador e a personagem. Jasmin revela ao grupo, quando questionada sobre as associações que faz com a Barbie, que, durante sua infância, ela e sua irmã gêmea sempre assistiam aos filmes da boneca juntas. Em brincadeiras de interpretação de papéis, sua irmã era sempre a Barbie e ela era a “amiga da Barbie”. Na verdade, essa era a representação da boneca Skipper, introduzida em 1964, como a irmã mais nova de Barbie. Diferente desta, que era representada com cabelos escuros. Nesse

momento, começamos a ver algumas identificações entre as duas. Jasmin revela que sua irmã é gêmea bivitelina, ou seja, não são idênticas. Sua irmã é loira, com olhos azuis, e ela é morena de olhos escuros. A sonhante, completa ainda, que era mais reservada, enquanto sua irmã sempre foi mais proativa, exploradora e sociável. “Sempre minha irmã tomava a iniciativa, e eu ia junto com ela”, exemplifica Jasmin. A sonhante sempre teve a irmã como sendo a mais bonita entre elas, e ela sempre a coadjuvante.

O sonho segue com as duas descendo a escada que dá acesso a um local, onde se encontra um jardim cheio de estátuas. Aqui, podemos encontrar mais referências bem recorrentes de um outro filme da Barbie. A sonhante percebe isso prontamente e revela que são estátuas como as do filme “Barbie em o Quebra-Nózes” (2001). Nesta trama, o Rei-Rato (antagonista da história), enfeitiça Clara, interpretada por Barbie, tornando-a pequena. O brinquedo Quebra-Nozes ganha vida e a ajuda na aventura de livrar-se do feitiço, onde deveriam encontrar a princesa Caramelo. O Rei-Rato havia enfeitiçado os demais, transformando-os em estátuas de pedra. No primeiro filme - que abre o simbolismo onírico -, a rainha má lança um veneno nos animais do castelo, levando-os a um sono profundo, com finalidade de incriminar a Roselli (Barbie) de tê-los matado e prendê-la. Tanto o sono profundo dos animais, quanto as pessoas tornando-se estátua de pedra são elementos comuns que podem ter sido o disparador desse aspecto do sonho.

Nesse momento, começa uma cena de perseguição. A descida delas pela escada não era permitida. Guardas do castelo começam a procurá-las. Para escapar da perseguição, a protagonista do sonho se disfarça de estátua, mantendo-se imóvel em uma das plataformas onde deveria estar uma estátua, e a irmã esconde-se atrás de uma das escadas. Ocorre uma troca de personagens, agora a sonhante não era nem a Barbie de “O Quebra-Nozes”, nem a da Ilha Perdida. Ela, então, assume o papel da protagonista de “Barbie e as 12 Bailarinas” (2006). Nesse longa metragem, os autores adaptam o conto das 12 princesas bailarinas dos Irmãos Grimm. O padrão de fábulas continua nessas histórias, onde Genevieve e suas 11 irmãs, todas princesas de um rei generoso, são perseguidas por uma nova professora que o rei contrata para supri-las da falta que a mãe - falecida - causara. Essa professora tinha um plano maligno de tomar o poder (novamente um padrão em todas as histórias dos demais filmes) livrando-se das princesas e envenenando o rei. As princesas escapam através de um portal mágico dentro de um dos quartos do castelo, indo para uma terra mágica onde haviam fontes curativas e plantas capazes de realizar desejos. A antagonista descobre o plano e consegue segui-las nesse mundo mágico,

saindo de lá com uma das plantas e destruindo o portal. Com toda uma trama, as princesas conseguem escapar do mundo mágico, desviam do feitiço lançado pela antagonista e salvam o pai da morte por envenenamento.

A mudança de personagem faz todo o sentido quando pensamos na continuação do sonho. Jasmin enfrenta uma mulher que estava lá para prendê-la (assim como a antagonista do filme *12 Bailarinas*), golpeando-a. Em todos os filmes ocorre, em algum momento, o enfrentamento da protagonista e da antagonista (representado geralmente por uma mulher mais velha, salvo em *Quebra-Nozes*, onde o antagonista é um rato). Após isso, ela se permite ser capturada.

Após a captura, a cena muda drasticamente. A sonhante volta no tempo. As figuras das estátuas permanecem, mas agora como jogadores de Rugby congelados no tempo. Ela sabe agora que deve salvar o mundo de alguma maldição, para tal ela precisaria encontrar “aquilo que será capaz de salvar a todos”. No meio das estátuas, há uma menina que a segue, pois deseja também encontrar “aquilo que salvará o mundo”. Essa menina está em busca de prestígio. Logo após, surge a personagem Evie, a filha da rainha má do conto *Branca de Neve*. Esta personagem surge na série de filmes animados da Disney, chamado “*Descendentes*” (2015), no qual se narra novos contos baseados nos filhos dos principais personagens dos tradicionais contos de fadas. Em especial, os filhos dos vilões, que têm a possibilidade de redenção e retorno à terra de onde os pais foram expulsos. Não está claro na narrativa do sonho, mas, aparentemente, Evie e a garota que busca prestígio são os mesmos personagens. Isso faz sentido, uma vez que a personagem Evie, numa correlação com sua mãe, a Rainha Má de *Branca de Neve*, busca ser a mais bela de todas (como sua mãe). E, essa personagem, surge no enredo onírico quando a sonhante começa sua jornada em busca “daquilo que salvará a todos”. Ela, apesar de saber que a sonhante é quem conseguirá encontrar o objeto salvador (afinal, o protagonista é o Eu sonhador), acredita que está em algum lugar para cima e fora do castelo, enquanto a sonhante sabe que está para dentro e abaixo do castelo. Jasmin segue então para dentro do castelo e desce as escadas novamente.

Agora a sonhante, após descer a escada, chega em uma sala curiosa. Este lugar é descrito como dentro da escada, como se fosse um armário e seu teto é rebaixado. Lá há um menino de 12 anos cuidando de uma criança, também do sexo masculino, de 3 anos. Nessa cena, a sonhante se identifica com o menino de 3 anos e reconhece o maior como seu irmão, como se tivesse

voltado no tempo. Aqui algo bem curioso acontece, ela assume a forma masculina após identificar-se com o menino de 3 anos. A criança tenta entrar na próxima sala, mas é impedida pela sonhante, agora na forma masculina, visto que Jasmin deveria entrar sozinha, sabendo que algo importante aconteceria lá.

Na próxima sala, a sonhante encontra-se com seu pai, que era um médico. Ali, ela reconhece que era seu pai, mas não possuía a forma de seu pai verdadeiro, sendo então apenas uma representação. As figuras se misturam entre pai, médico e rei. Ele está preso numa cama, sendo cuidado por sua mãe, a rainha, que também não assume a figura de sua mãe verdadeira. Aqui podemos ver uma associação com a figura do rei, em 12 bailarinas, que se encontrava sob efeito de um veneno - talvez por isso também ele assuma a figura de um médico. Há também a representação da Barbie em O Quebra-Nozes, visto que ela estava encolhida por um feitiço, e a sonhante estava também transmogrificada<sup>1</sup> em homem.

A próxima cena é bem clássica quando se pensa nas fábulas da Disney. A sonhante precisa dar um beijo no enfeitado para quebrar o feitiço. Porém, há três situações complexas: nesse momento do sonho ela era um homem e o encantado era seu pai. A terceira era a de que se seu eu sonhador quebrasse o feitiço, deveria ficar preso no lugar de seu pai a não ser que matasse duas pessoas. O pai pergunta à estudante se ela sabe da consequência de quebrar o feitiço e se irá matar duas pessoas. A sonhante entende que precisa fazer aquilo para salvar o mundo (sendo o pai enfeitado a “coisa” que iria salvar a todos), e diz que assumirá seu lugar e não matará ninguém.

Quando a sonhante se aproxima para beijar seu pai, surge a figura de Luke Castellan, do filme “Percy Jackson e o ladrão de raios” (2010). Nesse filme adaptado de uma série de livros, conta-se a história de semideuses olímpicos, ou seja, os filhos dos deuses gregos do Olimpo. O personagem Luke é um antagonista velado, mostrando-se amigo dos demais e no final da história, revela-se como o traidor que causou toda a discórdia entre Zeus e Hades, por ter roubado o raio-mestre de Zeus e fazendo-o acreditar que foi obra de Hades. Aqui, porém, a sonhante reconhece Luke Castellan como amigo, que desejava o bem dela. Ele tenta impedir, mas após entender o que precisava ser feito, aceita o fato. A sonhante então beija seu pai de forma rápida e diz “pronto, já deu”. Concomitantemente com o ato, ela percebe que onde

---

<sup>1</sup> Transmogrificar vem do termo em inglês “*transmog*”, tem o significado de trocar a forma de um ser, sem perder suas características essenciais. Ou seja, uma mudança apenas estética. Se diferencia da metamorfose, pois nesta ocorre uma mudança completa, não apenas estética.

deveria ter uma parede nesta sala, há uma janela quadriculada, e do outro lado uma mulher que quer impedi-la de quebrar o feitiço. Podemos pensar aqui que, novamente, é a figura da antagonista anterior do sonho, que é golpeada, mais uma vez numa representação da rainha má que tenta prejudicar a protagonista. Agora, ela está do lado de fora, impedida de agir, apesar de ainda querer quebrar a janela para interromper a quebra do feitiço. Após o beijo, porém, nada acontece. Luke, então, explica que para funcionar o beijo precisa ser mais vagaroso, durando pelo menos 15 segundos. O pai tenta esquivar-se do novo beijo, mas a sonhante o interrompe e diz que precisa fazer aquilo antes que o tempo acabe, afinal era preciso salvar o mundo (talvez aqui apressada pela figura da mulher do outro lado da janela). Ela, que ainda se identifica em um personagem do sexo masculino, o beija novamente, dessa vez por mais tempo. A maldição é quebrada.

Ocorre então uma mudança brusca na cena onírica. Agora ela é novamente uma mulher. O tempo passou, voltaram ao presente, e ela libertou-se da maldição, ficou no lugar de seu pai pelo tempo que ele deveria ter ficado preso. Encontram-se em uma cerimônia de coroação. Sua irmã será coroada rainha, afinal seus pais a criaram normalmente como princesa, enquanto ela estava aprisionada. Jasmin estava acompanhada de dois homens, talvez guardas, que dessa vez não mais a perseguiam. Posicionou-se junto com seus irmãos, quando foi vista pela sua irmã a ser coroada, esta disse a ela com tom de surpresa “nossa, você aí?”, por não esperar vê-la.

Novamente, há um corte e agora ela está no tempo presente, e na casa real dela. Os mundos se fundem então, pois é como se ela tivesse vivido realmente toda aquela aventura no mundo dos sonhos, e agora estava de volta no mundo real. Uma história análoga com o final do conto de “Barbie em O Quebra-Nozes” onde, após quebrar o feitiço que a torna pequena, Barbie acorda, pois foi tudo um sonho, não ficando claro se tudo foi um sonho realmente ou se aquele era o efeito da quebra do feitiço.

Em sua casa, a sonhante encontra algo fora de lugar, algo que não estava “antes” da viagem no tempo, no mundo mágico onde ocorreu toda sua aventura. Havia ali uma série de quadros que ela não reconhecia. Ela chama atenção de sua mãe e irmã (que agora são representadas pelas figuras reais) a um quadro em especial. Uma borboleta e uma flor, ela conecta esse quadro imediatamente a Avó Ana, que não é a avó biológica das irmãs, mas mãe da madrinha de sua irmã. Aparentemente, ninguém havia reconhecido o quadro como a Vó

Ana, algo muito curioso, pois a flor e a borboleta são a Vó Ana, mas passa despercebido pelos demais no sonho.

Após a cena do quadro, o que chama a atenção da sonhante é o fato de que a sua irmã quanto e a sua mãe estão muito jovens - aqui, a irmã e a mãe, aparentemente, tem conhecimento sobre a viagem no tempo de Jasmin e todo seu período presa na maldição. Dizem a ela que usaram de um fio de nylon mágico para não envelhecerem enquanto esperavam por sua volta. Pedem então que ela o use para evitar que envelheça também, o sonho se conclui com a sonhante olhando pela janela e vendo alguns fios de nylon dispostos como se fosse um varal formando um “x quadrado”.

### **3.4. Primeira camada de tratamento do material onírico:**

Analisaremos agora quais elementos do sonho falam da experiência singular da sonhante. Podemos começar pela figura mais presente no sonho, a Barbie, que o Eu sonhador assume o papel. Cabe destacar a invasão da Indústria Cultural (HORKHEIMER & ADORNO, 1985) no sonho, no caso os filmes da boneca Barbie que trazem certas imagens de mulher e posição subjetiva feminina que povoam o imaginário onírico da sonhante. Tanto nos filmes quanto nas bonecas comercializadas, Barbie sempre assume o papel de acordo com o tema, mas o enredo é sempre o mesmo no qual a boneca loira e de olhos claros é a protagonista da história que precisa vencer “sozinha” os desafios criados no roteiro e, no final, ela sempre vence. Aqui ocorre exatamente isso, a sonhante se torna a boneca, ou a boneca se torna ela, em uma grande identificação. Jasmin revela que os filmes da Barbie foram muito presentes em sua vida e de sua irmã. Fazendo parte os personagens em suas brincadeiras de interpretação de papéis e, ainda hoje, está presente “quando dá na telha”. Barbie representa uma idealização de mulher para a sonhante, sendo aquela “que faz mil coisas ao mesmo tempo, sempre tomando a iniciativa”, imagem também muito associada à sua irmã, que apresenta características muito semelhantes, não só fisicamente com a personagem da Mattel, mas também em sua personalidade. Sendo ela - Jasmin - sempre a coadjuvante das histórias, mas não nesse sonho. No sonho ocorre uma forma da realização desse desejo de tornar-se uma grande mulher, então ela torna-se a protagonista do sonho na forma da boneca.

Quando comentadas as questões estéticas atravessadas pela figura da Barbie e com todo o padrão das princesas da Disney no sonho, Jasmin percebe a representação da sua autoconfiança na produção onírica, e como elas foram abaladas, especialmente durante o

período de isolamento social imposto pela pandemia. Aqui, podemos pensar nas ideias de Freud (1900/2017) quando no capítulo 3 de “A Interpretação dos sonhos” há a afirmação de que os sonhos também possuem a função de realização de desejos, neste contexto - talvez - um desejo de estar num padrão estético presente no universo da Barbie e dos contos de fadas da Disney. Pois a sua irmã é loira e de olhos claros, o padrão de beleza imposto e ainda muito valorizado na sociedade contemporânea, já a sonhante tem cabelos e olhos castanhos.

Jasmin deixa muito claro que nunca houve uma rivalidade com a irmã, mas podemos ver que ela toma o lugar da irmã em diversos momentos. Diz a estudante que “geralmente quem sairia explorando tudo, seria minha irmã, e eu apenas acompanho”. Mais adiante no sonho, quando estão fugindo dos guardas, a sonhante finge-se de estátua, enquanto a irmã entra dentro de uma estátua que trajava roupas de frio. Ou seja, Jasmin apenas se utilizava de uma forma ardilosa para enganar os guardas, enquanto a irmã praticamente torna-se uma estátua, torna-se rígida por conta do clima frio.

Após sua irmã sair de cena, paralisada pela forma de estátua, ela toma o protagonismo central do enredo onírico, deixando-se capturar. Agora Jasmin é a salvadora de tudo, da grande paralisa que tomou o mundo (as estátuas). Ela está no passado e as estátuas são jogadores de Rugby, não há mais perseguição neste momento. Talvez os guardas - figuras masculinas - que a perseguiram, agora foram apaziguados e congelados pelo ato dela ter-se entregado à captura. Surge também uma outra personagem, a Evie, filha da Rainha Má em Branca de Neve. A Rainha Má era obcecada pela beleza, e tais traços são passados adiante na série de filmes “Descendentes”. Mais uma vez, conseguimos ver aqui uma representação dos padrões estéticos desejados pela sonhante e o problema com a autoestima relatado anteriormente. Essa personagem surge como uma aliada (apesar de ter motivações egoístas, afinal só deseja o prestígio), alguém que tenta ajudá-la a encontrar aquilo que será capaz de salvar a todos.

Ela parte nessa jornada que, curiosamente, é encenada da mesma forma que anteriormente: a descida de uma escada. Enquanto Evie, sobe. O símbolo de subsolo é comumente visto como uma referência à profundidade e ao inconsciente. Jung relata um sonho em “O Homem e Seus Símbolos” (1964, p. 62), um sonho que teve enquanto trabalhava com Freud. Nesse sonho, ambos desciam a um porão para explorá-lo, indicando o trabalho que ambos tinham na exploração dos aspectos inconscientes da psique humana. Aqui também a sonhante desce para encontrar o que iria salvar a todos: seu pai. Esta figura que se apresenta



como a solução para os problemas possui diversas características: ele é seu pai, ele é médico, ele é rei e está aprisionado por uma maldição.

Existe, nesse tema, um elemento comum no relato onírico e em diversas fábulas: salvar o pai das profundezas, sejam elas quais forem. Usemos como exemplo a fábula Pinóquio da Disney. O personagem que é feito de madeira, animado por uma magia, deseja tornar-se um menino de verdade. A estória segue então sobre a sua jornada em tornar-se um ser de verdade, numa representação ao indivíduo que deseja tornar-se completo, integrado. O clímax ocorre quando esta precisa resgatar seu pai de dentro da barriga de uma baleia, no fundo do oceano. Aqui a sonhante faz o mesmo movimento, seu pai é a figura central para a libertação da paralisia de todos (e talvez dela mesma), pois ele está aprisionado e cabe a ela salvá-lo. Tornar-se homem, nesse momento, pode ser um movimento de identificação com os personagens de tais fábulas, que geralmente são masculinos, bem como diversas questões sobre nossa cultura que serão discutidas na próxima camada de análise. Além de revelar a questão da bissexualidade que é inerente a todos os seres humanos, pois a sonhante poderá beijar o pai longamente mesmo sendo um homem (FREUD, 1925/2011). A figura do pai é bem conhecida dentro da teoria freudiana como uma das figuras pilares do Complexo de Édipo (FREUD, 1925/2011), presente no desenvolvimento da criança. O Complexo de Édipo é um movimento na percepção de mundo da criança quando ela se percebe não mais no centro do mundo, e não como único objeto de atenção e amor dos pais, durante uma disputa com a mãe ou pai pelo amor de outra figura parental. É também durante as experiências do conflito edipiano que cada sujeito configura a sua consciência moral, a instância superegógica, que molda os valores internalizados e advindos do mundo externo e que também ajudam na configuração dos ideais do sujeito. Por meio do processo de identificação (FREUD, 1924/2011) com as figuras parentais, e no caso, com as personagens da Indústria Cultural, a criança constrói sua estrutura psíquica, sua identidade e orientação sexual. Isso se mostra de forma didática quando a sonhante, agora na forma masculina, deve beijar o pai para libertá-lo da maldição. Tal beijo se mostra um tabu pela repressão presente no próprio Complexo de Édipo. Aqui a figura de Luke, de Percy Jackson, surge para tentar impedi-la de fazer tal ato. Um ladrão dos deuses, traidor do Olimpo, porém um que se redime de seus crimes. Talvez a escolha de um personagem que cometeu uma grave falta e depois passa por um processo de remissão faz sentido quando pensamos que ela precisa fazer algo repreensível para tornar as coisas certas - bem como acreditou o personagem durante seu desenvolvimento nos filmes. Este, na narrativa onírica, tenta impedi-la, mas após compreender o que está ocorrendo, ajuda-a e fornece a solução: ela precisará suportar toda

angústia do ato (o beijo por pelo menos 15 segundos, típica figura infantilizada do beijo “verdadeiro”) para conseguir quebrar a maldição. O beijo, como quebra de maldição, também é algo bem comum nas fábulas da Disney. Cabe assinalar que não é a sonhante que deseja beijar o pai no conteúdo manifesto do sonho, são as imposições de um suposto alguém que a enfeitiçou. Cabe assinalar, aqui, a postura passiva da sonhante diante de seu desejo, que só se transforma em ativa quando ela tem que “obedecer” a algo fora dela. Aliás, estrutura bem presente nos roteiros de filmes que contam histórias das Cinderelas e Belas Adormecidas.

As demais características do pai, ou seja, ser rei e médico, podem representar as figuras de poder político e sanitário, numa representação da situação da pandemia e da política onde a sonhante está inserida. Voltaremos nesses elementos mais à frente.

Um último dado sobre esse trecho do sonho é que após a maldição ter sido transferida para ela por meio do beijo, a única forma da sonhante não ficar presa seria se ela matasse duas pessoas, o que ela se nega veementemente. Aqui vemos uma clara representação da pandemia, cuja nossa responsabilidade em cumprir o isolamento social envolve proteger do risco de morte a nós e as outras pessoas da nossa comunidade de destino. Se ela escolher quebrar a maldição pela forma que garanta a sua liberdade, seria pelo custo de duas vidas. Com as campanhas publicitárias clamando a população que “fique em casa e salve vidas”, podemos fazer um paralelo com “saia de casa e mate alguém”. Jasmin aqui paga o preço e mantém-se presa, bem como na vida de vigília, onde ela pagou o preço do isolamento e manteve-se em casa, aprisionada.

Ela, então, volta a ser uma mulher e perde o protagonismo do sonho. Sua irmã agora voltou a ser a personagem em destaque e não a reconhece durante a cerimônia de coroação. Ou seja, ninguém viu seu sacrifício. Bem como ninguém será lembrado por ter suportado as dores do isolamento social, tal qual a irmã a percebe de maneira quase desdenhosa. A satisfação do desejo inconsciente de ser como a Barbie ou como sua irmã, apresenta-se de forma frustrada por conta do sacrifício feito. Há também a possibilidade de fugir para um mundo de fantasia e das fábulas e brincar de estátua, aquele jogo infantil no qual se você for tocado em uma brincadeira de pega-pega deve permanecer paralizado e não participa mais do jogo, só observa as outras crianças correrem e se divertirem.

Na próxima cena a sonhante volta para sua casa, fora do mundo das fábulas de Barbie.

### **3.5. Segunda camada de tratamento do material onírico:**

O primeiro elemento que atinge o grupo de forma muito clara é a questão de gênero. Em todos os momentos que a sonhante é perseguida, ela é uma mulher. Ela é perseguida pelos guardas do castelo por estarem - ela e a irmã - frequentando locais não permitidos. Pela própria questão da violência contra a mulher em nossa sociedade, há locais que não são “permitidos” a essa população. Tal proibição é presente tanto na forma de um risco de violência física, como também em uma apresentação mais velada, através da proteção, a qual, muitas vezes, priva a mulher de estar em diversos locais sob a desculpa de que lá estaria em situação de risco.

Durante as discussões do grupo, a palavra foi dada a um dos homens participantes, questionado sobre como ele vê essa questão de ser homem em nossa sociedade. Ele conclui que há sim um privilégio em ser homem, e cita alguns exemplos, todos voltados sobre o poder de escolha que está condensado na figura masculina. Essa negação do protagonismo é vista por essa perseguição dos guardas durante o sonho de Jasmin e ela ocorre não só das figuras masculinas, mas também da figura feminina, geralmente mais velha, durante o sonho. Tanto na cena do jardim de estátuas, quanto mais adiante, enquanto a sonhante estava no subsolo salvando seu pai, uma mulher aparece para tentar impedi-la de salvar o mundo. Podemos associar isso ao fato do machismo não ser uma exclusividade do homem, inúmeras vezes as próprias mulheres acabam sendo propagadoras das ideias misóginas, levando em consideração a criação machista presente em nossa sociedade. A representação dessas mulheres como sendo mais velhas pode indicar um choque geracional, visto que elas, por terem vivido em uma época na qual as ideias feministas não eram facilmente discutidas na mídia, nas escolas e demais locais, acabam sendo propagadoras de ideias machistas com maior facilidade. A própria figura da boneca Barbie representa um padrão estético para as mulheres que, muitas vezes, é difícil de ser alcançado e tem como alvo a conquista de um homem tão belo quanto o boneco Ken.

Algo que também chamou muito a atenção do grupo durante as discussões foi a troca de gênero durante o sonho. Quando Jasmin assume o protagonismo e passa a atuar na jornada de salvar o mundo, ela torna-se um homem. E a “coisa” que será capaz de salvar a todos é beijar um homem. Todos reparam claramente como o homem é visto como salvador e realizador, sempre negando tal protagonismo às mulheres. Tanto que quando ela, finalmente, consegue completar a jornada, ela volta a ser uma mulher e perde novamente o protagonismo. Repararam aqui como o sacrifício feminino também é velado, raramente vendo algum reconhecimento.

O reconhecimento aparece também por meio da coroação, mas a coroada é a sua irmã, que representa a idealização da mulher bela, com um padrão estético extremamente eurocêntrica. Aqui a figura da Barbie como padrão de beleza imposto é lembrada pelo grupo. Um padrão de beleza que está sendo imposto pela sociedade desde a década de 1960, se pensarmos apenas na figura da boneca em questão. Ou seja, é um padrão que atravessa gerações. Um padrão que se mostra estático como as estátuas do sonho de Jasmin e que está muito longe do padrão estético de muitas brasileiras.

No final do sonho, quando a sonhante volta para sua casa e encontra com sua mãe e irmã, que estão estranhamente jovens, ela as questiona e recebe uma resposta extremamente simbólica: elas - para aguardá-la voltar da maldição - mantiveram-se jovens através de um fio mágico. Um fio de nylon que deveria ser enrolado no pescoço. O grupo conseguiu reconhecer essa representação como um fio sutil, afinal o nylon é muito resistente e muito refinado, visto ser transparente. Foi a primeira fibra sintética produzida pela sociedade. O fio mágico capaz de torná-la jovem para sempre deveria ser enrolado em seu pescoço, representando todo o sufocamento que essa pressão estética exerce sobre a mulher. E ele é invisível, muitos e muitas nem percebem que estão sob efeito dessa pressão. Sua mãe e sua irmã, durante o sonho, a apressam para colocar logo o fio, mostrando - novamente - a pressão social e a urgência da juventude. Visto que as mulheres são cobradas a manter-se jovens para sempre, devendo iniciar os tratamentos estéticos o quanto antes. A sonhante então olha pela janela e vê fios dispostos como se fossem um varal. Podemos pensar numa representação das roupas, que são outro símbolo dessa cobrança estética.

As estátuas, enquanto já foram associadas com o padrão estático e imposto de beleza, foram também associadas ao momento político e de saúde vividos por todos. As estátuas são como pessoas, mas não as são de fato. “É gente, mas não é”, exemplifica uma das participantes. Durante o período da pandemia, todos os dias eram veiculados, nos principais meios de comunicação, todas as infecções e mortes que estavam ocorrendo. Naquele momento, éramos como estátuas. Estávamos presos em casa, estáticos, sem a possibilidade de fazer nada a respeito, e nem éramos pessoas, passamos a nos tornar números trágicos em estatísticas fúnebres. Mortos como estátuas, mas, ainda assim, sem deixar de ser gente, mas já quase sem vida. Bela analogia sobre um sentimento de impotência que emerge diante de um vírus desconhecido.

Pelo sonho ter sido todo sobre como salvar o mundo da paralisia de termos nos tornado estátuas, surge a representação da busca pela “coisa que iria salvar a todos”. O grupo acha curioso como a sonhante sabe onde deve procurar, mas não sabe o que estava, necessariamente, procurando. Conclui-se que todos sabem o que deve ser feito - representado aqui pelo local onde deve-se procurar - mas nos falta a possibilidade de fazermos algo - representado pelo o quê seria tal coisa. O grupo concluiu que essa representação se deve ao fato de nós sabermos o que precisa ser feito para salvar as vidas, mas isso não ocorria, pois os governantes responsáveis pelo manejo da pandemia, nada estavam fazendo no sentido de proteger a população, principalmente, aqueles que estão em situação de vulnerabilidade social.

Ademais, lembramos aqui que, durante o sonho, a “coisa que seria capaz de salvar a todos” era o pai da sonhante, que possuía também a representação de rei e médico. Ambas figuras de poder, uma no aspecto da saúde e científica, e a outra referente ao aspecto político. A solução estava na política e na ciência. Mas estes estavam aprisionados, paralisados também, cabendo a sonhante - aqui talvez representando toda a sociedade - sacrificar-se pelo bem de todos. Visto que a solução reside num poder monárquico, é autoritário em sua essência, mostra-se, claramente, a visão do grupo sobre a situação política vivida naquele momento. Cabe ressaltar uma configuração afetiva no sonho que é partilhada por várias pessoas que estão vivendo a pandemia, a espera de que “alguém” resolva o problema para nós, uma certa posição subjetiva de passividade frente à angústia de viver um momento nunca antes imaginado pelos vivos no planeta terra. O que pode ser expresso em uma questão: “O que eu posso fazer para mudar o rumo dos acontecimentos, o rumo de uma gestão presidencial desastrosa no que se refere às medidas sanitárias para proteger a população durante a pandemia e que não evita as mortes dos nossos concidadãos em situação de vulnerabilidade social?” Pois, no Brasil não convivemos somente com o vírus de uma pandemia, mas também convivemos com o pandemônio.

### **3.6. Terceira camada de tratamento do material onírico:**

Esse riquíssimo sonho mostra bem a posição da mulher em nossa sociedade. Para fazer algo significativo, deve-se tornar masculinizada, pois somente as características associadas ao homem são vistas como capazes de nos salvar. À mulher é reservado o papel de ser bela, como uma boneca num mostruário, bem como a Barbie, sempre representada como uma figura de ambição que suscita desejos de olhos famintos - uma vez que suas origens partem de uma

boneca erótica, usada como símbolo da exploração sexual da mulher, e adaptada ao universo infantil. E, é claro, a boneca sempre tendo um alvo muito claro, a criança do gênero feminino. Imposta como figura de identificação a loira, de olhos claros e magra. Algo absurdamente destoante da realidade brasileira, de um povo miscigenado, mais próximo de um negro africano ou de um índio nativo do que das formas europeias, mais, especificamente, alemãs. Etnia essa que representou uma pequena parte na colonização brasileira. Esse padrão estético se mostra de forma opressiva, imposta, sufocante e invisível. Isso ficou muito claro para todas as mulheres do grupo que participavam dessa discussão. À mulher era reservado o lugar de objeto de contemplação de sua beleza, enquanto o homem ia salvar o mundo. Neste caso, e em termos de prospecção para o futuro, seria bom criar modos de discutir este padrão estético e é o que já vem acontecendo, sobretudo, advindo das lutas e conquistas do movimento feminista negro no Brasil (RIBEIRO, 2017, pp. 32 - 51). Cabe ressaltar que a indústria da boneca Barbie também vem produzindo bonecas negras e mais próximas da estética das mulheres africanas. O que parece ser um movimento importante para construir a autoconfiança das mulheres negras protagonistas de sua própria história.

O sonho de Jasmin ousa desconstruir o ideal de beleza imposto, agora ela como mulher, mesmo que transmogrificada<sup>2</sup> em homem, vai salvar o mundo. Esse sonho-onírico mostra o sonho-projeto de uma nova geração de mulheres. Mulheres agora protagonistas da própria história e atuantes na construção da nossa sociedade. Não mais no papel decorativo, como a clássica figura da bela e jovem primeira dama ao lado do presidente poderoso, como foi observado em personalidades públicas que surgiram tanto no Brasil como no exterior. No Brasil, vemos o ex-presidente Michel Temer e Marcela Temer - que possuem uma diferença de idade de 43 anos-, e o presidente Bolsonaro e Michelle, enquanto nos Estados Unidos da América, vemos Donald Trump e Melania Trump.

Nesse momento de crise de saúde e política, a nós cabe o sacrifício de sustentar o isolamento social pelo bem de todos. A nós foi imposto um tipo de “prisão” que se refere a, até o momento atual, um ano de restrições abruptas de nossas vidas. “Até mesmo uma sala de cinema me foi negado”, clama uma participante. Estamos todos amaldiçoados, sendo a única forma de nos vermos livres da morte de, pelo menos, duas pessoas como nos atesta o sonho da

---

<sup>2</sup> Novamente usamos nosso neologismo: Transmogrificar vem do termo em inglês “transmog”, tem o significado de trocar a forma de um ser, sem perder suas características essenciais. Ou seja, uma mudança apenas estética. Se diferencia da metamorfose, pois nesta ocorre uma mudança completa, não apenas estética

sonhante. Risco esse que todos nós corremos todas as vezes que saímos de casa. Dado que essa proporção, uma pessoa infectando duas, é um símbolo claro do contínuo aumento das infecções. Todos fomos chamados a salvar o mundo, apesar de sermos humanos/estátuas, meio mortos-vivos e impotentes diante da dimensão avassaladora das consequências nefastas da pandemia. Se não dessa pandemia, dos próximos desafios que o futuro nos reserva. A paralisia simbolizada pelas estátuas mostra a dificuldade que o mundo tem frente às mudanças necessárias de modos de vida que a pandemia faz emergir: modos de convivência mais solidários e menos individualistas. Cabe a alguns que ousam despertar e procurar a solução, fazer os sacrifícios necessários, mesmo com o custo de grandes perseguições, para fazermos o tempo voltar a andar em outra direção que seja a de proteção do meio ambiente já que a pandemia é fruto dos efeitos climáticos advindos da devastação da natureza e do planeta terra. E a chave para tal mudança, muitas vezes não está no presente, e sim no tempo pretérito, como fica claro quando a sonhante permite-se a captura e volta ao passado, lá sendo o local onde ela consegue desfazer a maldição. Resignificar o passado, um dos elementos-chaves da retificação subjetiva proposta pela psicanálise e que o sonho como “trabalho árduo” de elaboração psíquica parece possibilitar: recordar o passado para não repetir os mesmos erros no presente. Cabe lembrar do título de um texto importante de Freud (1914/2010b): “Recordar, Repetir e Elaborar”.

Sigamos para a construção de um futuro da humanidade sem muitas repetições e como afirma Krenak (RIBEIRO & KRENAK, 2020): na construção de um corpo que caiba no planeta terra de modo a respeitar a natureza e a desconstruir a agressividade e as relações calcadas na competição entre os homens e as mulheres.

## Capítulo 3

### O horror da morte e as Sociedades Distópicas

#### 4.1. Preâmbulo:

No terceiro encontro, diferente dos demais, marcados por um único sonho analisado pelos participantes, houve um total de quatro narrativas oníricas, das quais duas foram feitas pelo mesmo estudante. Tudo começa com um primeiro relato, bem curto e disparador de uma série de questões, a partir do qual outros dois participantes relembram sonhos que tiveram com a mesma temática. Essa reunião, então, será demarcada por um tema, emergido por um determinado sonho.

O encontro aconteceu no dia 12 de junho de 2020. Para contextualizar, a pandemia tinha se iniciado no Brasil em março, com previsão do pico das infecções para abril. Porém, os números não paravam de aumentar. Podemos dizer que estávamos no meio do escuro. Pouco se sabia a respeito da doença e as mídias de comunicação nos bombardeavam com estatísticas de infecções e mortes. Nesse momento, tínhamos uma média de mil mortes por dia (LOVISI, 2020).

Nesse clima, os sonhos com conteúdo de morte e luto são predominantes na reunião. Aqui, iremos nos basear no texto de Freud que discorre sobre as temáticas Luto e Melancolia (FREUD, 1917/2011b). Os eventos da pandemia trouxeram à tona um assunto que é um grande tabu em nossa sociedade: a morte. Noticiários responsáveis por matérias a respeito de falecimentos/óbitos sempre foram breves e sucintos nos veículos de comunicação. Com o advento do novo coronavírus, esse tema passou a tomar grande parte das notícias, tanto na televisão quanto na internet e nas redes sociais. Nunca falou-se tanto sobre morte, e isso gerou efeitos em todos nós.

#### 4.2. Os Sonhos:

##### 4.2.1. Primeiro sonho - Janaína: *Morri de Covid*

*Janaína conta seu sonho: Está em sua casa, sentada à mesa e afirma estar bem. Repentinamente, sente uma falta de ar excruciante, olhava para sua mãe, percebia a mudança de ambiente e entende que morreu por covid-19, como se um narrador houvesse falado isso.*



#### **4.2.2. Segundo sonho - Clarissa: Avô no trem**

*Clarissa está no metrô de São Paulo junto com uma amiga, com a qual divide uma moradia na com ela na região da Baixada Santista. Elas estão com muito medo de entrar no vagão devido ao coronavírus, sentam uma ao lado da outra e reparam que a multidão que as cerca está, em grande parte, sem máscara, então ela vai para um banco vazio e enxerga seu avô sentado, também sozinho, em outro banco, olhando para elas com um olhar característico e triste, dando a sensação de que ele teria morrido por conta da covid-19.*

#### **4.2.3. Terceiro sonho - Alan: Dutra congestionada**

*Alan está em um carro, numa estrada como a rodovia Dutra, durante um grande congestionamento. As pessoas começaram, então, a sair dos carros. Ele juntamente com sua mãe e um homem desconhecido, conseguem escapar por uma espécie de retorno. Eles viram um homem adulto pulando em poças de água, com capacete de minerador, capa de chuva amarela e pés de pato, com uma expressão de infantilidade doentia. Ele ria sadicamente. Alan atravessa a rua para passar o mais longe possível desse homem e, enquanto se afasta, observa sua mãe e esse mesmo homem, averiguando se ficaria tudo bem. O homem que pulava partiu agressivamente em direção à mãe de Alan, que atravessou correndo para tentar protegê-la. O homem fere com algo cortante a mãe de Alan e o próprio sonhante, que acorda ao ser perfurado.*

#### **4.2.4. Quarto sonho - Alan: A invasão da casa**

*Alan estava em casa com sua família, mas num tempo futuro, tendo ele uma esposa e filhos. A casa era um sobrado e tinha sido invadida, quando passa por um cômodo onde está sua esposa de frente a um homem de máscara caricata. Estavam em conflito físico, e Alan mentaliza um objeto com o qual pudesse bater no invasor de uma certa distância e que pudesse segurá-lo com as duas mãos. Ele encontra a arma perfeita e utiliza-a para matar os invasores. Posteriormente, eles saem de casa e vão para um parque de diversões. Eles retornam para a casa, que está escura. Ele pede para a família não entrar ainda, pois viu que as outras residências tinham suas luzes acesas. Ele entende, então, isso como uma situação de perigo e pede para que toda sua família saia da casa, trancando-a, começa a gritar para as possíveis pessoas que estavam na casa e afirma que sabe que os invasores estão lá, que a armadilha não funcionou e que todos só entrariam quando a polícia chegasse. Ele dá duas opções aos homens:*

*eles saem e compreendem que a invasão foi compensada pela morte dos invasores ou ficam ali até a chegada da polícia para garantir que sejam presos. Alan começa a listar todos os possíveis crimes que estavam acontecendo ali. Ele então vê uma janela do segundo andar abrir, pela qual enxerga apenas silhuetas e depois pessoas começam a descer por uma corda.*

### **4.3. Discussão dos sonhos:**

A forma como os sonhos foram narrados nesse encontro foi diferente, uma vez que as discussões entre os participantes revelaram, a cada vez, mais informações sobre os sonhos e, concomitantemente, sobre os participantes e o meio em que estão inseridos. Ferenczi (apud KAËS, 2004, p.35) afirma que todo sonho é endereçado a alguém, ou seja, narra-se o sonho para uma pessoa determinada. Nas palavras do psicanalista: “Os psicanalistas sabem faz muito tempo que somos inconscientemente impelidos a contar os sonhos à própria pessoa a quem seu conteúdo latente concerne”. No caso de um processo de análise, o analisando narra seu sonho ao analista. Como o ambiente do grupo não possui um analista em específico, os sonhos são narrados a todos os presentes, criando uma construção em conjunto entre os quatro sonhos, e, por esse motivo, a análise desses ocorrerá em um único bloco. Vejamos como isso ocorreu.

#### **4.3.1 Primeiro sonho: *Morri de Covid***

O encontro começa de uma forma não diretiva, permitindo que qualquer um começasse seu relato onírico. Janaína toma a iniciativa e relata seu primeiro sonho de forma bem sucinta, revelando ainda que ela não tem percebido uma modificação muito grande em seus sonhos, apenas tem se lembrado mais claramente deles. Esse tipo de sensação é bem comum e alguns integrantes confirmaram isso dizendo que sentem o mesmo. A narrativa se apresenta bem literal. A sonhante está em um local típico da sua vida cotidiana, quando é acometida por uma súbita falta de ar. Logo após, há um corte de continuidade e Janaína apenas sente como se houvesse um narrador informado-a de que ela morreu por conta do novo coronavírus.

Apesar de curto e direto, é possível identificar diversos elementos latentes na narrativa onírica de Janaína. Freud (1900/2017) indica no capítulo um de “A Interpretação dos Sonhos” que o conteúdo de muitos sonhos advém de experiências vividas no dia ou nos dias anteriores à produção onírica. Ou seja, são os chamados restos diurnos. Janaína afirma que a cena da qual o sonho deriva é tão cotidiana que, naquele mesmo momento, durante a participação na videoconferência no grupo de sonhos, ela estava ali, sentada à mesa com sua mãe próxima.

Podemos lembrar do trabalho de Charlotte Beradt (2017), *Sonhos do Terceiro Reich*, no qual os sonhos relatados também possuíam pouquíssimas diferenças entre seus conteúdos latentes e manifestos.

Um sonho simples pode também sinalizar um grande empobrecimento da nossa vida durante um isolamento social, devido a excessiva limitação das atividades e experiências. A literalidade do sonho fala sobre o medo de ser infectado e, subitamente, ver-se morto. Ou seja, um sonho sobre o terror da morte e a ameaça à autopreservação. Havia pouco conhecimento sobre a progressão da doença, apenas sabia-se que uma falta de ar se instalava no doente e em poucos dias este vinha a óbito. A mãe estar presente ao seu lado nos momentos antes de sua morte também evidencia a relação entre as duas, sendo esta a quem Janaína iria recorrer caso passasse mal.

A sonhante revela que há ubiquidade na sua sensação de “falta de ar”, dizendo que “ultimamente só tem notícia ruim, não há um momento para respirar aliviado”. Completa pontuando que o atual cenário sociopolítico do Brasil está gerando nela oscilações de humor muito grandes durante a vigília. Então, a figura do presidente Bolsonaro volta a aparecer, como um dos causadores de tantas notícias preocupantes por conta da forma incauta de lidar com a pandemia.

Questionada sobre a forma como acordou, a sonhante pontua que não sentiu-se assustada ao despertar. Ela, porém, relata à sua mãe o sonho e esta não gostou nem um pouco, associando-o a uma premonição. No senso comum, conforme afirma Freud (1900/2017) em sua extensa pesquisa bibliográfica sobre interpretação de sonhos presente também no capítulo um de sua emérita obra supracitada, os sonhos eram vistos como forma de oráculo, ou seja, eram uma maneira de deuses ou outras figuras metafísicas comunicarem eventos futuros à humanidade. Nós não trabalhamos nesta perspectiva, mas sustentamos que a percepção sobre um clima mortífero próprio ao momento de pandemia está presente na produção onírica de Janaína.

Ainda, um fato curioso durante as discussões a respeito do sonho foi a troca de palavras feita por Janaína. Em vez de “morte”, usava-se o termo “esse elemento”, sempre seguido por um silêncio longo entre os participantes, o que deu uma sensação de pesar muito forte durante as associações produzidas na reunião. O indizível da finitude humana pairou sobre o grupo.

### 4.3.2. Segundo sonho: *Avô no Trem*

O disparador para o segundo sonho surge em uma pergunta de uma participante: se “esse elemento” (morte e/ou medo da morte) apareceu no sonho de mais alguém. Eis que Clarissa toma a frente e relata seu sonho. Inicia fazendo o preâmbulo de que seu avô havia falecido há um mês. A sonhante revelou que teve três sonhos com o avô, mas não consegue lembrar dos dois primeiros, sendo apenas esse terceiro bem nítido. Até porque, a rotina de sono estava bem atrapalhada para Clarissa, especialmente por esses sonhos, que a acordava antes da hora, sempre assustada.

Mais uma vez aqui vemos elementos do cotidiano da sonhante: a colega de quarto, as viagens de metrô e o uso constante das máscaras como nova regra sanitária. Questionada sobre o motivo da morte do avô, Clarissa diz que foi por outros motivos que não o novo coronavírus. Não havia causa certa, mas ele estava debilitado por uma anemia profunda. As circunstâncias que esses dados são revelados mostram também as dificuldades em se trabalhar assuntos delicados no espaço da roda de conversa. Clarissa, assim como Janaína, estavam presentes virtualmente na reunião, mas com seus familiares próximos. Neste último caso, a mãe de Clarissa estava com ela na sala, e a estudante teve que falar sobre o avô apenas digitando pelo *chat*, pois sua mãe ainda estava muito sensibilizada com a morte do pai.

Uma das participantes traz a interpretação de que o avô olhando para ela poderia significar que a morte está nos espreitando, especialmente em locais que agora são perigosos (como o metrô, por sua concentração de pessoas). A nova doença tornou ambientes antes conhecidos e tranquilos em um local de risco, especialmente pela ausência de máscaras, mostrando também como a população não vem tomando os cuidados necessários para a contenção da propagação do vírus.

A reflexão do grupo parte, então, para a questão do velório, mais especificamente, a ausência dele. Para evitar aglomerações, os velórios estavam suspensos. Os enterros se realizavam de forma rápida e sem rituais (PALÁCIO, 2020). Clarissa comenta que a falta de tempo para os rituais funerários afetou a todos de sua família. Uma estudante percebe uma conexão entre os dois sonhos: o corte abrupto do primeiro sonho, onde da falta de ar, a sonhante é notificada que está morta, poderia revelar sobre esse impedimento atual que se refere às impossibilidades das despedidas no coletivo e nos rituais funerários. Trata-se do horror da morte

e está também relacionado ao medo de não ter tempo para processar essa perda do ente querido, medo da impossibilidade da despedida, como ressaltou uma outra participante.

O grupo associa, mais à frente, que houve uma grande apreensão durante o sonho pois os transeuntes não estavam usando máscaras, porém, a sonhante, sua amiga e seu avô, não utilizavam também o acessório. Relacionam isso ao fato de todos desejarem o retorno à vida normal. A questão da ascensão de um novo conservadorismo no Brasil, ligada a uma mudança sem precedentes da rotina de vida, mostra essa frustração da população e tentativa de retornar aos velhos moldes de existência. A estudante associa isso a uma negação da dor do luto por essa forma de vida que se foi.

A discussão se alongou no tema do luto e do velório. O assunto da assepsia do luto aparece, uma participante discorre sobre como o produtivismo tem invadido, inclusive, o tempo para a elaboração do luto. Não é mais permitido ao indivíduo seu tempo de enlutamento, de processamento desse sofrimento advindo da perda de um ente querido. “Você tem apenas até a missa de sétimo dia para estar bem, se não, já é diagnosticado com depressão”, ilustra uma participante. A pessoa precisa voltar ao normal o quanto antes, a morte agora deve ser asséptica, terceirizada por profissionais especializados. Uma participante contou sobre uma morte por acidente em sua família, na qual o traslado do corpo teve muitas dificuldades em chegar em sua cidade e o velório perdurou por horas e horas e, na época, o corpo era velado na casa da família enlutada. Revela que sentiu seu espaço invadido e tal experiência foi muito ruim. Uma outra colega comenta que não consegue imaginar tendo um velório em sua casa, como se isso fosse romper com a sensação de segurança que sente em sua residência.

Adiante, todos concordam que não há mais tempo para se processar o luto. “No meu velório, quero uma festa”, ilustra um participante, citando a fala de um amigo. Não é mais permitido a dor e o sofrimento necessários para que o trabalho do luto se conclua. O velório é o momento de adeus, onde é permitido à psique acolher a ideia de que perdeu aquela pessoa de seu convívio. A respeito dessa questão, uma participante lembra sobre pessoas desaparecidas e os impactos que isso pode causar, como ficar nutrindo a esperança de que a pessoa ainda esteja viva, prolongando e intensificando mais o sofrimento. As notícias falsas de caixões sendo enterrados vazios (LEMOS, 2020), para se inflar os dados estatísticos de mortes por covid, estava gerando muito desespero em familiares que queriam ver os corpos para garantir que o

ente estava realmente morto. Mostrando aqui a necessidade de se ver o corpo para permitir à subjetividade o processamento do luto.

Os rituais culturais de luto e morte são lembrados. Como o Dia del Muertos na América Latina, dia dos finados e o culto aos antepassados presente no oriente. Todos eles ajudam os indivíduos no trabalho do luto, em construir simbolismos para elaborar o terror da morte. São lembrados também todas as mortes invisíveis, pois fazem parte de um grupo deixado de lado pela sociedade, “são vidas matáveis”, ilustra uma participante. Judith Butler (2020), levanta a seguinte questão: “*Quais são essas vidas que, se perdidas, não serão consideradas em absoluto uma perda?*”. A autora indica que algumas vidas são consideradas menos valoradas na sociedade capitalista, por questões relacionadas ao gênero, à raça e à posição econômica. São vidas que não recebem o valor necessário para serem consideradas vidas plenas e cabe desnaturalizar esta questão na sociedade capitalista.

#### **4.3.3. Terceiro e quarto sonho: *Dutra Congestionada e Invasão da Casa***

Alan então se prontifica a contar sobre dois sonhos com essa temática da morte que lhe ocorreram no começo da pandemia. O sonho se passa num ambiente bem apocalíptico, típico em cenários de filmes como Guerra Mundial Z (FORSTER, 2013) e The Walking Dead (DARABONT, 2021), onde rodovias, antes muito movimentadas, agora são um mausoléu de carros abandonados. O filme “Ensaio sobre a Cegueira” (MEIRELLES, 2008) também é lembrado por uma participante, dizendo que neste filme os indivíduos tornam-se cegos para a realidade. Aqui já fica muito claro uma referência à forma trágica que a pandemia estava sendo vista pelo sonhante e o cenário distópico do sonho. Todos abandonando seus carros e seguindo a pé, como um abandono dos avanços que a sociedade criou, perdendo a segurança por ela oferecida e todos retornando ao estado mais arcaico de sobrevivência. O sonhante segue com sua família pelo desvio, dando detalhes a frente sobre o novo cenário que aparece em sua narrativa onírica. Ele percebe as curvas do desvio na estrada, uma área com árvores e um campo aberto.

Neste campo ele percebe uma figura assustadora. Um homem pulando numa poça d'água, com capacete de minerador, capa de chuva amarela e pés de pato. Num claro comportamento infantilizado de brincar com uma poça d'água na terra. “Ele ria sadicamente”, revela o Alan. Os integrantes associam esse personagem ao palhaço assustador do filme “IT -

A coisa”, uma participante diz que associou a figura ao presidente Bolsonaro com sua postura de brincar com a saúde das pessoas de forma quase sádica. Já o sonhante comenta que a expressão no rosto do homem assustador lembrou a do Pink Guy, personalidade satírica da internet, que se veste com um macacão colado, rosa, da cabeça aos pés. Faz expressões faciais agressivas e compõe músicas de humor ácido, geralmente em situações inusitadas. O sonhante não tem muito contato com o conteúdo do Pink Guy na internet, associando apenas sua “cara de maníaco”.

Pensando sobre os demais elementos, os participantes questionam a respeito do outro homem que o acompanha juntamente com a sua mãe durante o sonho. Alan diz que ele apenas estava lá, sem participar de nada. Percebe adiante que tal figura pode representar seu padrasto, visto que na sua percepção da história familiar, julgou o padrasto como ausente e omissivo no cuidado de sua mãe, podendo, então, estar ali representado como alguém que só os acompanha, mas nada faz frente à necessidade de cuidado e proteção, por isso sendo só “alguém”, sem nenhuma característica especial.

Uma integrante percebe enquanto Alan narra o sonho que há uma repetição notável do termo “minha mãe”, e o questiona sobre a figura da mãe neste sonho. Este revela que sentiu muita culpa por não ter conseguido protegê-la do agressor maníaco. Este fere sua mãe e em seguida usa o mesmo objeto perfurador e o enfia em sua barriga enquanto ele ainda está paralisado pelo choque. O último pensamento antes de acordar é de confusão acerca do porque aquele homem estava fazendo aquilo. Questionado sobre essa parte final, Alan comenta que seu maior medo é ser esfaqueado. Cabe ressaltar que quando estamos em situação de perigo, sempre pedimos socorro a nossa mãe, daí a repetição por tantas vezes da palavra mãe na narrativa onírica.

Alan então narra seu segundo sonho, o que é seguido de uma série de associações.

É um sonho bem violento, como o anterior. Nele, o sonhante se vê mais velho, agora casado e com filhos. Chegando em casa, ele percebe sua esposa em uma luta física com um invasor. Ele mentaliza a arma ideal e a encontra na cozinha. Os integrantes da roda pedem para que ele descreva tal arma: um cabo longo de madeira com tiras de couro servindo como empunhadura. Na sua ponta há dois ganchos de metais. Gancho esse como um anzol, que dificulta a saída, uma vez perfurado. Os integrantes associam essa arma com a vacina, visto ser essa a solução ideal para nossos problemas, assim como Alan pensa durante o sonho. O formato

fálico da arma também pode estar conectado a uma questão de heterossexualidade, como o homem protetor e provedor, em contrapartida ao homem omissor do primeiro sonho e a associação do maníaco ao Pink Guy, homem todo de rosa, simbolizando um elemento homoerótico.

Pensando, assim, nas relações entre os dois sonhos, os integrantes associam que o segundo sonho é uma solução para o primeiro. Afinal, sua mãe e ele são esfaqueados no primeiro sonho, na cena do segundo sonho ele esfaqueou os agressores. Em um material onírico ele não consegue salvar a mãe, no outro ele consegue salvar sua família. Uma integrante, ao final das exposições, concluiu que o primeiro sonho é uma referência às incertezas e ao caos relacionado à pandemia, já no segundo vemos a realização de um desejo.

Este desejo satisfeito mostra-se de diversas formas. Na primeira, de forma mais direta, o de salvar sua mãe. Tanto do padrasto omissor, quanto do agressor onírico. Há uma transformação dessa figura materna para a esposa no segundo sonho. Outro desejo que se mostra realizado em seu sonho é o de se tornar um bombeiro. Alan revela que o seu projeto de vida é se tornar um bombeiro militar. Para tal, será necessário se tornar primeiro um policial militar e - num segundo momento - prestar um concurso interno para se tornar bombeiro. Ele diz que teme muito ter que atuar como policial militar por toda violência associada, por isso pretende se formar em psicologia para poder atuar em um segmento menos violento dentro da instituição. Prossegue dizendo que consome muito material violento sobre ação policial, como uma forma de aprender sobre o assunto e ir se preparando, caso, eventualmente, tenha que atuar numa frente mais perigosa.

Esse plano de vida se mostra presente neste segundo sonho, no qual ele é o salvador de sua família. Sua percepção de perigo e intervenção é o que os salva tanto do ataque inicial, quanto da retaliação no segundo momento. Podemos ver uma tentativa de reconciliação com a consciência por ter matado três pessoas, quando ele começa a citar os crimes cometidos pelos invasores, afinal, dada a situação de violência, sua ação foi apenas em legítima defesa. A represália por parte dos invasores se mostra presente também, tanto que, na solução encontrada para o ocorrido, o sonhante diz que por consequência da invasão, três membros foram mortos, logo, estão quites. Sabendo que haveria retorno, Alan sai de casa e leva sua família a um parque de diversões. A ida ao parque se mostra um momento curioso para todos os participantes, alguns associam com uma fuga da realidade, mas nada além é discutido.



Um fato curioso que ocorreu durante o encontro foi um momento repleto de piadas e brincadeiras entre os participantes, quando a conexão da professora sofre uma instabilidade e ela se desconecta da reunião. Os alunos integrantes começam a brincar como se o professor tivesse saído da sala. Essa quebra no clima emocional do grupo foi notável.

#### **4.4 Primeira camada de tratamento do material onírico:**

Fica evidente como essa reunião foi marcada pelos temas relacionados à morte, luto e melancolia. Vamos definir alguns conceitos em psicanálise e depois utilizá-los para pensar as falas dos participantes.

Freud (1917/2011b), afirma que o Luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de algum outro objeto significativo para o indivíduo. E a resposta do trabalho do luto pode ocorrer em qualquer forma de perda, não apenas a morte de alguém. Exemplos de luto sem morte podem ser a perda de um trabalho, a venda de um imóvel, a mudança de uma pessoa querida para uma cidade distante, transformações políticas que desencadeiam a perda de ideais etc. O luto se manifesta através de um doloroso abatimento, perda do interesse por tudo no mundo que não lembre o falecido (ou objeto de amor) e a incapacidade de substituir esse elemento por outro, por isso há uma tendência do indivíduo afastar-se de tudo que não diz respeito ao objeto de amor. Sempre que o indivíduo se vê privado de um objeto de amor, inicia-se o que Freud designa como “trabalho do luto” (1917/2011b). Esse trabalho ocorre quando o sujeito percebe que o objeto amado não existe mais e toda a libido é extraída deste e, paulatinamente, começa a ser alocada em novo objeto. Adiante, Freud indica que o ser humano tem uma grande dificuldade em abandonar algo que investiu libido, e, por isso, o desligamento do objeto é algo tão penoso ao indivíduo. Não há em sua obra uma indicação de quanto tempo o luto deveria durar. Apesar que o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, DSM-5 (APA, 2014), indica que o tempo de luto não deve ultrapassar doze meses, se não o sofrimento derivado da perda se torna patológico. O caminho é gradual e demorado, enquanto houver investimento da psique no objeto, o luto se prolonga, especialmente através de lembranças que indicam que ainda exista essa ligação. A conclusão ocorre quando “vence o respeito à realidade”, como indica Freud (1917/2011b). Isso acontece durante esse período de desinteresse momentâneo pelo mundo, onde a psique realiza o trabalho de elaboração da perda. Após isso, então, o Eu fica livre para um novo investimento, um novo objeto de amor.

A melancolia possui as mesmas características, salvo uma: a sensação acentuada de baixa autoestima, marcada por recriminações e ofensas a si mesmo, com desejos de punição e até mesmo ideações suicidas – “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia é o próprio Eu” (FREUD, 1917/2011b, p.130). O autor seguirá tentando explicar o porquê isso acontece. Ele vai dizer que existirá um apego exacerbado ao objeto de amor e uma grande luta da psique para que ele ainda permaneça com essas ligações. O indivíduo perde o objeto, mas não a ligação amorosa. Ocorre então uma identificação narcísica. O Eu se torna o objeto de substituição do investimento amoroso, não sendo necessário o abandono. Tal relação, porém, apresenta uma característica ambivalente. Uma batalha entre amor e ódio, ilustra Freud. Essa impossibilidade de criticar o outro é voltada contra o próprio Eu, pois ele introjetou o objeto perdido. Em uma colocação muito forte, Freud vai dizer que o suicídio do melancólico esconde um assassinato do outro (FREUD, 1917/2011b, p.116). Manifestações possíveis desse conflito incluem até mesmo manifestações maníacas, ou seja, mudanças bruscas de humor, nas quais o indivíduo passa de uma tristeza gigantesca a uma alegria exacerbada. Freud acredita que isso se dá por uma tendência sádica do melancólico. O final desse processo, que também não há tempo previsto, culmina no esvaziamento dessa raiva ou um abandono de afeto pelo objeto. Freud finaliza o texto com a seguinte afirmação: “o luto leva o Eu a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo” (FREUD, 1917/2011b, p.135).

Fizemos aqui um resumo simplório de uma questão muito complexa em psicanálise, esperamos que tais conceitos possam nos ajudar a compreensão das análises a seguir.

Pensando no primeiro sonho, o de Janaína, podemos associar a falta de ar tanto com o sintoma característico do novo coronavírus, como com a sensação de que a sonhante e todos os participantes da roda vinham relatando sobre o atual momento histórico, uma sensação de desalento de não ter a quem recorrer dado a especificidade do contexto político brasileiro (BIRMAN, 2020). O isolamento social gerou essa sensação de claustrofobia pela repetição dos espaços e a impossibilidade de sair de casa para coisas simples, sem sentir a culpa de estar colocando a sua vida e dos demais em risco. Isso, aliado à pressão midiática de inúmeras notícias preocupantes, não só a respeito da pandemia, mas também sobre a política e a sociedade. A frase da sonhante dizendo que “não há um momento para respirar aliviado” ilustra bem essa sensação.

Existe uma ligação entre o primeiro e o segundo sonho quando pensamos na elaboração do luto. No primeiro sonho, o processo de elaboração do luto é interrompido por um corte onírico, apenas uma informação é dada à sonhante - “morreu por covid”, forma essa que reproduz, provavelmente, a maneira como muitos familiares recebiam a notícia da morte de seus familiares. No segundo sonho, a situação ocorre durante a vigília, quando não é permitido o velório do avô de Clarissa. Esse corte é alertado por uma integrante do grupo, no momento que discorre a respeito da assepsia do luto na contemporaneidade: as emoções são contidas e corpos e mentes precisam estar refeitos rapidamente para retomar a rotina do trabalho o mais rápido possível. Como vimos anteriormente, o luto se conclui quando a percepção da ausência do objeto na realidade vence sobre as tentativas psíquicas de manter o investimento libidinal no objeto de amor. Freud (1917/2011b, p.129) comenta que existe uma possibilidade de delírios nesse momento, como acreditar que o ente falecido pode reaparecer de alguma forma. Ter contato com o corpo, no ritual do velório, é algo muito importante para permitir que a psique comece a aceitar que o objeto de amor se foi. O sonho de Clarissa pode também ser interpretado como uma realização de desejo, afinal, conseguiu ver o avô morto, podendo através do sonho ter a possibilidade de despedir-se, uma vez que esse gesto foi negado em vigília.

O incômodo da sonhante se refere à angústia de estar em um ambiente social sem o uso de máscaras, o que possibilita refletir sobre a questão da economia psíquica vinculada à angústia. A pandemia tirou de nós as formas de alívio, como o contato com nossos amigos e familiares, e adicionou uma grande dose de todos os medos e incertezas associados às coisas mais simples da vida, como um mero deslocamento da casa para o trabalho ou faculdade.

Freud (1900/2017) indica que o sonho é o guardião do sono. Contudo, quando Clarissa acorda assustada durante o sono, podemos pensar que esse guardião falhou e pode estar referido a um sonho de angústia. O trabalho do luto estava muito recente até aquele momento. O desejo de que o objeto de amor ainda estivesse vivo, de uma forma delirante (como citamos em Freud anteriormente), foi quebrado pela lembrança da morte. Esse processo pode indicar o trabalho de luto em ação, e por isso a sonhante afirma que são sonhos que após o despertar ela se sente angustiada.

Passando agora para o terceiro sonho, o de Alan, podemos pensar um pouco sobre o fato dele sair pelo retorno da estrada. Todos estavam presos em um grande congestionamento, uma representação da pandemia, e o sonhante juntamente com todos de sua família desejam sair

daquela situação. Aqui o sonho se apresenta como uma realização de um desejo: fugir da multidão e/ou fugir da pandemia como também é um sonho de angústia: o ambiente é distópico e as estradas estão abandonadas.

Um elemento que chama muito a atenção, mas passou despercebido durante a reunião, foi a cena do esfaqueamento. Ele é agredido da mesma forma e da mesma maneira que sua mãe. Durante as discussões, ficou claro que Alan tem algum desafeto ao padrasto que ele julga omissos no cuidado de sua mãe. Uma possível interpretação para essa cena onírica é o fato dessa identificação com a mãe que produz angústia. Ter vivenciado o sofrimento da mãe também o machucou, e o ressentimento para com o padrasto fica evidente na figura que o sonhante diz representar em seu sonho: o terceiro indivíduo que está presente (logo, é algo importante na narrativa onírica), porém não assume nenhum papel. Isso pode ser visto como uma forma de alocar o padrasto no local que lhe é devido: o nada. Talvez na esperança de que a culpa de ter sido omissos o castigue. A culpa como forma punitiva é bem clara em Alan, em vista a angústia que o sonhador relata sobre essa cena do sonho.

Há também a questão edipiana nesse aspecto do sonho, especialmente quando criamos a primeira ponte com seu segundo sonho. Alan pode ter assumido a postura de protetor da mãe no hiato produzido pelo seu padrasto. Os integrantes do grupo perceberam isso na questão fonética, quando - durante a narração do sonho - o sonhante repete diversas vezes o termo “minha mãe”, com uma atenção especial ao pronome possessivo “minha”. Há também uma possível ponte entre os dois outros sonhos. No primeiro a mãe está presente no sonho e no segundo o sonho é relatado de forma escrita para não incomodar o processo de luto da mãe, que estava ao seu lado. Uma participante do grupo alerta sobre como chamar pela mãe é uma forma infantil de pedir ajuda.

Ainda sobre Alan, vemos a impotência que assombra-o por não salvar a progenitora, e talvez a proibição de ter a mãe como sua, no segundo sonho, onde ele já está casado. Agora com uma mulher que lhe é permitida, e com a capacidade de proteger sua família e que apresenta traços da mãe. Esse sonho é uma resposta ao sonho anterior e também uma realização de desejo, uma vez pensando nas aspirações profissionais do sonhante. Cabe destacar como foi interessante perceber que o projeto de vida do sonhante estava implícito no tema do sonho que se refere ao desejo de seguir a carreira militar: assassinato, policiais e violência. O gosto por

literatura policial que ocupa o tempo livre do sonhante também aparece como material da produção onírica.

A “arma ideal” criada pelo sonhante é muito curiosa. Lembra um machado de guerra medieval, que possuía um longo cabo, tiras de couro para servir de empunhadura e no lugar das lâminas, temos dois ganchos como anzóis. Uma possível análise dessa arma peculiar é o fato dela também ser perfurante, como foi a primeira arma empunhada pelo maníaco do primeiro sonho, e por ser como um anzol, não permitirá que quem foi ferido escape. Há uma imensa preocupação na construção onírica de que dessa vez ele não falhe. Essa arma pode ser um desses símbolos.

Após o ato homicida, o sonhante leva sua família para um parque de diversões. Isso deixa todos do grupo intrigados. Fazendo uma ponte com o aspecto maníaco da melancolia em Freud (1917/2011b), podemos ver a quebra (do sofrimento para a felicidade) como uma representação dessa mania, como Freud dirá, um prêmio por estar vivo. Essa representação também pode ser vista na figura do homem maníaco do primeiro sonho. Mas tal fato não passa despercebido à avaliação moral no sonho. Alan busca uma forma de estar em paz com os assassinatos que cometeu. Faz isso utilizando-se do seu conhecimento em leis que o estudo sobre o seu tema de interesses lhe permitiu. Na cena onírica, ele passa a recitar todas as leis que os invasores estão quebrando, e negocia a angústia, numa referência a um olho por olho, dente por dente. Eles invadiram sua casa e, por isso, ele teve que matá-los (em legítima defesa).

A invasão da casa sugere também uma referência à morte que invade a casa, como citado por uma participante ao pensar sobre o velório domiciliar. Nos relatos, uma integrante do grupo diz que sentiu que a morte tomou posse de sua casa, assim como a morte (do sonhante ou dos invasores) invadiu sua casa. Fazendo uma ponte com as infecções do vírus, os dados indicam que a maior parte das infecções ocorrem dentro de casa, quando um membro que se infectou acaba transmitindo para todos os moradores.

#### **4.5. Segunda camada de tratamento do material onírico:**

Os aspectos mais sociais das discussões desse dia, como também sobre o que há de comum entre as narrativas oníricas e entre as associações produzidas pelo sonhante e pelos participantes serão trabalhados neste item e começaremos pelo primeiro sonho.

A literalidade do sonho pode ser vista, ao associarmos com o trabalho de coleta de sonhos de Charlotte Beradt (2017), como um indício dos medos que atravessam a todos no contexto da pandemia. Mesmo os que não fazem parte do grupo de risco, não há garantias que até o mais saudável não vá sufocar-se e morrer abruptamente. Não bastasse a própria tragicidade da morte, há o elemento complicador da impossibilidade da elaboração do luto em decorrência da perda de nossos familiares. Isso fica claro quando a notícia da morte é dada por uma voz, como um narrador de uma história, ou um locutor de um jornal. Nossa morte poderia ser anunciada como a morte de tantos foram, apenas por uma citação de alguém que não conhecemos numa emissora de televisão: “E hoje tivemos mais mil mortes”, como se todos nós estivéssemos sendo transformados em números, sem história de vida. Todos nós estamos nas condições de matáveis e afirmamos por isso em decorrência de dados concretos que são o resultado da forma como o Brasil e o atual presidente têm conduzido as questões da pandemia: não há proteção à vida da população e há discursos de desvalorização da vida em favor do ‘suposto’ crescimento da economia. Na reportagem da revista Exame (2020) há a confirmação do discurso do presidente Bolsonaro que afirma que a economia não pode parar por conta da pandemia (EXAME, 2020).

No segundo sonho, vemos discussões interessantes sobre o novo normal. A pandemia está passando por nós e deixará marcas profundas. A população vive em uma esperança de que tudo volte ao normal. Uma integrante associa esse desejo a essa onda conservadora que atravessa o país. Um desejo que tudo fique como está. Aqui podemos pensar sobre um processo social de negação do luto. Perdemos o mundo em que vivíamos, perdemos nossa realidade. Agora somos colocados frente a um desafio de reconstrução, de criação de novas formas de viver. Haveria, então, três alternativas entre tantas: a primeira seria uma possível associação com a produção de um laço social melancólico, no qual um grupo se apegava a um objeto de amor e não aceita o desinvestimento deste ou se fixa em modelos de vida anteriores à pandemia e que já não existem mais. Outra forma de se posicionar é a de uma negação da ameaça e do medo da morte, vemos isso num comportamento desrespeitoso quanto às novas normas sanitárias impostas pela necessidade de conter a proliferação do coronavírus. Há uma forma alternativa que é aquela de usarmos o tempo da pandemia para a reflexão sobre como poderemos conviver de outra maneira em sociedade sem a exploração do trabalho e sem a devastação da natureza. Discussão que está muito presente em textos de Bruno Latour (2020) e na live de Krenak & Sidarta (2020)

Avançando ao terceiro sonho, o primeiro fato que chama a atenção é a alusão que temos ao cenário distópico que abre a cena onírica. As associações, que tanto o sonhante, quanto os participantes estabelecem é com os filmes “Guerra Mundial Z” (FORSTER, 2013), “The Walking Dead” (DARABONT, 2021) e “Ensaio sobre a Cegueira” (MEIRELLES, 2008). Podemos perceber um elemento em comum nos três filmes. O vírus ou um outro mal atravessa a sociedade e a corrompe. Ocorre que a população se corrompe e essa se torna perigosa. Há também uma descaracterização dos ambientes, locais antes seguros, que se tornam perigosos e uma negação da possibilidade de se estabelecer novos afetos, visto que agora apenas uma pequena parcela da população não está infectada. Essa visão distópica pode ser facilmente comparada com nosso momento atual. Um vírus descaracterizou nossa sociedade, nossos espaços e nossos afetos. Não estamos frente a um vírus que nos torna mortos-vivos ou cegos agressivos como nos filmes de terror. Mas há sim um grupo que se descaracterizou e passou a ser como arautos da morte. Nosso restaurante favorito agora é um local de perigo, até mesmo um simples locomover-se é transmutado em uma jornada de sobrevivência.

Temos, então, a figura do homem de capa de chuva, brincando na poça d 'água. Os integrantes associaram-no ao presidente Bolsonaro, bem como ao palhaço assustador do filme “IT” (2017). Algo digno de nota é que um dos jargões pejorativos populares contra o Bolsonaro é chamá-lo de “Bozo”, em brincadeira entre o nome e o famoso palhaço da década de 40. Podemos pensar que a representação do sonho se conecta à especificidade da crise pandêmica no Brasil quando um palhaço está brincando enquanto todos estão lutando para sobreviver. Ou seja, o palhaço está no meio do caminho de fuga, atrapalhando e brincando em um momento muito sério, de uma forma sádica. A associação entre líderes da extrema direita com situações ou pessoas ridículas também foi encontrada em sonhos de estadunidenses com a figura de Trump, como também, estão presentes nos sonhos coletados por Beradt (2017). Hitler aparece com calças de palhaço roxas e Donald Trump é apresentado em situações ridículas. Para Grawford (apud IMBRIZI & DOMINGUES, 2021), os sonhos com o presidente estadunidense falam do sonhante passivamente inserido em um contexto político que pouco pode se alterar.

Assim, se partimos do pressuposto que a população mundial sofre nesse momento um grande luto em decorrência da quantidade de pessoas que não sobreviveram ao vírus, contados 345.287 até o momento da escrita deste capítulo (GLOBO, 2021), há uma possibilidade de, socialmente, vermos um processo de melancolização do laço social acontecer? Uma forma de exercício da política que iria explorar nas pessoas esse sentimento de desamparo, de perda de

algo que não se sabe ao certo o quê, talvez uma relação familiar, um projeto de futuro interrompido ou a historicidade daquelas pessoas e de seus grupos de pertença. Esse estado de descontentamento, que deveria gerar discussões visando a solução sobre as condições que causam os sofrimentos e os modos de superação, seria então suprimida por essa posição de depreciação de si, como vimos ser uma das características do melancólico. Ou seja, uma sensação de que nada vale a pena. O indivíduo não sendo capaz de realizar os enfrentamentos sociais necessários, iria delegar isso a um salvador ou a um líder incapaz de ocupar o lugar de protetor da população. Alguém que seria amado e idolatrado, quando fosse visto como incapaz de solucionar os desafios impostos, não seria odiado, esse ódio seria voltado ao indivíduo, ao Eu. Esse estado seria muito útil como forma de manutenção do poder, uma vez que iria substituir um conflito real e capaz de modificação social (DUNKER, 2019). Há diversas pontes possíveis entre as figuras de poder governamental, a pandemia e os sonhos presentes neste capítulo.

A presença da figura da mãe nos três sonhos também nos remete para o fato de que o chamamento pela mãe pode ser uma regressão referente ao desamparo estrutural do ser humano e ao desalento próprio a uma crise sanitária (BIRMAN, 2020) cujo presidente não usa dispositivos de gestão capazes de proteger a vida da população. Algumas pesquisas têm demonstrado que pacientes em estado terminal por conta dos agravamentos da doença após infecção pelo vírus Sars-Covid 19, na hora derradeira, apelam para as suas mães nos momentos de maior desespero. O que nos remete ao elo primário da figura parental que cuidou de cada um ao adentrar em um mundo novo.

#### **4.6. Terceira camada de tratamento do material onírico:**

É possível afirmar que durante o processo de elaboração do luto há o reconhecimento de que ocorreu uma grande perda de algum objeto de amor, levando o indivíduo a um retraimento de seu investimento na realidade. No caso da melancolia há um desinvestimento do Eu por tais perdas, há a identificação por incorporação do objeto perdido que se transforma em partes do Eu (1917/2011b). Há um movimento ambivalente e um conflito interno, visto que o objeto que se perdeu, apesar de amado, também é odiado por ter-nos deixado sem sua companhia no mundo. Pode ocorrer um movimento maníaco de busca dos antigos prazeres, na desobediência aos cuidados de isolamento, por meio da frequentação das festas clandestinas. Ab'Saber (2021), afirma como estamos num momento de recusa neurótica que nos leva a um



negacionismo. Especialmente jovens que são hiper estimulados a um consumo constante, sendo negado a possibilidade de pensamento introspectivo e crítico necessários para o trabalho de elaboração psíquica inerente às mortes e à perda de um modo de vida.

Trata-se de um desrespeito ao tempo de luto que é algo que fica evidente nos sonhos narrados neste capítulo. A dor, o sofrimento e o luto não são permitidos, já que a sociedade nos cobra felicidade e alegria o tempo todo. Nas mídias sociais impera a sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), que sobrevive daquilo que pode ser visto e associado à alegria e ao sucesso. Quando nos vemos em meio a uma dor muito grande, a uma perda gigantesca, nos sentimos culpados e inferiorizados. Como solução resta o isolamento e a alienação, nem sempre desejosa. Os espaços de elaboração do luto ficam cada vez mais escassos, sobrando muitas vezes apenas o amparo de um profissional da saúde mental. Um dos novos caminhos que a pandemia nos indica é olhar de volta para a morte e a perda, respeitando esse tempo humano. A elaboração do luto depende também de uma rede de suportes que engloba não só o indivíduo, mas também um amparo social, institucional e jurídico que deveriam ser oferecidos pela sociedade para que o trabalho de luto se realize.

Hoje sonhamos com a morte, mas estamos vivos, e um novo objeto de afeto é clamado por todos nós, para que possamos escapar de um desejo sádico contra nós mesmos. Nos primeiros meses de isolamento, vimos muitas famílias iniciarem grandes reformas e faxinas em suas casas. Diversas empresas disponibilizaram cursos *onlines* gratuitos para incentivar as pessoas a ficarem em casa. Tudo voltado a não perder e movimento de desenvolvimento, ou seja, continuarmos a colaborar na grande máquina de produção do capitalismo. Alguns poucos se permitiram assumir que não estavam bem, que não era errado sofrer neste momento. Agora é um momento de eleger novos hábitos mais cuidadosos, que quebrem com essa onda de insensibilidade que é estimulada pelo governo bolsonarista (AB´SÁBER, 2021). Não é mais momento de nos anestesiarmos com atividades outras, que ainda atuam na lógica produtivista, e nos afasta das reflexões das duras verdades em que estamos inseridos.

Uma das possibilidades para o respeito ao momento necessário do luto é o de criarmos ações em diversos aspectos de nossas vidas. Não só no campo subjetivo, mas também no campo social. O quanto essa pandemia revelou sobre quem morre no Brasil? Quais são os mais afetados e ignorados? Quem são os maiores disseminadores? Quais foram os grupos que se mostravam insensíveis, numa atitude egoísta e negacionista, prejudicando a si mesmos e toda a

comunidade? Tais dados serão essenciais para pensarmos novas políticas públicas, novas campanhas e ações. Mas principalmente, pudemos ver que a palavra pode ser tão perigosa quanto a espada. Um discurso advindo de uma figura de poder, se impregna nas fileiras populacionais como uma verdadeira avalanche, que pode soterrar e sufocar multidões.

Agora nesse estado de isolamento, vemos surgir uma nova figura em nossas vidas, que aparentemente surgiu para ficar. A tecnologia, pelos computadores e celulares, substituiu o escritório, a sala de aula e até mesmo o abraço. A higienização chegou num ponto no qual vemos uma ponte com o filme “Substitutos”(MOSTOW, 2009), no qual a população foi substituída por avatares robóticos. Apenas esses robôs saem de casa para realizar os trabalhos e até mesmo as diversões. Controlados remotamente por indivíduos dentro de suas casas. Essa modificação subjetiva pode abrir espaço para diversas reflexões e tantas novas possibilidades.

## Capítulo 4

### A Máquina da Morte

“Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia”

Eça de Queirós

#### 5.1. Preâmbulo:

No dia três de julho de 2020 realizou-se o penúltimo encontro do grupo com o enfoque na turma 14, os estudantes da psicologia, que se refere à primeira etapa dos encontros da Roda de Conversa sobre Sonhos. As discussões do grupo percorreram questões que remetem à singularidade do sujeito, bem como passaram por reflexões sociais, atravessando aquilo que é de comum a todos. Veremos que há um pano de fundo como fonte para os dois sonhos relatados, tangenciando temas muito próximos.

Ambos os sonhos trouxeram reflexões acerca da pandemia, que assustava a todos pelos riscos inerentes à crise sanitária e ainda mais pela gestão federal – que criava empecilhos à possibilidade de perspectiva de saídas da crise e às ações de cuidado à saúde de toda a população. Também foram discutidos temas relacionados à morte sob o aspecto do suicídio e da negligência do Estado com a população vulnerável. Desse modo, emergiu um debate cuja centralidade abarcou os seguintes temas: racismo, desigualdade, privilégio branco e gênero.

O encontro se iniciou com o sonho de Viviane. Começa seu relato alertando que foi um sonho confuso e sem sentido para ela, ainda mais pelo motivo de ter sido uma quebra no padrão de sonho que vinha tendo nos últimos tempos. Viviane, apesar de sua voz tranquila, contou seu sonho pausadamente, dando a impressão de que havia uma certa tensão ao rememorar as cenas oníricas. Ao escutar o relato, percebe-se que foi um sonho penoso. A angústia envolvida pelo conteúdo onírico, somada a uma vergonha de se expor para aqueles presentes na roda, parece ter criado uma resistência à auto-observação no começo da conversa. Viviane, inicialmente, demonstrou dificuldades de realizar associações livres mas, no decorrer do encontro, o acolhimento e a reflexão em grupo ajudou-a a elaborar melhor os sentimentos presentes no sonho e a conseguir fazer novas relações.

A segunda parte do encontro aconteceu a partir da discussão do sonho de Sueli. A sonhante, ao contar seu sonho, demonstrou estar muito familiarizada com o conteúdo. Embora

ele fosse penoso, diferentemente do primeiro sonho, ela não estranhou a sua atitude durante as cenas. Um sonho mais extenso e dinâmico, com mais personagens e cenários deu continuidade ao tema disparado pelo primeiro sonho: desigualdade social, racismo e pandemia.

Neste capítulo, por meio dos sonhos e das discussões que ocorreram em grupo, almejamos compreender os atravessamentos da estrutura racista sobre os participantes e refletir sobre a estrutura social da qual tais sonhos eclodiram. Tanto o nome de Viviane quanto o de Sueli são fictícios com o intuito de proteger a identidade das sonhantes.

## **5.2. Os Sonhos:**

### **5.2.1. Primeiro sonho: *O encontro com a morte na praça do condomínio***

*A sonhante afirma que estava no centro de uma praça que ficava no meio de um condomínio que contava com diversos prédios. Ela estava sentada em um banco, juntamente com sua mãe, mas ambas estavam distantes uma da outra, sendo que V. estava de frente para dois prédios e conseguia ouvir barulhos de uma festa que estava acontecendo em um apartamento de um desses dois prédios. Repentinamente, um garoto, de aproximadamente 8 anos, cai do apartamento em que ocorre a festa e a sonhante sabe que, na verdade, o menino se jogou. Era um rapaz branco, desconhecido. Em seguida, caiu também sua mãe, com uma corda amarrada em seu pescoço, morta. As pessoas ao redor, inclusive sua mãe, agiam como se nada houvesse acontecido. A sonhante afirma não conseguir “se controlar” no sonho, então ela também se via parada, olhando para tudo aquilo, inerte. A seguir, algumas pessoas que também faziam parte da comemoração descem ao térreo para ver o que houve com aqueles que haviam caído, mas como se fosse algo normal, como se um objeto tivesse caído.*

### **5.2.2. Segundo sonho: *O metrô para a morte***

*[...] aparecemos em uma estação de metrô que eu nunca vi (todos os lugares desse sonho e a maioria das pessoas não são conhecidos) ela era no subsolo, mas era bem iluminada e parecia grande. Eu não reconhecia a estação, mas deduzi que deveria ser da zona sul (porque eu sou da zona norte e porque o estilo da estação me parecia pertencente a um lugar de classe social um pouco mais alta), então me afastei um pouco dela pra ver o nome na placa que estava logo acima do trilho, a placa era algo entre roxo e azul, mas eu não lembro se eu cheguei a ler o nome da estação. Quando olhei de volta pra onde a moça estava, que seria em uma parede*

*próxima de onde teria uma escada que leva para cima, e olhando para um mapa das linhas de metrô.*

*Olhando pra esse mapa, entre ela e eu havia um homem branco de bermuda e camiseta, que aparentava ter entre 30 e 38 anos, com um cachorro médio e peludo, cor de mel, na coleira.*

*Ele olhou pra mim e acho que me disse algo sobre que estação era aquela, não confiei muito na pessoa dele, mas não tinha a ver com a informação. Eu virei para onde passa o metrô (e a partir de agora a moça não existe nem importa mais no sonho), o metrô passou e não parou, então eu pensei "ué? O metrô não parou? O ônibus realmente às vezes ignora quem tá no ponto e passa quando tá cheio, mas o metrô devia parar". Não sei se eu perguntei algo ou não, mas o moço que tinha o cachorro já estava ao meu lado, mas um pouco distante, esperando o metrô também e ele me disse algo como "ah, esse não é o nosso metrô mesmo, ele não vai parar, nem o próximo". Era como se essa estação fosse parte do cotidiano dele, ele dizia com naturalidade e agia com familiaridade para com o lugar. Então eu passei a saber, não lembro se ele me disse ou se eu simplesmente passei a saber no sonho, que aqueles metrôs que não paravam estavam "indo para a morte"*

*Nisso, passou mais um metrô, mas esse passou em câmera lenta, em um dado momento, quando eu pude olhar pra dentro do vagão e ver pessoas que, no meu pensamento dentro do sonho, eu identifiquei como "pessoas pobres" que voltavam do trabalho, mas a imagem era impactante por não ser simplesmente a representação de pessoas de menor poder aquisitivo/monetário, era a representação que eu vejo em produções cinematográficas de séries ou filmes norte-americanos que tratam sobre escravidão, era a visão de pessoas de pele negra retinta, com um fenótipo característico dessas séries, de porte físico magro mas forte, nariz mais redondinho e boca mais grossa, com um olhar forte e determinado, mas cansado e, às vezes, conformado com a situação dura da vida, e usavam também roupas retratadas nesse tipo de filme ou série, de uma cor puxada pro beje e me marcou uma mulher com uma bandana com detalhes em laranja na cabeça, mas não sei o porquê. Todas essas pessoas dentro do vagão estavam sentadas com a postura ereta e olhavam pra frente, na direção em que ia o metrô, então eu as via de perfil, o metrô ia para a minha direita, lado onde estava o moço com o cachorro.*

*Então, dessa vez, quando acompanhei o curso do metrô, olhei para onde ele se dirigia e ele se transformou em um trem mais antigo, com o topo mais arredondado, que se encaixava*

*quase perfeitamente no túnel e vi o trem dentro do túnel, como em um ambiente controlado, sendo prensado, como se na frente dele houvesse algo com o qual se chocasse e que o segurasse, e pela inércia a parte de traz continuasse andando, até que ele fosse amassado dentro do túnel, mas sem espatifar em qualquer direção.*

*Quando eu vi isso, olhei para o homem do cachorro e ele agia naturalmente diante da situação como algo normal, nem olhava para o final do túnel, e olhei pra mim mesma me vendo impotente diante daquilo, e mais que isso, ao lado daquele homem que aparentava ser de uma classe econômica consideravelmente alta, e eu, também branca, de classe média, esperando o "meu metrô", que era o mesmo que o daquele homem de quem eu desconfiava, e esse metrô não caminharia para a morte, porque não era esse o destino escolhido pra mim, mas era o escolhido para aqueles que tinham passado, mas não era escolhido por eles. Essa situação me deixou bem incomodada e eu simplesmente não tinha o que fazer, não tinha como parar um metrô que ia a toda a velocidade.*

*Então eu olhei para a esquerda (de onde vinha o metrô, e para onde tinha mais espaço de plataforma até chegar no túnel) e vi alguém atravessando os trilhos e indo para a plataforma do outro lado. Vendo isso eu sabia que era também o que eu tinha que fazer, mas não conseguiria naquele momento, porque eu já via a luz do próximo metrô (que também não ia parar). Esperei ele passar, o que foi bem rápido, e fui atrás de uma outra pessoa que atravessava os trilhos, seguindo seus passos rapidamente e subindo de volta à outra plataforma com alguma ajuda ou apoio/incentivo.*

*Eu não conhecia essas outras pessoas, mas era como se eu soubesse quem elas eram ou que eu deveria seguir elas porque o objetivo delas era mais parecido com o meu. Chegando na outra plataforma o cenário já era mais escuro (tenho a impressão de que todo o cenário da estação de metrô foi escurecendo com o passar do tempo), era mais antigo, as paredes pareciam úmidas e de um tom puxado pro verde musgo bem escuro, a luz fraca, parecia também que não aparentava ser um lugar em que se deveria estar como se estivesse entre uma estação e outra, como se fosse uma estação abandonada ou algo assim, tinham, espaçadamente três pessoas próximas a mim na plataforma (que era estreita também), uma à minha direita e duas à minha esquerda, e, indo um pouco mais pra longe à esquerda, havia como que um arco do mesmo material do chão com a espessura de mais ou menos uma pessoa em pé de lado,*

*formando algo como uma passagem para o resto da plataforma, não parecia ter alguma utilidade.*

*(Tentando explicar melhor, tinha um degrauzinho, se você subisse esse degrauzinho você estaria dentro de uma circunferência de concreto, ou seja, lá o material do chão e das paredes, que tinha o diâmetro correspondente à altura entre o chão da plataforma e o teto menos a altura do degrauzinho que existia no chão e no teto)*

*E passando desse aro, descendo outro degrauzinho de volta ao nível da plataforma tinha o Antônio, da nossa sala, deitado no chão, com os pés voltados para onde eu estava e a cabeça para o outro lado e ele usava uma blusa rosa meio puxado pro vermelho/vinho, não sei se isso é relevante, e mais para longe, com uma distância do Antônio, mais perto de onde começaria o túnel de onde vem o metrô, tinha um homem que não dava pra enxergar muito bem, porque tava longe e a luz era fraca, mas acho que era o Carlos.*

*Okay, aí chegou o metrô/trem, que dessa vez parou, e saiu dele um homem com uma lanterna daquelas antigas, de mão, com vidrinho, em forma de pirâmide de base quadrada, ele usava algo como um terno azul marinho, com botões dourados (eu também não confiei nele e o aspecto físico era parecido com o homem do cachorro, que tinha ficado na plataforma do outro lado, mas era um pouco mais velho) ele aparentava trabalhar no trem. O homem perguntou se a gente ia entrar, eu disse que não, que eu ia no próximo, por causa do sentimento de desconfiança, o Antônio levantou a cabeça e respondeu, eu acho que ele disse "vou sim" ou algo do gênero. E aí eu acordei.*

### **5.3. Primeira camada de tratamento do material onírico:**

Trata-se de considerar a experiência singular das sonhantes. Para contextualizar, na data do encontro, São Paulo se encontrava há quase três meses imersa nas diretrizes de distanciamento social e as atividades acadêmicas em suspensão. Como dito anteriormente, usaremos o pseudônimo de Viviane para referirmo-nos a sonhante do primeiro sonho; e para o segundo chamaremos a sonhante de Sueli.

#### **5.3.1. Primeiro Sonho: *O encontro com a morte na praça do condomínio***

Embora conciso, o sonho causou estranheza por marcar uma ruptura no formato dos sonhos de Viviane. Ela comenta que seus sonhos estavam bem “normais”, que eram de plena realização de desejo, enquanto esse último era angustiante.

Freud comenta no capítulo 5 de “A Interpretação dos Sonhos” (1900/2017) que a psique se utiliza de experiências recentes como fonte onírica. Segundo o autor, os elementos que surgem no sonho têm uma tendência de se relacionar a um acontecimento que ocorreu dias antes, não havendo uma data específica, nem sendo uma experiência mais remota. No início da conversa, quando questionada sobre as possíveis associações em relação ao conteúdo e elementos do sonho, Viviane se demonstra com dificuldade de deixar a mente fluir sem censura, não conseguindo associar um fato recente disparador para o sonho. Inicialmente, revela que apenas o cenário lhe é familiar, sendo muito semelhante ao prédio em que uma amiga reside e que costumava frequentar durante o ensino médio.

Assim que concluiu sua fala, alguns integrantes relacionaram o conteúdo manifesto com o recente caso, amplamente noticiado, da morte do menino Miguel - por ter caído de um prédio de luxo em Recife (GLOBO, 2020). Apesar da associação ter sido muito clara para os integrantes, a sonhante não havia percebido a similaridade com o acontecimento noticiado e presente na vida de vigília. Viviane se surpreende por não ter feito tal correlação; ainda mais por ter tido uma proximidade com o caso ao utilizá-lo em um trabalho da faculdade no formato de *podcast* para discutir a questão racial. À medida que a conversa foi progredindo, a sonhante começou a identificar os sentimentos presentes no sonho. O fato de ela não ter controle sobre suas ações na trama onírica, impossibilitando-a de tomar qualquer ação, a obrigou a assistir à sua indiferença diante dos dois suicídios praticados. Ao se ver no sonho sem nenhuma atitude ela se percebe incomodada, um estranhamento da própria sonhante em relação a si mesma.

A tragédia enunciada pelo caso Miguel remete à uma negligência da patroa que estava responsável por cuidar da criança naquele momento. A angústia envolvida nas mortes por suicídio deslocou-se, na conversa, para a angústia que tem sido insistente no momento pandêmico frente a escalada de mortes decorrentes de uma má gestão, ou seja, de uma negligência governamental. Talvez aqui, podemos supor uma sensação de culpa existente na vida de vigília por não fazer nada diante de tantos óbitos e tragédias que assombram o Brasil. Tal suposição encontra algumas bases quando, durante as discussões em grupo, a sonhante revela que a situação atual tem gerado sensações de impotência e sufocamento. Tais sensações



remetem ao conteúdo onírico ao se relacionar com a inação perante o suicídio da criança e pela corda no pescoço da mulher, respectivamente.

Outro detalhe destacado da narrativa durante o encontro foi o distanciamento entre Viviane e sua mãe. Esse momento inédito de distanciamento social, imposto pelas medidas sanitárias para conter o avanço do vírus, isola o indivíduo de seus círculos sociais, com exceção daquele em que divide o “lar”. No que se refere à singularidade de Viviane, a quarentena promoveu um hiper convívio familiar. Esse excesso de contato pode ter gerado sensações ambivalentes na sonhante. No que se refere à figura materna. Assim, o sonho pode representar esse desejo de promover um certo afastamento em relação a sua mãe. Freud (1900/2019) indica que sonhar com a morte das figuras paternas é considerado um sonho típico de realização de desejo e que se remete às experiências pregressas no conflito edípico.

Viviane não encontrava muito sentido em seu sonho e compartilhou a narrativa onírica na roda para que as associações dos demais a ajudassem a encontrar explicações. A conversa propiciou a Viviane revelar suas emoções não apenas do sonho, mas em relação ao contexto sociopolítico que a circunda. Compartilha seu esforço para se manter calma diante dessa situação sem precedentes históricos, evitando ser tomada de uma preocupação excessiva. A inquietação da sonhante diante da insensibilidade da população - que desconsiderou as medidas de segurança, permitindo a disseminação do vírus, e por consequência, o aumento do número de mortos – é silenciada na vigília, porém retorna no sonho de maneira angustiante.

Desde o início da pandemia, questões de saúde mental têm sido muito discutidas. As redes sociais se tornaram o principal meio de interação entre as pessoas. Através da rede, foi notável um abalo emocional de uma grande parcela da população. Comentários, vídeos, *lives*, entre outras formas de interação orbitavam em torno do tema de como a quarentena havia influenciado no bem-estar e sobre as dificuldades impostas pela privação do distanciamento. A pandemia de coronavírus criou um cenário em que exigia mudanças de comportamento e de rotinas. A dificuldade de se adequar a essa “nova” forma de vida possibilitou a eclosão de diversos sintomas e a popularização de quadros diagnósticos, como, por exemplo, o *Burnout* e transtornos de ansiedade (CONRADO, 2021).

Diante disso, podemos pensar que a sonhante tem se empenhado ativamente para não se afetar pelas mudanças radicais impostas. Quase como um controle intencional para evitar sentir-se mal em uma tentativa de reprimir os sentimentos e afetos desencadeados por situações

aversivas. Seu sonho traz a contradição vivida em vigília. Ele surge, então, como um disparador para uma reflexão que traz esse fluir afetivo. O “afastamento” que a sonhante cria na sua vida de vigília em relação ao momento tenebroso brasileiro com a finalidade de evitar uma preocupação excessiva e, assim, manter um mínimo de saúde mental é revivido no sonho pela insensibilidade diante dos dois suicídios que ocorreram em sua frente. Tal insensibilidade lhe causou desconforto, permitindo toda essa troca de percepções e sentimentos na roda de conversa.

#### **5.4.2 Segundo Sonho: *O metrô para a morte***

O sonho de Sueli é extenso e repleto de elementos a respeito de sua subjetividade. O cenário é uma estação do metrô, um ambiente do cotidiano para os moradores da cidade de São Paulo e que agora está ausente em seu dia-a-dia por conta da pandemia. Assim como exposto no capítulo 3 deste trabalho, em um outro sonho relatado, a sonhante tenta reconhecer esse metrô no qual se encontra, pois o espaço lhe causa estranhamentos.

Sueli, ao tentar fazer esse reconhecimento, se depara com um homem que, durante a conversa na roda, ela expõe que não lhe remete a nenhuma pessoa conhecida, mas que lhe causava um sentimento de desconfiança. Segundo ela, essa pessoa representa a figura estereotipada do branco de classe média: faixa etária entre trinta e quarenta anos, bem vestido e com um cachorro. A sensação de desconfiança sentida advém da opressão que ela sente por esse grupo de pessoas. Aqui começam a surgir as primeiras questões tangentes à temática racial e de gênero. Essa figura masculina, então, é reconhecida como um perigo para a sonhante. No sonho, percebe-se um movimento incipiente de quebra dessa opressão, pois ela não acata o que é dito como verdadeiro, porém tampouco se coloca de maneira firme diante dele, demonstrando ainda uma relação de poder implícita.

Surge, então, o metrô que não para, causando um estranhamento em Sueli, em razão de, na vida de vigília, ele sempre realizar a parada independentemente de haver pessoas na plataforma. O informante da sonhante lhe diz então que esse metrô não irá parar, pois não é para eles. Nem esse, nem o próximo. A cena adiante se passa em câmera lenta, permitindo à Sueli reparar nos detalhes dos passageiros: todos trabalhadores, pobres e negros. Sueli percebe, desse modo, que esse era o trem da morte, que seria esmagado no seu destino final. Por um lado, ela é mobilizada por uma sensação de incômodo por pertencer ao mesmo grupo desse

homem; por outro, vivencia uma impotência, pois nada estava ao seu alcance para impedir a continuidade do vagão.

A próxima cena reforça o posicionamento crítico da sonhante. Apesar de ter o mesmo recorte de classe e raça desse homem e que, portanto, eles, provavelmente, embarcariam juntos no mesmo metrô, ela decide fugir desse destino. Surge no grupo reflexões sobre a iniciativa de Sueli de tentar se afastar do racismo estrutural e aderir à luta antirracista. No sonho, ela vê algumas pessoas atravessando os trilhos para a plataforma oposta, tenta segui-los, porém é impedida, pois um outro trem já se aproximava. Ela aguarda esse passar e pula nos trilhos, sendo auxiliada a subir na outra plataforma. O ato de atravessar os trilhos pode ser tido como uma transgressão às orientações de segurança e proteção à vida. Um ato de rebeldia em que se exige coragem para se arriscar a chegar ao “outro” lado. Sueli, durante a conversa, reconhece a necessidade de problematizar, em seu cotidiano, a estrutura assentada no racismo que naturaliza a morte de pessoas negras, ao mesmo tempo em que garante os privilégios de pessoas brancas. No sonho, Sueli reconhece haver um atraso na mudança de atitude, pois a decisão de ir para o outro lado demorou para ser tomada, apesar de mais de um trem já ter chegado ao seu destino final. Nessa narrativa, percebe-se os três tempos para Lacan (1998): o primeiro, o momento de ver, no qual a sonhante reconhece quem são as pessoas que ocupam esses vagões; o segundo, momento de compreender, em que ela percebe essa dinâmica social envolvida responsável por pré-estabelecer lugares na sociedade; e, por fim, o momento de concluir, no qual ela toma uma atitude de transgressão à ordem vigente.

Sueli, nessa plataforma oposta, se junta a um grupo de indivíduos desconhecidos. Esses novos colegas compartilham da mesma visão de mundo, se opondo àquela naturalizada pelo adulto de classe média. O fato de a travessia não ter acontecido antes desse grupo mostra a necessidade de ajuda para alcançar a mudança. Também é possível pensar no papel fundamental dos participantes e pensadores da luta antirracista e dos colegas engajados da universidade, que defendem as pautas do movimento negro, no processo conscientização e no desejo de mudança de Sueli.

A temática racial, em especial a luta antirracista, não está desvinculada de um posicionamento político. Termos como *direita e esquerda* fazem alusão a de que lado a pessoa se encontra nesse campo político. Esses termos se repetem no sonho, tanto na cena do trilho quanto nas cenas seguintes dentro do túnel. O sentido do trem, cujo destino é ser aniquilado, é

para a direita, mesmo “lado” em que o homem do cachorro está. Portanto, nessa narrativa onírica, explicita-se o caráter opressor perpetuado pela direita e, ainda de maneira mais intensa, o genocídio negro situado na extrema direita do sonho. Após a transgressão, toda a jornada se encaminha a um lugar à esquerda. Associa-se, aqui, que após o tempo de compreensão, a sonhante tem uma ação emancipatória na qual se torna sujeito de seu destino, caminhando na direção contrária ao que seria esperado. O sonho representa o esforço e o empenho que a sonhante tem realizado nessa mudança de direção suscitada por frequentar discussões no ambiente universitário.

O cenário do túnel obscuro em que ela adentra ao passar pelos trilhos possui alguns personagens conhecidos de sua vida desperta. Estes são colegas do curso de psicologia. Podemos estabelecer uma relação entre o túnel e o espaço universitário, pois foram os colegas, professores e teóricos que a ajudaram a “transgredir”. Tal mudança foi impulsionada após ingressar na universidade, a qual era retratada, nos períodos de repressão política no Brasil, como um local obscuro - e vem novamente sofrendo com esse obscurecimento sob um governo que flerta com o autoritarismo. No sonho, o túnel possui características que lembram os cenários de esgotos descritos em desenhos animados e filmes e, apesar de ser um local aversivo, escuro e sujo, a sonhante não sente medo. Esse momento no túnel simboliza a passagem que Sueli está realizando para chegar ao “novo” destino. Nesse percurso ela se depara com uma podridão representada pelo esgoto e ratos; e com infortúnios que podem ameaçá-la representada no colega estendido dentro do túnel.

A cena final acontece em uma nova estação. Nela, um outro homem surge, branco como o primeiro, porém idoso. Outra diferença é que ele não está na plataforma, mas sai do metrô e pergunta a Sueli se irá embarcar. Ela nega por, mais uma vez, sentir desconfiança. Seu colega está ao seu lado e aceita embarcar. Aqui podemos pensar sobre os aspectos de gênero da sonhante. Ela desconfia da segurança daquele trem. No momento do embarque ela recua, recusando-se a entrar no trem. Já seu colega, não. Sueli associa o fato de, por ele ser homem, corre menos perigo, apesar de estar na mesma situação.

Freud não abordou o racismo de forma direta em sua teoria. Vale lembrar que todo o seu pensamento foi construído sob influências de um determinado tempo histórico. Um conceito importante em psicanálise que se aproxima do preconceito racial é o de ‘narcisismo das pequenas diferenças’. Há, porém, indícios de preconceitos sofridos pelo pai da psicanálise

por ser judeu. No livro “A Interpretação dos Sonhos”, Freud (1900/2017) descreve em um de seus sonhos que ele havia sido indicado para um título de grande honra em uma universidade, e recebe então a visita de um colega seu, que fora indicado várias vezes a ser professor nesta universidade, sem jamais ganhar. Durante a conversa, este colega comenta que tal nomeação sempre lhe fora negada pelo fato de ser judeu. Freud então deixa de nutrir esperanças de ser nomeado, visto também ter a mesma ascendência. Nesse sonho, Freud nos aponta para aspectos dos movimentos anti-semita na Europa, que já produzia segregação antes mesmo da radicalização da perseguição promovida pelo nazismo.

## **5.5. Segunda camada do tratamento do material onírico:**

Agora vamos pensar sobre os atravessamentos do contexto sociocultural e político brasileiro nos dois sonhos.

### **5.5.1. Primeiro Sonho: *O encontro com a morte na praça do condomínio***

O primeiro ponto a ser destacado é de como vários participantes tiveram, de imediato, a mesma associação: a do caso Miguel. Esse caso aconteceu no segundo dia de junho, ou seja, um mês anterior ao encontro. A mãe e a avó do menino eram empregadas domésticas de uma família influente e rica de Recife. Devido a necessidade de conter a curva de contágio do coronavírus, as escolas estavam fechadas. No entanto, há possibilidade de isolamento social, mas ele é restrito para uma parcela privilegiada da população brasileira ou para aqueles que não necessitam se expor no transporte público. Devido a questões financeiras, a mãe tinha a necessidade de continuar trabalhando. Assim, não podendo deixar seu filho sozinho em casa, o leva para o trabalho consigo. Durante o expediente, foi realizada uma tarefa: levar o cachorro da patroa para passear, enquanto essa fazia as unhas. Nesse ínterim, o filho ficaria aos cuidados da patroa, que deixa a criança entrar sozinha no elevador. O garoto, então, desce no nono andar, passa por uma porta contra incêndios, chega até os condensadores dos aparelhos de ar-condicionado, atravessa uma grade de proteção e cai de uma altura de trinta e cinco metros (G1 PE, 2020). É socorrido com vida, mas morre logo em seguida. Cabe ressaltar que o Brasil é um dos poucos países que consideram o trabalho doméstico como essencial, o que pode estar associado ao racismo à brasileira e a um passado escravocrata não tão remoto.

A notícia do acidente foi amplamente divulgada na mídia e redes sociais, servindo como fonte disparadora para o sonho e para as associações na roda. O segundo ponto é de como as

falas dos participantes foram se convergindo para a posição da mulher negra na sociedade. A imagem da mãe com uma corda no pescoço remeteu às dificuldades e “apertos” que a pandemia vem impondo sobre as pessoas – como a expressão popular: “estar com a corda no pescoço” -, especialmente, para as mães solteiras e negras como no caso noticiado acima em que a mãe se encontrava sem alternativa entre trabalhar e não ter renda.

A indiferença e inação presentes no sonho, quando associadas ao caso Miguel, indicam a maneira naturalizada da diferença de posição que indivíduos ocupam conforme seu gênero e questão étnico-racial. A conversa na roda, a partir de tal associação, pautou-se nas relações de poder. A patroa é uma mulher branca, rica, casada com um homem que desempenha um papel na esfera política, bem como diversos outros membros de sua família. Portanto, a patroa está em um lugar de posição de muito poder, tanto do ponto político quanto financeiro. O elo entre o núcleo familiar da patroa e da empregada doméstica é geracional. A avó do Miguel era funcionária da família, também ocupava a função de trabalhadora doméstica. Por ser um apartamento de luxo, havia mais trabalho do que ela conseguia realizar, então convidou a sua filha para auxiliá-la. Os patrões contentes com o resultado da dinâmica de trabalho entre as duas, oficializaram a contratação de ambas (G1 PE, 2020).

Mesmo com as medidas de isolamento social, os patrões não dispensam o serviço das empregadas domésticas, considerando-as como serviço essencial, bem como a manicure, que também estava no local no dia da tragédia. Com as escolas e creches fechadas pela quarentena, mãe e avó não tinham onde deixar a criança, levando-a para o trabalho. Enquanto a patroa fazia as unhas, a avó trabalhava e a mãe realizava a tarefa de levar o cachorro da patroa para passear. Nessa circunstância, a criança fica sob os auspícios da patroa. Em uma gravação do sistema interno de vigilância, a criança é mostrada no elevador - aparentemente brincando - e a patroa falando algo para a criança. A mulher aperta um botão no elevador e retorna para onde estava. A última imagem que se tem de Miguel vivo é saindo do elevador.

O papel geracional desempenhado pela mãe e avó de Miguel suscitou, na conversa, uma figura histórica: a “mucama da casa”. Durante o período da escravatura no Brasil (1550 a 1888), algumas escravas eram escolhidas para efetuarem o trabalho doméstico. Os integrantes do grupo apontam a continuidade do trabalho da mulher escravizada na “categoria” de empregada doméstica. Embora não sejam mais escravas, a dinâmica racista de uma sociedade escravocrata ainda se perpetua nas relações patrão-empregado. No passado escravocrata, os negros eram

destituídos de seu caráter humano; desumanizados, eram tratados como animais, eram impossibilitados de constituir família. As crianças não eram filhos ou filhas, mas sim “crias”. Desse modo, desde o nascimento passavam por um processo de animalização e objetificação. SILVA (2017) aponta sobre um racismo umbilical, pois a criança já vem marcada pelo racismo operacionalizado em seus pais. A experiência que os genitores sofreram pelo fato de serem negros, todas as injustiças e injúrias sofridas, acabam fazendo parte do universo psíquico daquela criança. Desde termos que partem da racialização do indivíduo, como termos “negrinho”, até atos discriminatórios nem um pouco velados, como ser excluído de um grupo de amigos, criam-se cicatrizes conscientes e inconscientes, que marcam uma desvalorização de si mesmo pelo simples fato de ser negro. Essas marcas são passadas de geração para geração.

A forma como Miguel foi negligenciado nos remete a essa representação da “cria” marcante na história. O tratamento da cria é distinto de uma criança (branca), esta requer e merece um cuidado, uma atenção maior. Apesar de o júri ter considerado a patroa responsável pelo acidente, setores conservadores da população acusaram a mãe da criança como a real responsável pela tragédia por ter levado o filho para o local de trabalho. Novamente acontece a reprodução de uma lógica perversa que culpabiliza o negro, pela falta do branco. Grada Kilomba, psicóloga e escritora, em seu texto “A Máscara” (KILOMBA, 2016), reflete sobre a dinâmica psíquica no racismo. Ela pontua o mecanismo do processo de projeção, no qual o branco cria a imagem do negro como um inimigo, projetando nele todos os aspectos negativos de si mesmo. O negro se torna então o ladrão, o invasor, o violento e o promíscuo. Paradoxalmente, os registros históricos revelam que no período da escravatura, tais características são mais adequadas para descrever o comportamento do branco. A este, resta o papel de vítima e em sua psique que “recusa” a percepção sobre as atrocidades que comete contra o povo negro. Há uma cisão na psique que por meio do mecanismo de projeção que viabiliza que o sujeito branco consiga lidar com a crueldade que estava praticando.

A patroa tem sua responsabilidade atenuada, tida como apenas uma pessoa desatenta; enquanto a mãe é a culpada pelo acidente que resultou na morte de seu filho. Retornando ao sonho de Viviane, uma mãe também sofre uma queda do prédio, esta cai com uma corda no pescoço. Há duas associações possíveis dessa cena. A primeira, como a mãe morrendo pela morte de seu filho, refletindo a “morte social” executada pelo rechaço nas mídias sociais. Com tamanha crítica da população em um momento de luto, há um possível processo de transferência da culpa da morte para si. Uma hipótese é a de que, na criação onírica, a sonhante construiu

uma cena em que a mãe se mata com tamanha pressão. Numa segunda associação, a corda no pescoço simboliza a expressão popular de quem está passando grandes dificuldades, de estar entre a vida e a “morte” - entre aspas pois aqui na expressão a morte adquire um sentido figurado. Uma mãe com a corda no pescoço pode representar a situação vivida por tantas trabalhadoras, agravada pela crise sanitária e econômica, na qual sem uma política estatal eficiente de assistência, precisam se expor a um grande risco de infecção para prover um sustento à família.

A sonhante afirma no sonho que a queda da criança não é acidental, enfatiza que ela se jogou. Ainda durante a narrativa, é colocado o detalhe da cor dessa criança como branca. Esse fragmento onírico intrigou os participantes, visto que, apesar de ser uma clara referência ao caso Miguel, no sonho, a criança não é negra. A discussão recai então sobre como o corpo do branco que é valorizado e o corpo negro que é tido como descartável. Uma possível análise sobre essa troca no sonho é a de que houve uma distorção para tentar ocultar o real significado do sonho para Viviane. A sonhante afirma saber que ele se jogou, os integrantes pensam sobre como uma criança se matando pode simbolizar a juventude que, durante essa pandemia, está sendo prejudicada. Lembram da expressão “a criança é o futuro da nação” e refletem como essa pandemia e ingerência do governo podem estar matando tal futuro. Uma morte de um corpo e vida descartáveis imprime um sentido de desesperança que pode estar sendo instaurado na psique das juventudes e provocando a melancolização do laço social.

### **5.5.2. Segundo Sonho: *O metrô para a morte***

No segundo sonho, a discussão sobre o racismo continua. A primeira figura marcante que temos é do homem com o cachorro. A insensibilidade dele frente à morte dos negros no metrô e seu comentário que tal destino não seria para ele nem para Sueli simbolizam o privilégio branco. Vamos usar o termo “trem da morte” para nos referir ao metrô que em outros momentos se transforma em trem. O metrô é um dos principais meios de locomoção da cidade de São Paulo, sendo uma experiência bem cotidiana de grande parte dos moradores desta gigantesca metrópole. A construção onírica mostra a realidade que muitas pessoas precisam passar para ir trabalhar todos os dias, em seus vagões apertados. Em tempos pandêmicos, muitos trabalhadores não possuem o direito de permanecerem isolados, sendo obrigados a se exporem ao risco de contágio nos transportes públicos.



O trem da morte passa em câmera lenta permitindo ver os detalhes dos passageiros: pessoas negras vestindo roupas maltrapilhas, como é tipicamente relatado em filmes estadunidenses de época que retratam o período da escravidão. O trem pode representar os mecanismos e construções sociais que são usados como forma de opressão a um grupo e privilégio de outro. O recorte de classe e raça fica evidente na segregação realizada por esses “metrôs”. Cada segmento da população já tem um destino previamente traçado por esse mesmo mecanismo. Diferentemente do recorte ao qual a sonhante pertence, o destino funesto das classes vulneráveis é insensivelmente ignorado pelo homem, o qual vê tal fato com naturalidade. Essa cena onírica também revela o que Grada Kilomba (2016) discute sobre o imaginário da negritude como uma criação do branco. Se utilizando do conceito psicanalítico de cisão do Eu, onde as partes negativas são jogadas para fora, e projetadas em outro indivíduo. A imagem do negro passa a ser atribuída a todos os aspectos rejeitados (negativos) do branco. A autora cita uma frase de Fanon (1968): “eu não posso ir ao cinema”, psiquiatra negro que evidencia como o povo negro é descrito: o criminoso, a prostituta, o assassino e afins. A forma como o sonho apresenta o negro ainda com características subalternas, aponta para a continuidade da condição do negro pertencente a classe de vulnerabilidade social tal como retratada pelo cinema de época.

Aquele metrô se transforma em um trem antigo e é amassado ao entrar no túnel. A troca da imagem do metrô para o trem antigo indica a persistência do racismo. Ele não deixou de existir, no sonho é retirada essa “aparência moderna”, tornando visível a manutenção das raízes opressoras. A forma como o trem é esmagado também chama a atenção da sonhante, não é como em um acidente em que o trem é destruído, no sonho é como se fosse comprimido por uma máquina. Associa-se, aqui, a ideia de uma “máquina do racismo” - fazendo uma referência a um racismo estrutural em nossa sociedade. Uma referência trágica em relação a uma “máquina de morte” são os campos de concentração durante a segunda guerra mundial, onde o extermínio de pessoas era estruturado pelos nazistas, como uma grande e organizada fábrica de morte. A sonhante, em seu relato, diz de forma angustiante: “não tinha como parar aquele trem”. Séculos de dominação, que construíram todo um sistema opressivo de morte, não poderia ser facilmente parado. E tudo isso sendo visto de forma bem naturalizada pelo homem branco que ali estava com ela em seu sonho.

O destino de Sueli não é o mesmo dos negros no trem da morte, visto a sonhante ser branca. Aqui fica evidenciado uma característica do racismo brasileiro: ele é baseado no fenótipo, ou seja, na aparência e não na origem sanguínea.

Comumente é pensado o racismo como uma violência direta contra uma pessoa negra, judia, indígena, ou de alguma outra etnia. No entanto, o racismo é muito mais complexo do que o evento de violência e de discriminação. No Brasil, esses episódios são manifestações de um processo histórico e político que constitui um racismo estrutural (ALMEIDA, 2019). Histórico, pois ao longo do tempo foi construído a ideia de raça; político, uma vez que a racialização estabelece uma relação de poder, colocando um certo grupo em condição de vulnerabilidade, ao passo que outro grupo é posto em situação privilegiada. Além dessas duas dimensões, história e política, o racismo também opera na subjetividade, criando uma racionalidade que coloca o racismo como algo normal, como um padrão de normalidade nas relações sociais (ALMEIDA, 2019). Desse modo, a violência contra pessoas negras é naturalizada. É normal a pessoa negra estar em posições subalternas na sociedade, é normal para o negro viver em condição de vulnerabilidade social. A morte em massa de jovens negros na periferia não causa espanto, a necessidade de as pessoas em posições subalternas continuarem trabalhando durante a pandemia se colocando em risco não mobiliza a sociedade. Enquanto esses trabalhadores estiverem dentro do trem da morte é algo normalizado que não inquieta as pessoas que estão fora desse trem. A pandemia colocou em evidência o racismo estrutural ao demonstrar a “forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam” (ALMEIDA, 2019, p.22).

A tomada de decisão de assumir a luta antirracista, apesar de ser algo lógico e coerente, nem sempre é uma tarefa fácil, pois implica em abrir mão de privilégios. A violência e o risco de assumir a luta antirracista também é notado tanto pelos perigos assumidos na travessia entre plataformas, quanto na referência do colega estendido no chão dentro do túnel. A sonhante lembra-se que ele está com uma roupa vermelha, podendo ser uma representação de sangue. Sua cabeça está voltada para o destino (à esquerda). Mesmo seu colega sendo branco e homem, ao alinhar-se a esse destino, sofre retaliações.

O sonho se encerra evidenciando o risco que a mulher sofre em nossa sociedade. A sonhante recebe o convite para entrar no trem e sente medo, negando de forma incisiva. Seu

amigo, homem e branco, que está ao seu lado aceita sem demonstrar medo ou insegurança. A segurança feminina está sempre em jogo, mantendo-a em um estado de tensão e alerta quando em ambientes não familiares - quando não também em ambientes familiares, considerando que a maioria das violências sexuais acontecem no ambiente doméstico. É nesse momento que o sonho se encerra.

## **5.6. Terceira camada do tratamento do material onírico**

Ambos os sonhos nos levam a pensar sobre nossa posição enquanto sujeitos organizados em sociedade. Durante as discussões da primeira narrativa onírica, uma participante agrega a ideia de que as crianças simbolizam “o futuro da humanidade”, e o sonho nos faz pensar como esse futuro está se matando, ou sendo morto. Um futuro sem esperanças, que “matou-se voluntariamente”. Nesse momento do encontro, ecoa um grande silêncio, parecendo que a fala produziu um incômodo nos participantes ao compartilhar um sentimento de desesperança. A coordenadora do grupo utiliza desse silêncio para discorrer sobre as possíveis camadas de análise de sonhos (norteadores desse livro) e aproveita tal incômodo para questionar o grupo sobre a terceira camada, isto é, quais são as possibilidades de futuro que esse sonho traz?

A primeira a comentar diz que está extremamente sem esperanças quanto ao futuro. As imposições de distanciamento da pandemia, estar afastada do convívio na universidade, os medos de contaminação dela e dos demais. Tudo isso associado ao descaso dos governantes, a deixou com um sentimento muito ruim sobre o futuro. Ela pede então a outros participantes para falar um pouco e, quem sabe, inspirá-la a ter esperanças.

A próxima pessoa a pedir a fala está um pouco mais esperançosa. Faz uma metáfora sobre a situação que estamos passando com o movimento pendular descrito na física. Ou seja, é um primeiro movimento de regresso para depois voltarmos a avançar. Ela comenta que estamos atrasados por nos espelhamos muito nos Estados Unidos da América, que estão enfrentando a pandemia de uma forma péssima, mas são os melhores em vender uma imagem de sucesso, do que realmente ter esse sucesso. Diz acreditar que teremos um progresso nos movimentos da história, embora nossa geração talvez não veja esses resultados.

Uma terceira integrante se coloca entre o pessimismo da primeira e o otimismo da segunda fala. Acredita que esses grandes rompimentos e catástrofes são combustíveis para grandes mudanças e avanços sociais. Complementando a ideia trazida na fala anterior do

movimento pendular da história, analisa que hoje há um movimento conservador pressionando fortemente para que tudo retroceda, se considerarmos alguns avanços democráticos durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), e há o crescimento do autoritarismo e o risco de desestabilização social ainda maior. Ela então descreve um trecho de um sonho que mostra um pouco como ela tem simbolizado essa ideia:

*Estou em um prédio cujas colunas encontram-se em buracos mais largos que elas, encontram-se instáveis, balançando, e, ainda assim, o prédio segue firme. As colunas poderiam até ceder, entretanto, aparentemente, tudo parece estar tão arraigado, que seriam necessárias muitas outras colunas instáveis para estremecer tais estruturas; seria necessário destruir andares, demolir o prédio, para que o efeito desejado fosse alcançado.*

Comenta ainda sobre o sonho de Viviane, dizendo que a insensibilidade das mortes reflete como estamos lidando com os então 60 mil mortos, parecendo que ninguém mais está se importando. Até o momento da escrita desse capítulo, o Brasil já contabiliza mais de 270 mil mortes (ARAÚJO, G. 2021).

As estruturas da nossa sociedade foram abaladas por essa pandemia, como simboliza o sonho do prédio e as colunas, mas não o bastante. No entanto, precisaremos ver toda estrutura ficar abalada e ruir para enxergarmos alguma mudança positiva? Não há outros caminhos onde não mais ocorram mortes em massa, como simbolizada no trem da morte?

Esperamos que não, em virtude de a pandemia estar sim mexendo em pilares fundamentais da sociedade. Mesmo após um ano enfrentando esse vírus, ainda estamos tateando no escuro. Já vemos mudanças significativas na forma como a maior metrópole da América Latina lida com sua máquina estrutural: o trabalho. Estamos vendo um esvaziamento dos escritórios comerciais, com o trabalho sendo reajustado como o regime de *home office*. São Paulo, “a cidade que não para”, como diz o ditado popular, foi forçada a parar. Parou e se adaptou à parada. Podemos então aproveitar tal embalo de mudanças e repensar sobre como lidamos com o racismo em nossa sociedade.

Os dois sonhos discutidos neste capítulo evidenciam como o problema do racismo também se manifesta em meio a essa pandemia, onde as comunidades negras, especialmente da periferia, são especialmente abaladas pela falta de amparo médico e impossibilidades de manter medidas sanitárias para evitar a propagação do vírus. São vidas sem a possibilidade de uma pausa, visto que vivem eternamente presas ao momento presente. O dinheiro recebido naquele

dia ou naquela semana é o que irá garantir o sustento. Presas no presente, impossibilitadas de sonhar. Sonhos em seus múltiplos sentidos, tanto como produções oníricas quanto como planos e projetos de vida.

A autora Grada Kilomba (2016) discute sobre o objeto de tortura que era usado para silenciar os negros no período de escravidão. Uma máscara presa ao rosto que mantinha uma bola de ferro dentro da boca, com a função principal de evitar que os negros comessem o que estavam colhendo, ou cometessem suicídio comendo terra. A autora vai em outra direção e comenta sobre como tal mecanismo de tortura era usado também para silenciar a fala do negro. Não permitindo que, por meio da fala, se evidenciasse a opressão do homem branco. Ou seja, o instrumento não permitia que o negro falasse da violência que sofre e, por sua vez, que o patrão continuasse protegido de não escutar o sofrimento do escravizado e, assim, não precisasse lidar com o mal que impingia a outro ser humano. Miguel e sua mãe foram silenciados e a história se repete como tragédia. Hoje apesar do silêncio imposto pela ausência de Miguel, sua mãe não se silenciou e submeteu processos na justiça para responsabilizar a patroa. Há quebra de silêncios. Atualmente Mirtes cursa direito em uma universidade.

O trabalho proposto neste livro é uma possibilidade pensada para tornar consciente algumas vozes que são caladas cotidianamente e encontram vazão através da produção onírica. Contudo, precisamos tornar a fala mais presente. A liberdade de expressão, direito presente no artigo quinto da nossa constituição, se mostra como um norteador e provocador. Ter o direito a falar é uma das bases da nossa sociedade, mas falar a quem? De que nos vale falar se não somos ouvidos? Hoje, com as mídias sociais, vemos dois movimentos perigosos. O primeiro é conhecido como “cultura do cancelamento”, no qual um indivíduo é “cancelado” (ou seja, ostracizado) do seu direito à fala por conter alguma opinião que incomoda a maioria. Mas quem é essa maioria? Eis o segundo problema. Com base em algoritmos, as mídias sociais têm filtrado o conteúdo para que o indivíduo tenha mostrado a si os conteúdos mais próximos ao que ele tem contato, criando verdadeiras câmaras de eco. Isso pode levar o indivíduo a acreditar que todos pensam como ele, impossibilitando-o de lidar com a ambivalência da opinião contrária, e todo desconforto que isso acarreta. Desconforto esse que é necessário para um processo de retificação subjetiva, ou seja, de mudança. Vemos hoje novas máscaras que visam silenciar as angústias que não querem ser ouvidas.

Hoje, seria um absurdo qualquer pessoa que aceite a ideia de um campo de concentração, tamanho foi o impacto que tais máquinas de morte causaram na sociedade após as tragédias da segunda guerra mundial (setembro de 1939 a setembro de 1945). Porém, nem sempre foi assim, esses campos permaneceram ocultos por muito tempo. O trabalho de pessoas corajosas, como Viktor Frankl em “O Homem em Busca de Sentido” (1946) e Anne Frank em “Diário De Anne Frank” (1947), mostrou ao mundo todas as atrocidades que aconteciam nos campos de concentração no primeiro caso, e o sofrimento das famílias perseguidas pelos nazistas no segundo caso. O que gera angústia em todos nós, visto que foram causados por pessoas como nós. Ter dado voz a esses sofrimentos garantiu que não fossem esquecidos, gerando a mudança necessária para que tamanhas atrocidades não mais se repetirem. Apesar de sua repetição constante em novos formatos no decorrer da história da humanidade. Das câmaras de gás ao descaso dos representantes políticos para com a população em situação de vulnerabilidade social.

O racismo não é uma simples questão histórica ou de opinião pessoal. Segundo a declaração sobre raça e preconceitos raciais, da Unesco, racismo é:

*“Toda teoria que invoque uma superioridade ou uma inferioridade intrínseca de grupos raciais ou étnicos que dê a uns o direito de dominar ou de eliminar os demais, presumidamente inferiores, ou que faça juízos de valor baseados na diferença racial, carece de fundamento científico e é contrária aos princípios morais étnicos da humanidade” (UNESCO, 1978)*

Adiante, o texto aponta que o racismo impede o desenvolvimento de suas vítimas e ainda perverte quem o pratica, dividindo internamente as nações e impedindo a cooperação internacional. Ele é, então, um sério problema social e político.

O racismo “à brasileira” possui uma característica especial: atenta-se mais ao fenótipo, ou seja, à aparência do indivíduo do que à ancestralidade, sendo o Brasil um país miscigenado, que tem dificuldades de construir uma identidade e historicidade cultural. Kabengele Munanga (2017), irá descrever o racismo no Brasil como: “difuso, sutil, evasivo, camuflado, silenciado em suas expressões e manifestações, porém eficiente em seus objetivos”. Temos a ilusão de sermos um país sem racismo, escondendo nossas tentativas de embranquecer a população pelo uso da palavra “pardo”, por exemplo, como aponta Lilia Schwarcz em estudo sobre Raça, Cor e Linguagem (SCHWARCZ, L. M. 2017). A autora aponta como essa palavra é usada para enfraquecer a luta do movimento negro.

É possível afirmar que as narrativas oníricas nos mostram que precisamos deixar de silenciar o racismo na nossa sociedade e encará-lo de frente, sofrendo toda a angústia de ver tanto sofrimento que é causado por nossas instituições estruturadas em crenças racistas, e permitir surgir a mudança de caminho, sair dos trilhos e fomentar uma mudança real em nossa sociedade. Esse é um momento de busca pela superação de todas as formas de morte e sofrimento nessa época onde a finitude humana não mais se esconde.

A psicanálise pode ser útil para analisar tais questões ao tentar trazer à tona o reprimido e recalado. Especialmente, para o racismo “à” *brasileira*, marcado como elemento fundante da sociedade. Assim, ao estar permeado nas relações sociais, o racismo se reproduz de forma silenciosamente escancarada. A partir do método psicanalítico, conseguimos localizar a dinâmica perversa reproduzida tanto em expressões corriqueiras, como os ditados populares; quanto as posições típicas ocupadas pelos indivíduos negros, frequentemente estereotipadas na figura de cargos em que estão à serviço de outrem como a empregada doméstica. A psicanálise ao trabalhar com os elementos psíquicos atuantes nas relações sociais, revela o caráter perverso e extremamente agressivo que opera de maneira mascarada entre alguns integrantes da população brasileira.

Há que ressaltar que os impactos do racismo na subjetividade produzem a dimensão sociopolítica do sofrimento (ROSA, 2016). A nossa história escravocrata pode produzir traumas nos brasileiros e nas brasileiras. O psicanalista, ao realizar uma articulação teórica, política e ética, está atento para escutar esse traumático, que frequentemente é inenarrável. A função do analista não se restringe em ser um espelho neutro, mas de promover a reflexão sobre os privilégios da branquitude e, quiçá, possa promover uma desalienação psíquica. Há que se preparar o futuro psicólogo e psicanalista para a escuta deste tipo de sofrimento, ao revisitar posições do sujeito nas cenas, nas relações de poder que estão em jogo. Há que se produzir intervenções analíticas com vistas a uma mudança subjetiva no sujeito que revê sua posição passiva na engrenagem perversa da sociedade capitalista e que reproduz o racismo estrutural (PROGRAMA TRAJETÓRIAS INTELECTUAIS BRASIL E ÁFRICA, 2021).

Kilomba (2021) propõe a construção de agendas antirracistas nas quais é preciso que cada um parta de uma afirmação e, na sequência, para um questionamento: “Eu sou racista e o que eu posso fazer para mudar as estruturas de poder que trabalham para a manutenção do racismo estrutural”? Como eu posso contribuir para a luta antirracista?

## Capítulo 5

### Decifra-me ou te vomito

“Vós, Florentinos, me chamastes Ciacco:  
Por ter da gula a intemperança amado,  
À chuva peno enregelado e fraco.

Mas sou nesta miséria acompanhado;  
Pois quantos aqui estão de igual castigo  
Punidos foram por igual pecado.”

Dante Alighieri

#### 6.1. Preâmbulo:

Chegamos, então, ao último capítulo que se refere ao quinto encontro nesse formato do Roda de Conversa Sobre Sonhos, exclusivo para a turma 14 do curso de psicologia, ocorrido em 24 de julho de 2020. A proposta de acolher os estudantes nesse período de aulas a distância estava sendo cumprida. Porém, seria ampliada: o convite a participar seria feito a toda a comunidade acadêmica do campus, o que foi classificado pelas organizadoras como a “segunda etapa”. Com essa mudança, os vínculos estabelecidos iriam sofrer modificações com a adição de novos membros, até então estranhos aos participantes. Esta mudança marca um fim neste formato do grupo e a sensação de conclusão ou finalização fica aparente no decorrer dessa reunião.

Já estávamos imersos há quatro meses em quarentena no Brasil. De alguma forma, os participantes já demonstravam uma certa sensação de adaptação frente ao isolamento. Os sonhos refletiam isso, não demonstravam mais um terror e um medo enorme por estar enfrentando um mal novo, sem precedentes. Agora, a pandemia surgia em segundo plano, junto com seus sentimentos principais como medo e tristeza. Problemas de como o mundo iria ressurgir da pandemia começaram aparecer nos sonhos, como veremos em breve.

O tema desse encontro tocou questões psicodinâmicas relacionadas aos grupos e ao desamparo. Como apresentado anteriormente, este é um trabalho que visa tanto a dimensão singular do tratamento dos sonhos, quanto às dimensões sociais e comuns da produção onírica. Nos sonhos narrados nesse encontro, houve referências à dimensão inconsciente dos sujeitos quando inseridos em coletivos. Freud (1921/2011) investigou a questão no famoso texto



Psicologia das Massas e Análise do Eu. Iremos nos utilizar deste estudo para discutir algumas questões que surgiram durante as análises dos sonhos e as associações produzidas no grupo.

## **6.2. Os Sonhos:**

### **6.2.1. Primeiro sonho: *Militares são os novos demônios a nos assombrar na pandemia***

*Eu vi um soldado, era um homem e jovem. Alguém, que provavelmente era de um governo, também de um exército e supostamente um aliado desse soldado, virava e falava: “abre a boca, eu vou tirar um pouquinho de sangue de sua língua para a gente fazer um determinado teste”. Só que não era um determinado teste, eles aplicavam veneno no soldado. E aí o soldado começava a se debater caído no chão, então, do nada, ele era eu.*

*Então, eu estava no sofá da minha casa, tinham algumas pessoas no sofá comigo, pessoas desconhecidas, eu acho que a única pessoa que eu conhecia era a minha irmã, e eu estava deitada com ela, mas ela sumia também depois. Eu estava passando muito mal, eu vomitava muito, estava “tipo assim” desfalecida. Parecia que meu corpo estava se desfazendo, era muito vívida a sensação de que eu estava morrendo. E então, como se uma força tipo sobrenatural me jogasse na TV, lembra até o filme exorcismo. E aí eu fui jogada na TV e não sabia o que estava acontecendo, mas sabia que quem tinha se jogado na TV era eu, e aí tinham dois homens e esses homens começaram a me xingar e atirar coisas em mim. Depois eu acordei extremamente assustada, morrendo de medo.*

### **6.2.2. Segundo sonho: *Excesso e escassez no capitalismo tardio***

*“No meu sonho eu estava num carro com pessoas que eu não conhecia, mas no sonho eles eram meus amigos, e eles eram mais velhos do que eu. A gente estava dirigindo pela cidade de Santos, mas estava tudo diferente, as ruas eram de pedra e não tinha nada asfaltado e nem prédios. Era totalmente diferente, nos canais as pontes eram de madeira, parecia que estava tudo destruído. Aí eles pararam no único prédio que tinha, ele lembrava um daqueles galpões que ficam próximo do porto, vários desses galpões estão vazios agora. Só tinham dois andares, então eles estacionavam ali, subiam uma escada que no topo tinha uma praça de alimentação. Era um contraste gigantesco com o resto da cidade. Era muito iluminado, não tinha nenhuma janela, então você não via o lado de fora, o teto era baixo e era uma praça de alimentação só com comida fast-food.*

*A primeira coisa que eu senti quando eu entrei, eu olhei e pensei “Meu deus, só tem gente branca aqui”. Foi a única coisa que eu lembro de pensar na hora. Eles iam almoçar e ir para outro lugar, e eu não tinha nenhum dinheiro para comprar nada e as pessoas ficavam perguntando “ah mas você não vai almoçar? Não vai comprar nada? Você vai ficar com fome”. Eu me senti enjoada o tempo inteiro porque eles pediam muita comida e era opulento, e muito excesso. A decoração era excessiva, a luz era excessiva, a comida era excessiva e tinha muito banner de marcas como Burger King e Mcdonalds, em neon, muito chamativo. Eu ficava enjoada, eu sentia a sensação do enjoo, eu achei que eu ia acordar e vomitar. Ficavam toda hora me oferecendo comida, dizendo: “eu pago para você, eu compro senão você vai ficar com fome, você não quer comer? Você não está com fome? Você está muito magra”. Eu falava: “não, não, não” e eu pensava “quem são essas pessoas, afinal, eu não conheço ninguém”.*

*Mas eu não podia ir embora porque eu precisava do carro como carona para poder ir embora, então eu tinha que ficar com eles e esperar eles terminarem de comer para eu ter uma carona de volta, pra onde eu não sei. Eu acordei com uma sensação forte de enjoo e me sentindo “como se tivessem me oferecido muito”.*

### **6.3. Discussão dos sonhos:**

Como nos encontros anteriores, o grupo começa tímido. Após as saudações iniciais, as organizadoras abrem para que os sonhantes apresentem seus sonhos. Uma das participantes, cujo pseudônimo adotado será Ariel, comenta ter tido um sonho, ou melhor, um pesadelo (como ela o descreve) há algumas noites que a fez despertar com um medo muito grande. Diz não se lembrar dos pormenores, mas tenta descrevê-los. Contudo, o que prometia ser apenas um fragmento, durante a narrativa, se revelou um sonho muito complexo e rico em detalhes.

Freud (1900/2019) comenta em “A Interpretação dos Sonhos” que o sonho é o guardião do sono, ou seja, tem como função garantir que o indivíduo não acorde. Pode ocorrer, porém, uma falha nesse processo - são os chamados “sonhos de angústia”, tidos como pesadelos pelo senso comum. Como comentamos anteriormente, Freud pontua que todo sonho é uma realização de um desejo infantil. Ou seja, algo do desejo do indivíduo se realiza por meio daquele sonho. Em muitos casos, os desejos sofrem uma censura por serem tomados como maus ou errados. Quando esse mecanismo de censura falha e o desejo proibido se torna aparente, o que seria prazer ao inconsciente se torna angústia para o Eu.

Cabe ressaltar que é em 1920 que Freud insere na discussão da Teoria dos Sonhos os chamados sonhos traumáticos dos soldados que voltavam das trincheiras da Primeira Guerra Mundial. A cena que se repete neste tipo de produção onírica é aquela acometida por um acontecimento que pegou o sujeito de surpresa e produziu excesso de angústia. Autores contemporâneos como Rudge (1999) e Birman (2020a) têm apontado para esta modalidade de sonho que visa elaborar os acontecimentos traumáticos e, como afirma, Gay (1999, p.113) a categoria dos sonhos traumáticos também se refere à realização de desejos, “na medida em que encarnam o desejo de dominar o trauma, elaborando-o”.

O grupo, mais uma vez, fez uma série de questões para Ariel, em uma tentativa de buscar as associações que ela fazia com os elementos do sonho, bem como diversas interpretações pessoais e sociais. Os participantes pareciam muito mais confiantes em fazer as perguntas, mostrando um grau maior de intimidade entre si, além de uma habituação ao método da associação livre - fundamental para a psicanálise - permitindo-se comentar coisas que poderiam soar como algo desconexo com o que vinha sendo discutido. Algumas dessas associações eram realizadas pela sonhante, outras diziam respeito à comunidade acadêmica a qual pertenciam e, em um outro nível, se referiam ao contexto social e político.

Além do medo que Ariel revela ter sentido ao acordar, outras sensações mais predominantes no sonho foram de nojo e enjoo. A presença destas sensações de repulsa criou o disparador para a segunda narrativa onírica, cuja sonhante aqui receberá o pseudônimo de Luana. Assim como vimos nos capítulos anteriores, o segundo relato continha uma grande conexão com o primeiro e com os assuntos gerais que surgiram nas discussões.

Não há muitas referências a respeito do nojo na obra de Freud, porém pesquisadores tentaram explorar essas questões seguindo algumas pistas deixadas pelo pai da psicanálise. Em um estudo feito recentemente, Alessandra Sallum (2020) pensa sobre as representações do nojo em tempos de pandemia. A autora situa primeiro a função do nojo enquanto um fundamento neurológico visando a preservação da vida - temos nojo daquilo que pode nos colocar em risco de alguma infecção, como comida estragada, excreções e secreções corporais, morte e putrefação, por exemplo. Um pequeno contato com tais substâncias pode levar o sujeito a um adoecimento por alguma contaminação ou intoxicação. Ao lembrar o caso do Homem dos Ratos, Freud (1909/2013), pontua sobre o nojo enquanto as fantasias repugnantes do paciente quando este se sente pressionado ou rejeitado de alguma forma. No decorrer do texto, a autora

conclui que o nojo pode, simbolicamente, assumir uma função de defesa do sujeito, tornado um objeto externo à própria mente como algo perigoso e nojento, algo sobre si mesmo.

No caso de Anna O. um dos sintomas é a hidrofobia que nasceu do nojo ao ver um animal doméstico tomando água em um copo. O nojo e a evitação de tomar água da paciente se referia ao recalçamento da cena erótica associada ao fenômeno, ela surpreendeu dois empregados da residência em contato sexual em um canto da casa, ao mesmo tempo em que anteviu o animal e o copo de água. Ou seja, o nojo também pode estar relacionado aos elementos sexuais recalçados (FREUD & BREUER, 1985/2016).

Nas análises a seguir veremos que o nojo e a sensação de estar em perigo, bem como frustrações a respeito de questões subjetivas acerca de si estarão presentes. Cabe assinalar, que segundo o dicionário, a palavra nojo remete à: “repulsa por algo desagradável; asco. Sensação de repulsa por algo abominável, vergonhoso; abominação” (DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2015).

Vamos conhecer agora quais foram as interpretações e associações construídas durante o encontro, pensando primeiro os aspectos singulares da sonhante, seguidos para as camadas social e prospectiva do tratamento do sonho. Tentaremos refletir sobre esse material e construir uma análise a partir do que foi discutido.

## **6.4. Primeira camada de tratamento do material onírico:**

### **6.4.1. Primeiro Sonho: *Militares são os novos demônios a nos assombrar na pandemia***

Vamos agora tratar das associações que se referem à singularidade da sonhante durante as discussões do grupo. A primeira impressão trazida por Ariel sobre seu “pesadelo” foi a profunda sensação de medo com a qual desperta, caracterizando assim um sonho de angústia. Ela apresenta uma imensa dificuldade em narrar o sonho e construir as possíveis interpretações. Uma vez amparada pelos colegas, começa uma rodada de perguntas que buscavam auxiliá-la nas associações.

A figura do soldado surge como primeiro elemento de análise. Ela o descreve como um rapaz jovem, provavelmente um recruta, com características asiáticas e semblante inocente e assinala que seu aspecto mais marcante é sua confiança em seu comandante - ele se submeteu cegamente ao teste, que depois se revelou ser um envenenamento. Nesse momento, o tom com

o qual a sonhante relatava a cena muda abruptamente, evidenciando sua frustração diante do acontecimento. Exclamava: “ele estava envenenando alguém do próprio grupo!”. Assim como Ariel, o soldado sonial também fica inconformado. Enquanto se debatia no chão, sofrendo os efeitos do envenenamento, clamava: “eu confiei em vocês”. A sonhante deixa muito claro o quanto esse momento do sonho foi significativo para ela.

Se, naquele primeiro momento, ela está em posição de espectadora dos acontecimentos, na próxima cena passa a ser a protagonista, agora na sala de sua casa. Porém, agora é ela quem está envenenada! Antes de prosseguirmos, vejamos as associações possíveis entre ela e o soldado. O Eu de Ariel está associado ao soldado, podendo representá-la em um momento anterior de seu desenvolvimento, quando ainda se via como alguém inocente, que confiava cegamente em seus próximos. A seguir, pularemos uma etapa para visitar um questionamento feito por um colega. Quando questionada sobre os itens vomitados e os indivíduos que organizavam aquela bagunça, a sonhante diz associar isso ao processo psicoterápico pelo qual vinha passando. Nessa descrição, ela revela sobre o seu tratamento, indicando que havia um certo ressentimento consigo mesma em seu passado. Fora vítima de um relacionamento abusivo, sendo traída e, ao lembrar, sentia-se muito inocente de ter aceitado tudo aquilo, revelando muita culpa. Ainda, descreveu tal relação como “tóxica”, termo que podemos aqui associar ao envenenamento, tal como foi o soldado traído. Com esses dados, podemos conjecturar que o soldado a representava quando mais nova. A cena do sofá é conectada com a anterior pelos seus efeitos. Ambos, soldado e Ariel, sofrem o envenenamento, no entanto, o primeiro sofre com as dores da traição, já a segunda sofre com as consequências físicas do ato.

A sonhante comenta que não sentia raiva ou medo naquele momento, apenas compaixão para com o soldado. Podemos pensar aqui numa tentativa de amparar seu Eu infantil, traído e desiludido, em uma satisfação de um desejo de ser sido cuidada naquele momento. Essa satisfação se apresenta em uma nova figura, então, da irmã, a qual a ampara em seu colo enquanto Ariel passa mal. A sonhante comenta que sua irmã, em uma situação como aquela, teria agido de uma forma bem diferente, muito mais afetuosa. Ali estava simplesmente amparando-a de uma forma mais distante. Os integrantes apontam que a figura da irmã, ali, podia representar sua terapeuta. A sonhante concorda. Mais uma vez o desejo de ser amparada em seu sofrimento. A traição pode representar um grande sofrimento psíquico, quando vemos obras como *A Divina Comédia* de Dante Alighieri (2008), em sua forma poética, descreve sua concepção de inferno e pecado, categorizando os pecados, coloca a traição contra o próximo,

contra a nação e contra Deus como sendo o pior dos pecados, alocado no giro mais profundo do inferno, sendo a casa do primeiro traidor, ao seu ver, o próprio Lúcifer, que trai a Deus. A traição exposta por Alighieri não diz respeito apenas a uma traição sexual, apresentada no segundo círculo: o da luxúria. Mas sim, a quebra de um acordo, de uma confiança entre duas partes. Podemos pensar nesses textos históricos como um indício da forma e peso da traição durante a época de sua escrita. O sétimo círculo também pode ser pensado, visto tratar do pecado da violência, em uma conexão com a relação abusiva relatada por Ariel. Como último detalhe nesse momento do sonho, podemos pensar que houve uma cisão entre o sofrimento físico e mental. O soldado sente os efeitos emocionais e psicológicos da traição, quando o Eu sonhante assume a figura de Ariel, ela sofre apenas os efeitos biológicos do veneno, sem os sofrimentos mentais do soldado.

Voltando agora, em detalhes, à cena do sofá, durante o mal-estar causado pelo veneno da traição, a sonhante vomita coisas inteiras. Descreve, meio confusa, que o vômito não era líquido ou gosmento, mas eram partes inteiras. A cena remete muito a desenhos animados nos quais os personagens vomitam partes inteiras, sem nenhuma marca de mastigação ou digestão. Ariel não se lembra de nenhum objeto em específico, salvo um: um lanche McLanche Feliz de brinquedo. Vemos, então, outro elemento que remete ao infantil de Ariel. Um alimento cujo público-alvo de consumo são as crianças, pois sempre vem acompanhado de algum brinquedo. Esses elementos estão condensados na mesma coisa, o lanche era o brinquedo. Podemos pensar que essa cena do sonho se refere a um processo de trazer à tona esses momentos do passado, nos quais ela se via infantil e inocente, sendo vomitados (ou seja, expelidos, expulsos). A preocupação da sonhante é de aquilo tudo estar causando uma grande sujeira, sendo confortada pela irmã, a qual diz que já estão organizando e limpando tudo. E aqui foi quando a figura da terapeuta de Ariel surgiu. A organização, por um terapeuta, das coisas que “vomitamos” é uma imagem comumente suscitada quando pensamos em comentários do senso comum sobre o que é fazer psicoterapia. No sonho, porém, não é a irmã (ou seja, a terapeuta) que organiza os itens, mas sim uma multidão.

Aqui entramos num ponto complicado do sonho. Enquanto Ariel está passando mal no sofá, há uma multidão de pessoas extremamente agressivas com ela, na qual não se encontra nenhum rosto conhecido. A sonhante conta que é jogada na direção de uma televisão, ou então se joga nesta, não ficando claro se ela se joga ou é jogada. Essa multidão - que deseja fazer mal a ela, ora apavorada, envenenada e agredida - pode ser vista como a sociedade em um aspecto

amplo. Podemos inferir que Ariel se sentia julgada pelos sofrimentos passados durante a traição. Ela, porém, também participa do ato violento contra si mesma, por isso não está claro se ela foi jogada ou se jogou, ou seja, até que ponto foi apenas uma violência dos demais ou se foi uma ação auto infligida. Podemos pensar também em uma realização de um desejo, quando ela se pune por ter sido tão ingênua, demonstrando mais uma vez a não aceitação perante o seu passado.

Ao descrever o processo psicoterápico, Ariel comenta ter sido muito difícil no início, pois as lembranças desse passado doloroso surgiam sem seu controle e causavam muita angústia nela. Ao começar a terapia, ela é convidada pela analista a se lembrar “ativamente” (sic) daquele momento, descrevendo-o em uma narrativa. A sonhante diz que essa mudança de paradigma ainda tem se mostrado difícil. Não mais deixar os pensamentos surgirem, mas voluntariamente buscá-los para rememorar sem se sentir culpada. Além disso, a questão do controle (ou perda dele) também aparece. Quando a sonhante se arremessa ou é arremessada na televisão, um de seus agressores joga um controle remoto nela. Há aqui uma clara referência a esse desejo - quase agressivo - de ter o controle sobre as memórias angustiantes. Há diversos elementos de Ariel em conflito.

Podem para Ariel descrever um pouco melhor o cenário onírico. Na primeira cena retrata o local como um galpão velho em meio a um campo verde, como uma base do exército abandonada, distante de qualquer cidade. Já a sala, no segundo momento do sonho, é retratada como idêntica a sua sala real, apenas muito mais obscura e sinistra. Tanto essa figura de obscuridade quanto o local distante e abandonado podem remeter ao inconsciente, mais especificamente a um espaço esquecido e intencionalmente deixado de lado. Podemos pensar no mecanismo de recalque, no qual as forças psicodinâmicas retiram lembranças do acesso consciente e as alocam em um local do inconsciente (FREUD, 1914/2010). Podemos pensar que esse cenário remete a algo como uma partição onde essas memórias estão alojadas, esquecidas, longe da luz e de qualquer manutenção.

Ainda sobre a psicoterapia, uma colega a questiona se a terapeuta faz indicações sobre como proceder ou se se mantém mais distante. Ariel responde que a terapeuta não faz recomendações sobre como agir e as formas de lidar com as situações que emergem durante a análise, mas são construídas em conjunto. A sonhante discorre, então, longamente sobre como não gosta da influência do outro na forma como age e alguns aspectos narcisistas começam a

emergir em sua fala: ela revela desejar “se virar sozinha”, sem depender do outro, ou sem a influência do outro. Novamente a raiva e culpa por ter sido frágil em seu passado.

Logo no início do relato, Ariel fala sobre o medo de ter acordado no meio da noite com esse sonho. O medo do escuro surge como tema de análise. Uma colega comenta sobre uma colocação de Freud em *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (FREUD, 1905, 2019), no qual o medo infantil do escuro é caracterizado como um medo do desamparo, ou seja, a ausência do cuidador. Por este ter sido um sonho que tocou especialmente a sensação de desamparo, faz muito sentido tal momento ter remetido a um medo infantil do escuro que fala sobre esta angústia da sonhante. O momento atual, marcado pelo medo de uma contaminação pelo novo Coronavírus, pode ter rememorado essas questões subjetivas de Ariel, reavivando esse sentimento negativo por ter sido frágil e desamparada no passado, bem como seu desejo por potência e autonomia no momento presente.

#### **6.4.2. Segundo Sonho: *Excesso e escassez no capitalismo tardio***

Luana lembra-se de seu sonho e o relata e estabelece conexões entre eles por meio da sensação de impotência e nojo. A sonhante comenta que o sonho ocorreu há alguns dias, sendo, então, bem recente.

O sonho começa com um cenário apocalíptico, tema este bastante comum nos sonhos anteriores. A discussão sobre o fim do mundo, ou uma grande tragédia, sempre habitou o imaginário da humanidade, marcando presença desde textos religiosos e até nos filmes lançados recentemente no cinema, como a produção cinematográfica intitulada “*Destruição Final - O Último Refúgio*” (RIC ROMAN WAUGH, 2020). Até então, a temática sempre estivera no campo da profecia ou da fantasia. Agora que estamos vivendo um momento verdadeiramente trágico da humanidade, esses temas se tornaram bem recorrentes nos sonhos. Nesse caso, porém, há um diferencial - Luana descreve o cenário como um local “onde tudo já passou”. A cena onírica remonta uma descrição de um mundo que sobrou após a passagem do “corona”, marcado por uma paisagem destruída e abandonada. A sonhante diz que não havia mais pandemia no sonho, apesar da tragicidade da cena, revelando a realização de um desejo: o fim dessa catástrofe.

Na cena onírica, Luana é passageira em um carro com pessoas, como em um passeio entre amigos, vagando por sua cidade natal, que agora jazia em ruínas. Nenhuma pessoa era



vista pelas ruas. Avistam, então, um único prédio, em meio àquela destruição toda, descrito no sonho como um galpão. Instigada a fazer associações a respeito do ambiente onírico, Luana comenta que o bairro onde ela viveu sua infância era o mesmo no qual o campus de sua faculdade está situado, marcado por grandes e velhos galpões, típicos de uma região portuária. Vemos aqui uma referência a um material infantil. O sonho se constrói sob essas memórias, associadas a uma possível rememoração por ter retornado a essas paisagens em decorrência do curso, bem como outros fatores traumáticos que veremos a seguir.

A cena agora ocorre dentro do galpão, que é descrito como uma imensa praça de alimentação de um shopping center. Em um contraste imenso do ambiente anterior, havia luzes ofuscantes, letreiros de propaganda em neon, grandes marcas conhecidas do *fastfood* e muitas pessoas. Todos se alimentavam de forma voluptuosa, excessiva e exagerada, oferecendo comida e pressionando a sonhante a comer. Ao pensarem sobre essa cena, alguns elementos do passado de Luana surgem. Ela era e ainda é magra, e quando criança recebia muitos comentários sobre sua aparência, seguidos de indicações como “você precisa comer mais, está tão magrinha”. Tais comentários marcaram-na, especialmente em sua autoimagem. Completa, ainda, que sempre se sentiu invadida por esses comentários e por tanta comida oferecida, revelando que a sensação de nojo era constante nesses momentos. Essa mesma sensação retorna quando ela acorda, sentindo ânsia de vômito.

Questionada sobre a possível influência do isolamento sobre esse sonho, Luana comenta que os efeitos têm sido negativos em seu corpo e subjetividade. Sem poder exercitar-se como antes, acabou perdendo peso. Podemos pensar em uma possível associação entre a frustração por estar emagrecendo com as lembranças infantis de forçarem-na a comer, pois se ela voltar a ficar magra, voltará a ver seus próximos julgando-a e empurrando mais comida em sua direção.

Não apenas a sensação de nojo conecta os dois sonhos, mas em especial a de desamparo. Os constantes comentários sobre sua magreza quando criança podem ter gerado essa sensação de não pertencimento, ou seja, de não ser aceita como ela era. Sentindo-se pequena e frágil, dependente do amor dos adultos para seus cuidados, a angústia do desamparo domina o sujeito. Com Ariel, tal desamparo tomou forma no medo do escuro, e vemos aqui algo semelhante. Estar dependente do carro que a levará de volta a algum lugar é outro elemento de fragilidade que surge na cena onírica de Luana, a qual se encontra num local com desconhecidos e dependente deles para poder voltar à segurança de sua casa.

Os colegas pedem para a sonhante tentar associar algo com as pessoas ali presentes na cena onírica. Luana afirma que no sonho se vê em meio a estranhos, aqueles sentados com ela à mesa não eram seus amigos ou familiares. Questiona-se, em sonho, sobre o que ela estaria fazendo ali com aquelas pessoas, cuja sensação é análoga a algo por ela sentido em vigília: com o distanciamento imposto pelo isolamento, teme que os vínculos não serão mais os mesmos quando toda a crise do coronavírus passar. Assim como em seu sonho, ela estará num mundo “onde tudo passou”, mas onde não conhece mais ninguém e não consegue mais encaixar-se nos grupos que antes pertencia. Mais uma vez, surge a sensação de desamparo e abandono.

Questionada sobre outros sonhos, Luana comenta que seus sonhos andam pendulares. Alguns dias eram bons, outros eram mais angustiantes. Nos mais agradáveis, vê-se de volta a um grupo de *ballet* e teatro. Revela que ali sentia-se amparada, aceita e amada. Vemos aqui um contraponto a esse sonho de angústia relatado para o grupo, uma vez que, neste caso, há uma satisfação de um desejo de ser aceita e amparada, assim como se sentia quando era participante deste grupo. Uma integrante pede a ela para relatar um pouco sobre como era uma das peças e no momento que começou a descrevê-la, sua conexão cai e a sonhante não consegue retornar para a reunião. Esse momento foi bem simbólico, visto que toca na quebra sentida por Luana, na qual o contato com essas pessoas foi rompido, privando-a da sensação de aceitação almejada, como demonstra este sonho.

## **6.5. Segunda camada do tratamento do material onírico:**

### **6.5.1. Primeiro Sonho: *Militares são os novos demônios a nos assombrar na pandemia***

Voltando ao primeiro sonho, passaremos agora para a segunda camada de tratamento do material onírico: quais foram os aspectos sociais que o determinaram e as impressões trazidas pelos integrantes do grupo.

A primeira, e mais clara, referência onírica foi a figura do soldado com o atual governo, muito marcado pelo discurso militarista e pelo seu passado como militar, Bolsonaro é lembrado pelos integrantes quando pensam sobre esse aspecto do sonho.

Freud (1921/2011) irá refletir sobre os grupos artificiais, como o exército e a igreja, ao discorrer sobre a psicologia das massas. De modo breve e simplificado, podemos tentar resumir esse denso trabalho da seguinte forma: o indivíduo quando está inserido em uma massa tem um desvanecimento do sentimento de responsabilidade e, por consequência, um emudecimento dos

aspectos singulares de seus comportamentos e tende a se confundir com os outros membros que se unem pela idealização de um líder. Além disso, ocorre uma hiper identificação entre os indivíduos e uma regressão a um aspecto primitivo do ser, bem como o esmorecimento dos interesses pessoais, substituídos pelos do coletivo. Freud pontua como tal estado permite um afloramento de comportamentos agressivos e bárbaros para com aqueles que estão de fora do grupo e de um sentimento de amor em direção aos membros que compõem o grupo e pelo líder, cuja figura atua como elemento aglutinador - no caso do exército, em especial, o amor à pátria e ao general. Voltando à referência do sonho de Ariel, vemos o soldado em um estado de enamoramento pela pátria e pelo seu superior.

A sonhante comenta que o soldado parecia estar muito empolgado em servir à pátria por meio do exército. Os integrantes associam a figura do soldado dedicado aos defensores do atual governo, chamados pejorativamente de “bolsominion”, em uma brincadeira com as palavras Bolsonaro e Minion, este último sendo um termo em inglês que se tornou famoso pelo filme Meu Malvado Favorito (PIERRE COFFIN & CHRIS RENAUD, 2010), o qual designava os seguidores do protagonista (e também um vilão). Eles eram caracterizados por um amor cego ao seu “malvado favorito”, total dedicação e um coletivismo primitivo. Essa brincadeira com as duas palavras condiz muito com a forma como os opositores do governo reconhecem os seguidores de Bolsonaro, e ainda podemos ver uma boa analogia com os textos de Freud. Os integrantes comentam sobre como escolher e seguir um líder de forma cega é uma forma de “tamponar”, ou seja, usá-lo como uma obstar o contato com a angústia social que surge, em especial, em tempos tão difíceis como o atual, tanto em termos políticos como em saúde pública. Pensando ainda sobre os líderes e a diferença entre autoridade e autoritarismo, evidencia-se como podemos ver que tal governo não representa uma autoridade em si, mas sim trata-se de um processo no qual o poder é exercido de forma forçada e imposta. Comentam ainda sobre como o atual período pandêmico impede atos de luta contra tais posturas autoritárias do governo, reforçando ainda mais essa sensação de desamparo.

Uma integrante, pensando ainda sobre os “Bolsominions”, associa o termo ao elemento do envenenamento do soldado no sonho. Observa que se usa essa expressão de maneira jocosa e pejorativa, muitas vezes dando risadas, mas, como estamos em uma comunidade, os atos cometidos por esses grupos refletem em todos, mesmo não participando diretamente. Lembram, então, que o soldado que confia cegamente no teste que o comandante irá fazer, e acaba envenenado, pode ser associado à confiança cega que os seguidores de Bolsonaro têm a respeito

de formas não comprovadas de tratamento para a doença causada pelo novo coronavírus. Bolsonaro afirmou (GUERRA, 2021), mesmo sem nenhuma comprovação científica, que a substância hidroxicloroquina poderia ser útil no tratamento contra esse novo mal. As pesquisas científicas, até o momento, indicam que tal medicamento, usado comumente para doenças como lúpus e malária, não possui nenhum efeito para os males gerados pelo efeito do vírus Covid-19 (CORACCINI, 2021). Muitas pessoas podem, assim como o soldado no sonho, estarem sendo envenenadas por uma cega confiança em seu líder. Há casos relatados onde o “kit covid” (composto por hidroxicloroquina, azitromicina, ivermectina e anticoagulantes) provocou hepatite medicamentosa e até mesmo a morte (IG NOTÍCIAS, 2021).

Ao rememorar as características físicas do soldado, descritas pela sonhante como semelhantes às etnias asiáticas, os integrantes pensam sobre a xenofobia atual, especialmente contra os chineses, pelo fato de o vírus ter surgido neste país. A massa, em especial no início da pandemia, acusava os chineses de terem criado em laboratório o novo coronavírus, como uma forma de ataque biológico contra o ocidente (GULLINO, 2021). Anterior a isso, vimos diversas manifestações tomando os noticiários ocidentais, sobre as manifestações em Hong Kong contra os ditames do atual líder da China. Fomentando ainda mais comentários a respeito dessas etnias.

O teste efetuado no soldado foi também associado à vacina em desenvolvimento para impedir a progressão da pandemia. Não se sabia na época em que o grupo ocorria, mas avançando no tempo para a época quando esse capítulo foi escrito, a vacina se tornou um motivo de contenda para os apoiadores do presidente Bolsonaro. Uma das principais vacinas foi desenvolvida pelos chineses, a CoronaVac, sendo produzida pelo instituto Butantan no Brasil. Em decorrência de disputas políticas e ideológicas associadas à xenofobia contra os chineses, Bolsonaro faz afirmações absurdas, dizendo dos riscos à saúde que a vacina pode causar, sendo que, até então, todos os testes científicos afirmavam a segurança do imunizante (O GLOBO, 2021).

#### **6.5.2. Segundo Sonho: *Excesso e escassez no capitalismo tardio***

O sonho de Luana também revela diversas questões sociais que são prontamente percebidas pelo grupo. A primeira e mais evidente é o grande contraste entre as cenas. O sonho começa com um cenário desolado e depois passa um local exuberante, marcado pela luxúria das propagandas e excesso de comida.

Luana, ainda em sonho, percebe essa discrepância, inicialmente pela falta de janelas naquele galpão. O grupo associa isso à incapacidade de as pessoas ali presentes verem o que acontecia do lado de fora, em um primeiro momento por conta do excesso de estímulos dentro do galpão que os mantinha constantemente excitados pelos sentidos e, em um segundo momento, pela impossibilidade de olhar para fora. Surge a reflexão a respeito dos grupos com acesso a tais ambientes não são convidados a pensar sobre o que há fora desse universo, como se estivessem presos em uma redoma. Podemos fazer uma ponte com as bolhas de conteúdo que muitas comunidades, especialmente as online, vivem. Pesquisas indicam que os algoritmos das grandes redes sociais irão selecionar conteúdos que já fazem parte dos assuntos comumente consumidos pelo usuário (SASTRE, 2018), ou seja, em vez de ter acesso a alteridade, acabam apenas vendo comentários e notícias reforçadores da sua visão de mundo. Tal cegueira impede muitos indivíduos de serem convidados ao pensamento crítico sobre suas realidades e todos os pressupostos que acredita.

O cenário apocalíptico, pobre e abandonado, seguido por um rico e com multidões, também é visto pelo grupo como um dos efeitos colaterais, não biológicos, do novo coronavírus. As diferenças sociais, que já eram grandes, estão se intensificando ainda mais (GLOBO, 2021). Luana, ainda em sonho, repara como aquele ambiente de excessos está povoado apenas por brancos - já tivemos a oportunidade de discutir no capítulo anterior sobre como a pandemia tem afetado em especial os negros e revela a nossa maior mazela brasileira: o racismo estrutural. Nesse ponto do sonho, os integrantes reafirmam o fato de que os brancos estão em uma posição privilegiada para enfrentar essa crise sanitária.

Os integrantes, pensando ainda sobre a multidão de brancos dentro do galpão, pontuam sobre as aglomerações que se têm formado clandestinamente. Muitos ignoram as recomendações sanitárias e ainda realizam diversos eventos, reunindo grandes quantidades de pessoas, com o intuito de festejar (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2021). O grupo associa esse aspecto do sonho com a cegueira voluntária desses indivíduos, os quais escolhem ignorar os dados e as notícias para poderem continuar a consumir e usufruir das benesses do capitalismo em detrimento da população que vive em situação de vulnerabilidade social.

Refletindo um pouco sobre o consumo, podemos ver que o excesso no sonho não é mostrado apenas na quantidade abundante de comida ingerida pelas pessoas. Algo que

incomodou muito a sonhante foi também o excesso de iluminação e propagandas. Podemos associar isso à poluição visual causada pelas propagandas, com uma hiper estimulação de todos os desejos, por todas as vias e não apenas nos locais públicos, mas também nos meios digitais. Acessar qualquer *website* sem ter sua tela do computador, ou celular, dividida entre a informação desejada e algum convite para o consumo é virtualmente impossível. Isso pode levar o indivíduo a um constante estado de desejo e excitação, que visa o consumo para a geração de lucro a outrem.

Refletindo ainda sobre o nojo e o excesso de comida, um dos integrantes cita o filme “O Poço” (2020). No longa, um profundo poço é construído como uma forma de prisão vertical, com ao menos 333 andares, em cada qual duas pessoas são colocadas. Há um grande buraco no meio da cela, por onde desce uma plataforma com comida, contendo o prato favorito, feito com esmero pelos cozinheiros, de cada preso. A plataforma inicia no topo da prisão, correspondendo ao primeiro andar, permanece nele alguns minutos antes de descer para o nível seguinte, e assim sucessivamente até chegar na base. É um filme que fala sobre comida, classes e excessos. Há comida suficiente para todos, mas como aqueles dos andares superiores comem além da conta, o que chega está destruído e sua aparência é nojenta para aqueles situados mais abaixo, isso quando chega. O filme traz claras inspirações na supracitada obra de Alighieri, A Divina Comédia (2003). O participante comenta que esse sonho lembrou sobre esse aspecto do filme, quando grupos em posições privilegiadas abusam da fartura e há escassez para aqueles que ocupam posições inferiores na hierarquia social.

O espaço geográfico onde se situa a universidade pode ter tido um papel fundamental no surgimento de diversos elementos nesse sonho, porque nele há muito desse contraste social que antes podia passar despercebido. “Antes eu estava em um local confortável, agora não mais”, comenta Luana sobre sua posição no mundo e o bairro mais aburguesado que mora em relação a precariedade de algumas ruas que circundam o campus Silva Jardim. Ela é branca e estava em um local cheio de brancos, mas ela não se reconhece mais ali pois, devido à experiência na universidade, seus valores sofreram uma modificação e agora ela não conseguia mais se enxergar como parte daquele lugar homogêneo diante da diversidade do seu novo grupo de amigos universitários. Esse é um dos papéis sociais da instrução, especialmente em um curso como o de psicologia, tirando o sujeito desses locais pré-estabelecidos ao colocá-lo em uma posição de análise de si mesmo e das suas realidades, não mais naturalizando ou vivendo em câmaras de eco ou bolhas sociais.

Os integrantes perceberam que essa narrativa onírica tocava outras discussões ocorridas em encontros anteriores. Além daquela sobre o racismo, discutida no capítulo quatro, uma integrante lembrou do sonho “da Barbie”, visto no capítulo dois. Lembraram das imposições que são feitas sobre o corpo feminino. É cobrado delas um padrão estético e a culpa e vergonha aparecem nessas mulheres. Luana, por ter um padrão corporal mais magro, é cobrada de comer ao ponto de se sentir enjoada com essa pressão. Durante a reunião, os participantes comentaram também sobre transtornos como bulimia e anorexia que podem nascer dessas pressões sociais direcionadas aos padrões estéticos de beleza direcionado, principalmente, às mulheres.

## **6.6. Terceira camada do tratamento do material onírico:**

Nosso último encontro da Roda de Conversa Sobre Sonhos foi marcado pelos temas de desamparo, medo, agressões e abusos, o que nos leva a refletir sobre a nossa posição em meio a massa. Teríamos nos transformado apenas em um grupo sem identidade, seguindo cegamente um líder que nos promete a satisfação das nossas angústias por uma potência que ele mesmo não tem? Por apenas assumir abertamente aquilo que admiramos secretamente, mas reprimimos em nosso interior?

Em outro aspecto, somos constantemente convidados a um consumismo sem medida, sem pensar no próximo, na natureza e nem sequer em nós mesmos. Somos aquilo que consumimos, afinal? Krenak tece uma reflexão provocativa a esse consumismo, dizendo que “em vez de imaginar mundos, a gente os consome” (KRENAK, 2020). O autor conclui, ironicamente, que após devorar a terra, vamos consumir a Lua, Marte e todos os demais planetas.

Os momentos finais desse último encontro foram especialmente marcantes. O projeto não seria abandonado, iria sofrer apenas uma transformação. Contudo, não diz o ditado popular que a morte é apenas uma transformação? A sensação era de finalização, pois o grupo naquele formato não iria mais existir. Agora o projeto estava tomando um novo rumo para se tornar a “Roda de Conversa sobre Sonhos”, e os membros não seriam apenas os integrantes daquela turma, mas sim o convite para participação seria direcionado para a comunidade acadêmica. E adiante, num terceiro momento, seria aberto a todos que sentissem interesse em participar. Alguns iriam continuar participando, outros iriam partir e tantos outros novos iriam surgir, com suas subjetividades, sonhos e análises. Aquele grupo iria se encerrar para nascer um grupo heterogêneo, porém maior.

Os integrantes comentaram como aquele momento foi importante até então. Era um grupo de acolhimento e partilha. O processo de graduação em psicologia já era, em si mesmo, um desafio que causava diversas angústias em seus estudantes. Por ser uma universidade federal, muitos abandonam suas cidades natais, seus familiares e amigos, em busca de realizar o sonho do ensino superior. Tantos ali passavam por um estresse sem precedentes em suas vidas. E então chega a pandemia. Neste capítulo, em especial, vimos como o desamparo atingiu a tantos ali. Aquele grupo oferecia um momento de cuidado mútuo. Um espaço de escuta atenciosa com o objetivo de tornar aquelas pessoas um pouco menos solitárias nas suas angústias, no qual experiências eram compartilhadas e, ainda, era possível discutir sobre a sociedade onde estavam inseridas. Que muitos daqueles sonhos e pesadelos tinham significado, falavam do passado e, até mesmo, do futuro. Não dizemos um futuro num sentido premonitório, mas na construção de um sonho de um futuro melhor.

Em uma das falas de encerramento, uma integrante conta sobre como foi ter participado do grupo, comentando que o sonho agora conversa com ela, a ensina a ver sobre si mesma e a ensina a viver. Tal fala nos lembra muito a perspectiva indicada por Krenak, pois na sua tribo, os sonhos são consultados como apoio para que o grupo se oriente para o futuro (KRENAK, 2019) no sentido de agir para proteger toda a comunidade. Escutar os sonhos nos leva a voltar nossos olhos para dentro, como comenta uma outra integrante. Diz ela que os sonhos falam sobre saber se fazer valer, sobre fazer algo de novo para si e para os demais. É estar presente na própria vida.

Analisar os sonhos nos ajudou a acordar de um sonambulismo, no qual agíamos inconscientes sobre nós mesmos e nossa sociedade. Ao olhar para nossas criações oníricas, pudemos despertar e perceber os contrastes da vida. Dia e noite, sonho e realidade, projeto e ação.

## **7. Considerações Finais:**

“A vida não é para ser útil. Isso é uma besteira. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade para ela. A vida é fruição. A vida é uma dança. Só que ela é uma dança cósmica e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária, a uma biografia: alguém nasceu, fez isso, fez aquilo, fundou uma cidade, inventou o fordismo, fez a revolução, fez um foguete, foi para o espaço... Tudo isso, gente, é uma historinha tão ridícula! A vida é mais do que tudo isso. [...] Nós temos de ter coragem de ser radicalmente vivos. E não negociar sobrevivência.” (Ailton Krenak)

É inegável o marco histórico que a obra “A interpretação dos Sonhos” teve para a construção e desenvolvimento da psicanálise. Os sonhos sempre intrigaram a humanidade, nos



visitando a cada final de dia, no conforto das nossas casas, levantando a cortina de mundos ricos de narrativas oníricas. Desde sua publicação em 1900, os sonhos ganharam um espaço importante no estudo da psique humana, dentro dos moldes da psicanálise. Assim, neste Trabalho de Conclusão de Curso, as narrativas oníricas retomaram a proposta psicanalítica do sonho como realização de desejo, como elaboração de acontecimentos traumáticos e como o guardião de nosso sono em um momento da história da humanidade em que quase é impossível dormir diante da pandemia que incita o enfrentamento da angústia frente à nossa finitude e diante das 511 mil mortes de nossos contemporâneos (no dia 26 de junho de 2021).

A experiência que A Roda de Conversa Sobre Sonhos promoveu, foi de uma especial importância para pensarmos sobre as juventudes inseridas em uma universidade, em meio a um projeto de construção profissional, atravessados por uma das maiores tragédias sanitárias, uma pandemia, e, especificamente no caso do Brasil, por um governo de extrema direita que não agiu de acordo com as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), isentando-se de ações necessárias para proteger a vida da população brasileira. O grupo precisou lidar com os desafios de uma pandemia e de um pandemônio.

A proposta de analisar os sonhos utilizando o modelo proposto por Freud, já seria um grande desafio. Tanto que localizamos no sonho temáticas tais quais o terror da morte; as violências e humilhações sofridas pelas mulheres; o racismo estrutural; a militarização e flerte com a ditadura dos governantes no Brasil; um mundo apocalíptico e distópico; o sujeito diante de um sem futuro por vir. Porém, além da análise dos aspectos singulares, também estabelecemos diálogo com as contribuições da jornalista Charlotte Beradt (2017) e localizamos os possíveis atravessamentos sociais e políticos no material onírico, além daqueles elementos que eram comuns entre sonhantes e os participantes da roda, que puderam estabelecer livres associações em um espaço de liberdade e confiança construído nos encontros. O que permitiu criar um registro histórico onírico desse grupo, algo como Beradt fez no período de ascensão do nazismo. No caso, indo além do que foi produzido pela jornalista porque conseguimos inserir as associações dos sonhantes e dos participantes da roda no processo de retratar o nosso período histórico por intermédio da produção onírica de universitários de uma universidade federal no Brasil. Tivemos a oportunidade de construir, a partir de um grupo de pessoas, um mapa de alguns elementos que atravessam a nossa sociedade, tais quais: questões atuais e pontuais, como o enfrentamento do isolamento social, medo da morte pela infecção do novo coronavírus e ingerência dos nossos governantes. Atravessaram também questões sociais que estão cravadas

no Brasil há muito tempo de forma profunda, como o racismo estrutural e a violência sofrida pelas mulheres.

Há que se ressaltar a terceira camada de tratamento dos sonhos e que se refere ao desafio de localizar elementos que nos ajudassem a refletir sobre o que na produção onírica apontava para reflexões sobre nosso futuro, foi algo que tornou o projeto bem mais completo e de difícil produção. A proposta da psicanálise, do grupo de partilha dos sonhos e deste livro, é exatamente a de sonhar com um ser humano politicamente atento e, principalmente, crítico quanto a si mesmo e aos desejos consumistas impostos pelos discursos sociais que o atravessam. Quanto às notícias veiculadas e aos anúncios antes de cada conteúdo consumido, a que força servem? A psicanálise nos mostra a força que um discurso pode produzir na subjetividade.

Os nossos sonhos e os de nossos colegas mostram diversas dessas linhas de força que trafegam livremente em nossa sociedade. Podemos imaginar algo como um vírus tão perigoso quanto o novo coronavírus, mas não um vírus biológico, e sim linguístico e simbólico. Infelizmente, ainda não percebemos que ele se alastra entre nós sem nem a necessidade de termos contato físico um com o outro, visto ter como vetor a palavra dita, escrita e inúmeros símbolos espalhados em *outdoors*. Ainda não temos, também, um protocolo de como nos protegermos dele. Álcool em gel e máscaras não podem contê-lo. Por hora, uma das poucas soluções que temos é a formação crítica de estudantes que podem inspirar resistências contra esses discursos pautados na racionalidade do consumo de mercadorias, desnaturalizando essas forças que atravessam toda nossa sociedade e que produzem efeitos nefastos para o meio ambiente e a situação climática do planeta terra.

Cada encontro (que deu origem aos cinco capítulos deste Trabalho de Conclusão de Curso), permitiu um compartilhamento de angústias que os sonhos traziam à tona. Diferente de um grupo de estudos, onde os temas são propostos anteriormente, o mediador do grupo e fomentador de temas na roda eram os sonhos dos integrantes que disparavam a discussão. Além disso, tivemos a possibilidade de refletir sobre as diversas manifestações culturais, como obras literárias, trabalhos científicos e filmes, aproximando arte e sonho em seus modos de produzir subjetividade.

Olhar para os sonhos e as associações dos integrantes da roda de modo a refletirmos sobre o que podemos construir como futuro foi algo novo e diferente. Ampliar a pura interpretação psicanalítica e social, para entrarmos em um mundo de possibilidades, utilizando

o termo “sonho” não mais no seu sentido onírico, mas em sua riqueza de possibilidades, ou seja, o sonho-projeto, inspirados por autores como Ailton Krenak, foi de uma especial riqueza. Não olhar o sonho apenas como um reflexo do passado ou de processos inconscientes, mas como memória de futuro (BION apud AB´SÁBER, 2005), como um chamado para mudança e realização em um tempo porvir.

Os sonhos nos chamam a atenção quase toda a noite quando caímos no sono. Ignorá-los é deixar de olhar para elementos importantíssimos da subjetividade do ser humano e também da sociedade como um todo, o que pode não favorecer a reflexão sobre eles e a construção de projetos para nossos futuros. A construção de trabalhos que voltam o olhar para o sonho, em sua multiplicidade de formas de análise, é de grande relevância para promover cuidado em saúde. Um dos elementos comuns de todos os grupos analisados, foi em seu encerramento, sempre marcado por agradecimentos e comentários sobre como aquele momento foi fundamental para que cada participante se sentisse acolhido e amparado diante de tamanha angústia produzida pelo acontecimento traumático de uma pandemia. Para além de uma conexão por serem da mesma turma, ali vimos uma conexão gerada pela proposta de ouvir os sonhos e refletir sobre eles.

Esse trabalho trouxe alguns elementos sobre a crítica à nossa sociedade, mas seu escopo é limitado, visto ser apenas sobre este grupo de universitários em questão, em apenas cinco encontros. Para desvendarmos ainda mais sobre o que os sonhos falam da nossa sociedade e subjetividade, muito mais deve ser pesquisado.

O sofrimento vivenciado por estes estudantes mostra a necessidade de a universidade refletir sobre seu papel no cuidado de seus discentes. Para além da construção de conhecimento e de fomentar uma formação profissional mais sensível aos desafios de seu tempo, como um campus voltado à saúde pública, é necessário analisar onde as diretrizes e as cobranças de uma produção científica de excelência causam sofrimentos e como promover saúde na e com a comunidade acadêmica. Grupos de acolhimento, como foi “A Roda de Conversa Sobre Sonhos”, com encontros de troca e partilha de experiências oníricas, se mostram como uma ótima ferramenta de cuidado e de escuta. Cabe ressaltar a aposta na formação profissional que articula produção de conhecimentos e experiências; cuidado, acolhimento no processo ensino/aprendizagem.

Os sonhos não cessam, portanto, não podemos deixar de pensar sobre eles e escutá-los, com o intuito de produzir conhecimentos, acolher a angústia que ele torna visível e construir um futuro inspirado por esses mundos oníricos e não mais marcados pelo consumismo sem medida, pelo desrespeito à dignidade humana e pela devastação da natureza. Cabe assim, um convite a você que nos lê para dançar a dança cósmica que nos dá coragem para sermos radicalmente vivos sem negociarmos sobrevivência.

## 8. Referências Bibliográficas:

AB´SÁBER, T. (2018) **Michel Temer e o Fascismo Comum**. São Paulo: Hedra, 2020

AB´SÁBER, T. **No Brasil, diante da ruína iminente, vamos sambar'**. Uol, São Paulo, 07 de setembro de 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/07/no-brasil-diante-da-ruina-iminente-vamos-sambar-diz-ales-absaber.htm> Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

AB´SÁBER, T. **O sonhar restaurado, formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud**. São Paulo: Editora 34; 2005.

AB´SÁBER, T. **“O governo convida as pessoas para a insensibilidade”, diz psicanalista Tales Ab’Sáber**. GZH, 07 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2021/01/o-governo-convida-as-pessoas-para-a-insensibilidade-diz-psicanalista-ales-absaber-ckjndbb6e0033019whzlv9zpg.html>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. São Paulo: Atena Editora. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. 2003.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro : Pólen, 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2014). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 (5a ed.)**. Porto Alegre, RS: Artmed

ARAUJO, Gabriel Araujo. **Brasil tem mais de 2 mil mortes por Covid-19 em um dia pela primeira vez; total supera 270 mil**. Uol Notícias. São Paulo, 10 de março de 2021. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2021/03/10/brasil-tem-mais-de-2-mil-mortes-por-covid-19-em-um-dia-pela-primeira-vez-total-supera-270-mil.htm>>. Acesso em 18 de abril de 2021.

BERADT, C. **Sonhos no Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler**. São Paulo: Três Estrelas; 2017.

BIRMAN, Joel. **Do sonho ao pesadelo. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020a.

BIRMAN, Joel. **O trauma na pandemia do coronavírus**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, J. **De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?**. El País, 10 de julho de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021

**COMITE de Blitz** fecha duas festas clandestinas com mais de 700 pessoas na capital. Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, 30 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/comite-de-blitze-fecha-duas-festas-clandestinas-com-mais-de-700-pessoas-na-capital/>>. Acesso em: 31 de maio de 2021.

CONRADO, Hysa. **Após 1 ano de pandemia, síndrome de burnout cresce ainda mais**. R7 Notícias, São Paulo, 22 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/saude/apos-1-ano-de-pandemia-sindrome-de-burnout-cresce-ainda-mais-28022021>>. Acesso em 18 de abril de 2021.

CORACCINI, Raphael. **OMS: Hidroxicloroquina não funciona contra Covid-19 e pode causar efeito adverso**. CNN Brasil, São Paulo, 02 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/02/oms-cloroquina-nao-funciona-contr-a-covid-19-e-pode-causar-efeitos-adversos>>. Acesso em 31 de maio de 2021.

**THE WALKING DEAD**. Direção: Frank Darabont. Estados Unidos: AMC Studios, Circle of Confusion, Skybound Entertainment, Valhalla Entertainment, Idiot Box Productions, 2010. Disponível em: Netflix. Acesso em: 4 abr. 2021.

DEBORD, G. (1997). **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 102, 85-102.

**DESTRUIÇÃO Final: O Último Refúgio**. Direção de Ric Roman Waugh. Estados Unidos: Thunder Road; Anton; G-Base, 2020.

**DICIONÁRIO Escolar da Língua Portuguesa**. 1 ed. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2015

DUNKER, Christian. **A sociedade melancólica | Christian Dunker | Falando nIsso 247**. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KuhMoXJQnAA>>. Acesso em 11 de abril de 2021.

**ENSAIO Sobre a Cegueira**, Direção: Fernando Meirelles. Produção de Niv Fichman. Estados Unidos: 20th Century Fox. 2008.

**ESQUADRÃO Suicida**. David Ayer. Estados Unidos: DC Entertainment, RatPac Entertainment, Atlas Entertainment, Cruel and Unusual Films. 2016

EXAME. **Economia não pode parar por coronavírus, diz Bolsonaro a empresários**. Revista Exame, Brasil. 20 de maio de 2020. Disponível em <<https://exame.com/economia/economia-nao-pode-parar-por-coronavirus-diz-bolsonaro-a-empresarios/>>. Acesso em 11 de Abril de 2021.

FERRIANI, Adriano. **A preferência da mulher no Programa Minha Casa, Minha Vida**. Migalhas, 11 de abril de 2012. Disponível em: <  
<https://www.migalhas.com.br/coluna/civilizalhas/153415/a-preferencia-da-mulher-no-programa-minha-casa--minha-vida>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

FREUD, S. (1900). **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

FREUD, S. (1917). **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FREUD, S. (2016). **Além do princípio do prazer (P. C. de Souza, Trad., Vol. 2)**. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1895)

FREUD, S. (2010a). **Além do princípio do prazer (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-240)**. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

FREUD, S. (2010b). **Recordar, repetir e elaborar**. In: SOUZA, P. C. de (org.). Obras completas, v. 10 (pp. 193-210). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. (2011b). **Luto e melancolia**. In: SOUZA, P. C. de (org.). Obras completas, v. 12. (pp. 170-94). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).

FREUD, S. (2019b). **O Infamiliar**. Tradução Ernani Chaves; Pedro Heliodoro Tavares [O Homem da Areia; Tradução Romero Freitas] - 1 edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019 (Obras Incompletas de Sigmund Freud, 2019). (Trabalho original publicado em 1919).

FREUD, S. **A dissolução do complexo de Édipo (1924)**. In: O Eu E O ID, 'Autobiografia' e outros textos. Obras completas. volume 16. [1923-1925]. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

FREUD, S. **A repressão**. In: Obras Completas - volume 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. pp. 61-112

FREUD, S. **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos [1925]**. In O Eu E O ID, 'Autobiografia' e outros textos. Obras completas. volume 16. [1923-1925]. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("O Homem dos Ratos", 1909)**. In: FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O Homem dos Ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). São Paulo: Cia. das Letras, 2013. p. 13-112. Vol. 9. (Obras Completas). Tradução de Paulo César de Souza.

FREUD, S. **Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921)**. In: FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923). São Paulo: Cia. das Letras, 2011. p. 13-113. Vol. 15. (Obras Completas). Tradução de Paulo César de Souza.

FREUD, S. **Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (1905)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019. Vol. 6. (Obras Completas). Tradução de Paulo César de Souza.

GAY, Peter. **Freud: Uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

GLOBO. **Com 4.190 mortes por Covid em 24 horas, Brasil tem segundo pior dia na pandemia**. G1, 08 de abril de 2021. Disponível em

<<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/08/com-4190-mortes-por-covid-19-em-24-horas-brasil-tem-segundo-pior-dia-na-pandemia.ghtml>>. Acesso em 11 de abril de 2021.

GLOBO. **Criança de 5 anos morre após cair do 9º andar de prédio no Centro do Recife**.

G1 PE, Pernambuco, 02 de junho de 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/02/crianca-de-5-anos-morre-apos-cair-do-9o-andar-de-predio-no-centro-do-recife.ghtml>>. Acesso em 18 de abril de 2021.

GLOBO. **Pandemia agrava problema crônico do Brasil: a desigualdade econômica**. G1.

São Paulo 09 de fevereiro de 2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/02/09/pandemia-agrava-problema-cronico-do-brasil-a-desigualdade-economica.ghtml>>. Acesso em 14/06/2021.

GLOBO. **Pela 1ª vez, Brasil soma mais de mil mortes ao balanço diário e agora tem 17.971 vítimas da Covid-19**. G1, São Paulo, 19 de maio de 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/19/brasil-tem-17917-mortes-causadas-pelo-novo-coronavirus-diz-ministerio.ghtml>>. Acesso em: 13 de junho de 2021.

**GUERRA Mundial Z**. Direção: Marc Forster. Estados Unidos: Plan B Entertainment, Paramount Pictures, Skydance Productions, Hemisphere Midia Capital, UTV Motion Pictures. Initial Entertainment Group, 2012. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=NQMFA60KJjQ>. Acesso em: 4 de abril 2021.

GUERRA, Rayanderson. **Bolsonaro defendeu uso de cloroquina em 23 discursos oficiais; leia as frases**. O Globo, São Paulo, 20 de maio de 2021. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384>>. Acesso em 31 de maio de 2021.

GULLINO, Daniel. **Bolsonaro insinua que China pode ter criado coronavírus como parte de 'guerra química'**. O Globo, São Paulo. 05 de maio de 2021. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-insinua-que-china-pode-ter-criado-coronavirus-como-parte-de-guerra-quimica-2-25004073>>. Acesso em 31 de maio de 2021.

**HARLEY Quinn**. Dean Lorey, Justin Halpern, Patrick Schumacker, Kaley Cuoco, Sam Register. Estados Unidos: DC Entertainment; Warner Bros. Animation, 2019.

HORKHEIMER, Max. & Adorno, Theodor. **A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas**. In *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, (1985).

IMBRIZI, J. M. & Domingues, A. (2021). **Narrativas oníricas e a partilha de experiências (extra)ordinárias**. Interface, Comunicação, Saúde e Sociedade. Disponível em

<<https://www.scielo.br/j/icse/a/StzCvkrkCrGtgShLLyvHXGG>>. Acesso em 15 de julho de 2021

IMBRIZI, J. M. (2020). **Arte e sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes**. Projeto de Extensão Universitária Unifesp – Baixada Santista, Santos, SP, Brasil, aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unifesp (PROEX) em jun. 2020, cadastrado com Código PROEX: 17774 em <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/siex-frame>.

JUNG, Carl G.. **O Homem e seus Símbolos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 311

KÄES, René. **A Polifonia do Sonho**. Aparecida/SP: Ideias e Letras, 2004.

KILOMBA, Grada. **A Máscara**. Cadernos de Literatura em Tradução, [S. l.], n. 16, p. 171-180, 2016. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i16p171-180. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286>. Acesso em: 18 abr. 2021.

KRENAK, Ailton e RIBEIRO, Sidarta. **Sonhos para adiar o fim do mundo**. Live em 24 de maio de 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>

KRENAK, Ailton. **Do sonho e da Terra In: Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019. p.25

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo; Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Máquina de Fazer Coisas In: A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 36

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LATOURE, BRUNO. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. Quais as atividades agora suspensas que você gostaria de que não fossem retomadas?**. Laboratório De Sensibilidades, Santos, 29 de março de 2020. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2020/03/31/bruno-latour-imaginar-gestos-que-barrem-o-retorno-da-producao-pre-crise-quais-as-atividades-agora-suspensas-que-você-gostaria-de-que-não-fossem-retomadas/>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

LEMO, Vinicius. **A farsa dos caixões vazios usados para minimizar mortes por covid-19**. BBC News Brasil, São Paulo, 08 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52584458>. Acesso em 04 de abril de 2021.

LORD, M. G. **Forever Barbie: the unauthorized biography of a real doll**. [S.I.]: Walker Books, 2004. 336 p

LOVISI, Pedro. Pela primeira vez, **Brasil registra mais de mil mortes por COVID-19 em 24 horas. Estado de Minas, 19 de maio de 2020**. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/05/19/interna\\_nacional,1148811/pela-primeira-vez-brasil-registra-mais-de-mil-mortes-por-covid-19.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/05/19/interna_nacional,1148811/pela-primeira-vez-brasil-registra-mais-de-mil-mortes-por-covid-19.shtml). Acesso em: 04 de abril de 2021.

MEIRELLES, Fernando. **Ensaio Sobre a Cegueira**, Direção: Fernando Meirelles. Produção de Niv Fichman. Estados Unidos: 20th Century Fox. 2008.



**MEU Malvado Favorito.** Direção de Pierre Coffin, Chris Renaud. Estados Unidos: Universal Pictures; Illumination Entertainment, 2010.

**O POÇO.** Direção de Galder Gaztelu-Urrutia. Espanha: Basque Films, Mr. Miyagi Films e Plataforma La Película A.I.E, 2020.

PALACIO, Eduardo e FADDUL, Juliana. **Famílias enfrentam a dor do luto e de enterros sem velório durante a pandemia.** CNN Brasil, São Paulo, 23 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/06/05/familias-enfrentam-a-dor-do-luto-e-de-enterros-sem-velorio-durante-a-pandemia>>. Acesso em 11 de abril de 2021.

PROGRAMA TRAJETÓRIAS INTELECTUAIS BRASIL E ÁFRICA. **Frantz Fanon e Lélia Gonzalez: o antirracismo da psicanálise,** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KIXLLmVKJCo>>. Acesso em: 1 abr. 2021

**RELEMBRE 10 vezes que Bolsonaro atacou a Coronavac.** Agência O Globo, São Paulo. 18 de Janeiro de 2021. Disponível em: <<https://saude.ig.com.br/2021-01-18/relembre-10-vez-que-bolsonaro-ataco-a-coronavac.html>>. Acesso em 31 de maio de 2021.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?.** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, Mirian Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento.** São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.

RUDGE, A. M. (1999). **As fantasias oníricas, para que servem? Estados Gerais da Psicanálise.** *Psyche*, 3(4), 63-72. Recuperado em 5 abr. 2020, de <[http://egp.dreamhosters.com/EGP/114-as\\_fantasias\\_oniricas.shtml](http://egp.dreamhosters.com/EGP/114-as_fantasias_oniricas.shtml)>.

SALLES, João Moreira. **A morte e a morte: Jair Bolsonaro entre o gozo e o tédio.** Jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-morte-no-governo-bolsonaro/>> Acesso em: 08 ago. 2020.

SALLUM, Alessandra Carvalho Abrahão. **A representação simbólica do nojo em tempos de isolamento social.** *Investigação Filosófica*, Macapá, v. 11, n. 2, p. 117, 14 ago. 2020. Universidade Federal do Amapá.

SASTRE, Angelo; DE OLIVEIRA, Claudia Silene Pereira; BELDA, Francisco Rolfsen. **A influência do “filtro bolha” na difusão de Fake News nas mídias sociais: reflexões sobre as mudanças nos algoritmos do Facebook.** *Revista GEMInIS*, v. 9, n. 1, p. 4-17, 2018.

SCHWARCZ, L. M. **Raça, cor e linguagem. O racismo e o negro no Brasil: questões para psicanálise.** São Paulo: Perspectiva. 2017.

SILVA, M. L. **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise.** Perspectiva, São Paulo, 2017.

SOUZA, Jussara; CAMBI, Jeniffer; VIEIRA, Lais. **Relatoria de cinco encontros da “Roda de Conversa Sobre Sonhos”** (de 08 de maio até 24 de junho do ano de 2020) Projeto de Extensão Universitária Unifesp – Baixada Santista, Santos, SP, Brasil, aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unifesp (PROEX) em jun. 2020, cadastrado com Código PROEX: 17774 em <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/siex-frame>.

**SUBSTITUTOS**. Direção: Jonathan Mostow. Produção de Touchstone Pictures. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 2009.

TARJA, Alex. **Todos nós vamos morrer um dia: veja falas de Bolsonaro sobre o coronavírus**. UOL, 01 de maio de 2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm>. Acesso em 11 de abril de 2021.

**THE WALKING DEAD**. Direção: Frank Darabont. Estados Unidos: AMC Studios, Circle of Confusion, Skybound Entertainment, Valhalla Entertainment, Idiot Box Productions, 2010. Disponível em: Netflix. Acesso em: 4 abr. 2021.

**TRÊS pessoas morreram após usarem "kit covid" em São Paulo**. IG Notícias, São Paulo, 23 de março de 2021. Disponível em: <https://saude.ig.com.br/2021-03-23/tres-pessoas-morreram-apos-usarem--kit-covid--em-sao-paulo.html>. Acesso em 31 de maio de 2021.

UNESCO. **Declaração sobre a raça e os preconceitos raciais**. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Paris, 1978.

## **APÊNDICE 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Título do Projeto de Pesquisa: Produção Onírica de Estudantes Universitários em Tempos Pandêmicos e o Cenário Político Brasileiro

Pesquisadora Responsável: Jaquelina Maria Imbrizi

Pesquisadora assistente: Gabrielle Raposo Chaves

Local onde será realizada a pesquisa: Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa acima especificada. O convite está sendo feito a você porque participou das reuniões de discussões oníricas sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jaquelina Maria Imbrizi. Sua contribuição é importante, porém, você não deve participar contra a sua vontade.

Antes de decidir se você quer participar, é importante que você entenda porque esta pesquisa está sendo realizada, todos os procedimentos envolvidos, os possíveis benefícios, riscos e desconfortos que serão descritos e explicados abaixo.

A qualquer momento, antes, durante e depois da pesquisa, você poderá solicitar maiores esclarecimentos, recusar-se a participar ou desistir de participar. Em todos esses casos, você não será prejudicado, penalizado ou responsabilizado de nenhuma forma.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Jaquelina Maria Imbrizi e com o auxiliar de pesquisa Dimitry Fernandes, no telefone celular (11) 99382-1224 e e-mails [jaquelina.imbrizi@unifesp.br](mailto:jaquelina.imbrizi@unifesp.br) e [gabrielle.rc@outlook.com](mailto:gabrielle.rc@outlook.com). Este estudo foi analisado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo ou se estiver insatisfeito com a maneira como o estudo está sendo realizado, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de São Paulo, situado na Rua Botucatu, 740, 5. andar (sala 557) CEP 04023-900, Vila Clementino, São Paulo/SP, telefones (11) 5571-1062 ou (11) 5539-7162, às segundas, terças, quintas e sextas, das 09:00 às 12:00hs ou pelo e-mail [cep@unifesp.br](mailto:cep@unifesp.br)

Todas as informações coletadas neste estudo serão confidenciais (seu nome jamais será divulgado). Somente o pesquisador e/ou equipe de pesquisa terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo. Os dados coletados serão utilizados apenas para esta pesquisa. Você participou de atividades vinculadas à Ação de Extensão Rodas de Conversa sobre sonhos, a qual

foi gravada. O material da gravação será transcrito, analisado e apresentado em forma de capítulo de um Trabalho de Conclusão de Curso.

Após ser apresentado(a) e esclarecido(a) sobre as informações da pesquisa, no caso de aceitar fazer parte como voluntário(a), você deverá rubricar todas as páginas e assinar ao final deste documento elaborado em duas vias. Cada via também será rubricada em todas as páginas e assinada pela pesquisadora responsável, devendo uma via ficar com você, para que possa consultá-la sempre que necessário.

### **INFORMAÇÕES IMPORTANTES QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE A PESQUISA**

- ✓ **Justificativa para realização da pesquisa:** Espera-se contribuir para o conhecimento sobre análise de sonho e a tornar conhecida situação vivida pelos estudantes durante o enfrentamento de uma pandemia e crises políticas durante o seu processo de formação;
- ✓ **Objetivos da pesquisa:** Organizar em formato de livro o material produzido nas Rodas de Conversa Sobre Sonhos;
- ✓ **População da pesquisa:** Discentes que participaram da Roda de Conversa sobre Sonhos;
- ✓ **Procedimentos aos quais será submetido(a):** Os relatos presentes nas relatorias geradas, bem como as gravações das reuniões, serão analisadas pela pesquisadora assistente à luz da análise de sonhos da psicanálise e os conteúdos produzidos serão utilizados na composição de um livro que será objeto de apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso e com vistas a ser publicado futuramente;
- ✓ **Riscos em participar da pesquisa:** O receio de ter seus sonhos e subjetividade tornados públicos apesar das precauções para manter o sigilo quanto a sua identidade; como você já participou da roda de conversa sobre sonhos este receio pode ser desconsiderado, como também, já foram evitados possíveis constrangimentos referentes ao compartilhar a produção onírica.
- ✓ **Benefícios em participar da pesquisa:** Ter seus sonhos analisados, ajudando a compreender um pouco mais sobre a própria subjetividade, contribuir para o desenvolvimento científico no aspecto dos sonhos e permitir que se tome conhecimento quanto às dificuldades que os discentes enfrentam durante o processo de formação no curso e universidade em análise;
- ✓ **Privacidade e confidencialidade:** Todos os nomes serão trocados e será excluído qualquer conteúdo que permita a dedução da identidade do sonhante;
- ✓ **Acesso a resultados parciais ou finais da pesquisa:** Será permitido, a qualquer momento, a consulta do desenvolvimento dos textos e a apreciação do material final antes da sua publicação;

✓ **Custos envolvidos pela participação da pesquisa:** a participação na pesquisa não pode envolver custos ao participante, tampouco compensações financeiras. Se houver gastos, como de transporte e alimentação, eles deverão ser ressarcidos pelo pesquisador responsável;

✓ **Danos e indenizações:** Se ocorrer qualquer problema ou dano pessoal durante ou após os procedimentos aos quais o Sr. (Sra.) será submetido(a), lhe será garantido o direito a tratamento imediato e gratuito pelo pesquisador, não excluindo a possibilidade de indenização determinada por lei, se o dano for decorrente da pesquisa.

### Consentimento do participante

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo em participar desse estudo como voluntário(a) de pesquisa. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, que li ou foram lidos para mim, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação e esclareci todas as minhas dúvidas. Foi-me garantido que eu posso me recusar a participar e retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade. Autorizo a divulgação dos dados obtidos neste estudo mantendo em sigilo a minha identidade. Informo que recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e assinadas por mim e pelo Pesquisador Responsável.

Nome \_\_\_\_\_ do(a)

participante: \_\_\_\_\_

Endereço; \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_; CPF: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ local e

data: \_\_\_\_\_

### Declaração da pesquisadora

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimentos Livre e Esclarecido deste participante (ou representante legal) para a participação neste estudo. Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome da Pesquisadora: Jaquelina Maria Imbrizi

Assinatura:  Local/data: \_\_\_\_\_

Nome do \_\_\_\_\_ auxiliar de pesquisa/testemunha:

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local/data: \_\_\_\_\_

Presenciei a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do participante. Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: \_\_\_\_\_; Assinatura: \_\_\_\_\_